

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA-
PROFHISTÓRIA**

JUSSANDRO FERREIRA DE MELO

**DA FAZENDA JACOBINA A VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE:
Um Roteiro Histórico-Cultural para a realização de
“Aula de Campo” na Fronteira Oeste de Mato Grosso.**

**Cuiabá - UFMT
Junho - 2020**

JUSSANDRO FERREIRA DE MELO

**DA FAZENDA JACOBINA A VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE:
Um Roteiro Histórico-Cultural para a realização de
“Aula de Campo” na Fronteira Oeste de Mato Grosso**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para qualificação do Mestrado Profissional em
Ensino de História Orientadora: Professora
Doutora Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo
Gomes.

Cuiabá - UFMT

junho 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFHISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Da Fazenda Jacobina a Vila Bela da Santíssima Trindade: Um Roteiro Histórico-Cultural para a realização de “Aula de Campo” na Fronteira Oeste de Mato Grosso

AUTOR (A): MESTRANDO (A) Jussandro Ferreira de Melo

Dissertação defendida e aprovada em **29 de junho de 2020**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes - Presidente da
banca/Orientador(a)

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Prof(a). Dr(a). Renilson Rosa Ribeiro – Examinador(a) Interno(a)

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Prof(a). Dr(a). Carina Martins Costa – Examinador(a) Externo(a)

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof(a). Dr(a). Osvaldo Rodrigues Junior – Suplente

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ/MT, 29/06/2020.

Documento assinado eletronicamente por **RENILSON ROSA RIBEIRO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 20/07/2020, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **OSVALDO RODRIGUES JUNIOR, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 04/08/2020, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **NILEIDE SOUZA DOURADO, Coordenador(a) do Mestrado Profissional em História - IGHD/UFMT**, em 17/08/2020, às 20:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **JUSSANDRO FERREIRA DE MELO, Usuário Externo**, em 26/08/2020, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **CRISTIANE THAIS DO AMARAL CERZOSIMO GOMES, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 09/09/2020, às 20:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2686542** e o código CRC **E6DB26E3**.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar as relações existentes entre o ensino de História e a Educação Patrimonial através de aulas de campo realizadas com estudantes do Ensino Médio, na Fronteira Oeste de Mato Grosso. Com o intuito de construir um roteiro histórico-cultural de visitação, no percurso de Cuiabá a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, este trabalho desenvolve um estudo sobre a história de Mato Grosso, no período colonial, a partir da segunda metade século XVIII, destacando os principais lugares de memória dessa região mato-grossense, tombados pelo patrimônio histórico estadual e federal. Para isso foram eleitos três lugares de visitação, como pontos privilegiados de memória, que, por si só contam boa parte da história colonial de Mato Grosso: *A Fazenda Jacobina*, fundada em 1769, o *Marco do Jaurú*, localizado na cidade de Cáceres, antiga Vila Maria do Paraguai, fundada em 1778, culminando com a antiga capital de Mato Grosso, *Vila Bela da Santíssima Trindade*, fundada em 1752. Esses lugares conservam traços de um período de disputa de domínios coloniais entre portugueses e espanhóis na fronteira oeste de Mato Grosso. Tomando por base o diálogo com a historiografia de Mato Grosso, referência no estudo regional, bem como uma diversificada bibliografia sobre a educação patrimonial e a utilização de aulas de campo em ensino de História, buscamos criar um vínculo entre o conhecimento da história local, o trabalho realizado em sala de aula e as visitas aos lugares considerados fontes de pesquisa histórica deste estado. Criamos para isso um roteiro, que será transformado em produto final para servir de orientação para professores do ensino básico. Essa análise pretendida se concretiza através de experiências adquiridas ao longo de várias visitas com alunos aos lugares estudados na presente pesquisa.

Palavras-Chave: Ensino de História Regional; Aula de Campo; Educação Patrimonial.

ABSTRACT

This research is aiming at analyzing the relations between the teaching of History and Heritage Education through field classes carried out with high school students in the Western Frontier of Mato Grosso. In order to build a historical-cultural visitation itinerary, on the route from Cuiabá to the city of Vila Bela da Santíssima Trindade, this work develops a study on the history of Mato Grosso in the Colonial Period, from the second half of the 18th century, highlighting the main places of memory of this region of Mato Grosso, protected by the state and federal historical heritage. To this end, three places of visitation were chosen as privileged points of memory, which, in themselves, tell a good part of the colonial history of Mato Grosso: Fazenda Jacobina, founded in 1769; Marco do Jaurú, located in the city of Cáceres and ancient Vila Maria do Paraguay, founded in 1778. The tour leads up to the ancient capital of Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, founded in 1752. These places retain traces of a period of dispute between Portuguese and Spanish over colonial areas on the western border of Mato Grosso. Based on the historiography of Mato Grosso which is a reference in the regional study, as well as a diversified bibliography on heritage education and the use of field classes in history teaching, we seek to create a link between the knowledge of local history, the classroom work and visits to places considered sources of historical research in this state. Therefore, we created a historical-cultural visitation itinerary, which will be transformed into a final product to serve as a guide for primary school teachers. This intended analysis is achieved through experiences acquired over several tours, with the students, to the places studied in this research.

Key-words: Teaching Regional History; Field Class; Patrimonial Education.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre me mostrar o caminho certo.

Na realização desse mestrado, várias pessoas estiveram presentes o tempo todo, direta ou indiretamente são responsáveis pela realização desse sonho. Sendo assim, gostaria de agradecer através de algumas palavras, a importância que tiveram e ainda tem, na minha trajetória.

Gostaria de agradecer a meus pais Manoel e Maria, aos meus filhos, Roberth, Ilana e Thawane pela compreensão, ao serem privados em vários momentos da minha companhia, e pelo apoio que deles recebi, me estimulando nos momentos de desânimo. Obrigado por sempre desejarem o melhor pra mim, pelo esforço que fizeram para que eu conseguisse superar vários obstáculos e chegar até aqui. A vocês, sou eternamente grato a cada momento.

Minha gratidão especial a Prof^a Dr^a Cristiane Thais do Amaral Cezosimo Gomes, minha querida orientadora. Obrigado pela pessoa e profissional que é. Obrigado pela sua dedicação, que fez com que, por muitas vezes deixasse de lado seus momentos de descanso para me orientar e me ajudar. E principalmente, obrigado por ter acreditado e depositado sua confiança em mim. Sem sua orientação, apoio confiança e amizade nada disso seria possível.

Sou grato a todo corpo docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em especial aos que integram o ProfHistória, que sempre transmitiram seu saber com muito profissionalismo. Aos professores doutores Renilson Rosa Ribeiro e Osvaldo Rodrigues Júnior pela leitura e contribuições no momento da qualificação deste trabalho.

Minha gratidão a Professora Eliana Aparecida da Costa Marques, pois foi através dela que conheci o trajeto ao qual esse estudo se refere. Obrigado por ter me convidado para fazer parte do seu projeto, pois a partir dele, me despertou o interesse por Vila Bela e seu trajeto.

Não poderia deixar de agradecer a Professora Rafaelly Yasmine, pois foi ela quem me incentivou a me inscrever na seleção de ingresso nesse mestrado, quando eu mesmo não pensei ser capaz de fazê-lo.

Por fim, à todos meus colegas de curso, que dividiram com muito carinho e amizade as noites de sextas, manhãs e tardes de sábado sem nunca esmoecer ou desanimar, minha admiração e agradecimentos, sobretudo, aos que levo como meu círculo particular de confrades: Jhuan Cláudio Matos de Oliveira, Gabriel Filipe Cassol Cortez Ferreira, Carlos Eduardo de Andrade Marchi, André Brito, Renato Cavalcante Da Silva, Igor Iury Jurubeba Santos e Ricardo José Astral. À vocês meus camaradas, salut!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Estudante do Ensino Médio fazendo entrevista com uma Moradora de Vila Bela da Santíssima Trindade.	27
Figura 2- Estudante do ensino médio entrevistando membro da Dança do Congo em 2018.	28
Figura 3- Publicação do trabalho de aula campo pela Revista Camalote	29
Figura 4-Réplica do Marco do Jauru.....	29
Figura 5- Réplica do casarão da Fazenda Jacobina.....	30
Figura 6- Maquete das Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela, a Igreja de São Benedito e a praça no centro de Vila Bela da Santíssima Trindade.	31
Figura 8- Alunos de uma Escola Estadual confeccionando maquetes para apresentação. 2018	32
Figura 9- Maquete em construção da Igreja Matriz de Cáceres.	33
Figura 10- Maquete do Marco do Jauru com a Igreja Matriz de Cáceres ao fundo.....	33
Figura 11 - Foto da antiga Fazenda Jacobina, fundada no século XVIII.	39
Figura 12- Vista atual da antiga Fazenda Jacobina, fundada no século XVIII, no ano de 1769	39
Figura 13- Vista atual da Fazenda Jacobina.....	41
Figura 14 - Antiga Fazenda Jacobina.....	43
Figura 15 Aula de campo realizada na Fazenda Jacobina	52
Figura 16- Mapa geográfico mostrando a localização de cáceres, no estado de Mato Grosso ...	55
Figura 17- Marco do Jauru, localizado na Praça Barão do Rio Branco	57
Figura 18 Aparência bege do Marco do Jauru	60
Figura 19- O Marco do Jauru instalado na Praça Barão do Rio Branco	60
Figura 20- Marco do Jauru transladado para a Praça da Matriz, em 2 de fevereiro de 1883.....	64
Figura 21— O Marco e a Catedral em construção	64
Figura 22-: aula de campo com alunos de uma Escola Estadual de Cuiabá	65
Figura 23- planta de Vila Bela da Santíssima Trindade.....	68
Figura 24- Localização geográfica de Vila Bela da Santíssima Trindade	69
Figura 25- Vila Bela da Santíssima Trindade	75
Figura 26- Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade	79
Figura 27- Praça de Vila Bela da Santíssima Trindade, com as rínas da antiga catedral.	80
Figura 28 – Mapa atual da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.....	81
Figura 29- Vista aérea da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade	82
Figura 30- As ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade.	85
Figura 31- Fotografia da Rua do Fogo (Vila Bela da Santíssima Trindade)	86

Figura 32— Festança de Vila Bela, junção da cultura negra e crença religiosa.....	88
Figura 33- Peregrinação da Bandeira do Divino Espírito Santo	93
Figura 34- Encenação da dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade	97
Figura 35— Dança do Congo em Vila Bela da Santissima Trindade-MT.....	99
Figura 36- Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade	101
Figura 37— Dançantes do Congo em frente as ruínas da Igreja Matriz	101
Figura 38- Garrafa de Kanjinjim.....	104
Figura 39– Dançarinas do Chorado	106
Figura 40— Dançarina com garrafa de Kanjinjin na cabeça.....	111
Figura 41- Dançarinas em frente a uma aparente Igreja	112
Figura 42– Circularidade da Dança	112

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
CAPITULO I..... O DESAFIO DA AULA DE CAMPO E A APLICABILIDADE DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.....	16
A aula de campo como metodologia de ensino e investigação histórica	16
Por uma Educação Patrimonial	19
CAPÍTULO II.....	35
A FAZENDA JACOBINA: o Patrimônio Histórico de Mato Grosso	35
A Fazenda Jacobina: da Casa-Grande a escravidão em Mato Grosso	42
Uma fazenda escravocrata comandada por uma mulher	47
A Fazenda sob o comando de João Pereira Leite.....	49
A presença do líder da Sabinada na Fazenda Jacobinada	50
Uma nova experiência de ensino-aprendizagem.....	50
Caminhando pela Fazenda Jacobina	51
CAPITULO III - A CIDADE HISTÓRICA DE CÁCERES.....	54
Uma visita ao Marco do Jaurú	54
O Marco do Jauru: um monumento histórico transportado para Cáceres	56
O trabalho de visitação ao Marco do Jaurú.....	64
CAPITULO IV - VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: da fundação ao tombamento histórico-cultural da primeira capital de Mato Grosso.....	67
A fundação da primeira capital de Mato Grosso.....	67
A organização administrativa da Capitania de Mato Grosso	74
A construção de Vila Bela da Santíssima Trindade	75
O processo de Tombamento de Vila Bela da Santíssima Trindade	78
CAPITULO V - A “FESTANÇA” DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE:	
A cultura e patrimônio histórico de Mato Grosso.....	79
As Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela	84
A Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade	86
A Festa do Divino Espírito Santo	92

A Dança do Congo	97
A Dança do Chorado.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
BIBLIOGRAFIA.....	117

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho de pesquisa tem como proposta desenvolver um estudo sobre a antiga Fazenda Jacobina, a cidade de Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade, constituídas no século XVIII, com o objetivo de produzir um roteiro histórico-cultural, como instrumento didático-pedagógico e sua aplicabilidade em aulas de campo e/ou viagens de estudos, na fronteira oeste de Mato Grosso.

Com este estudo busco apresentar sugestões e possibilidades de aula de campo que o estado de Mato Grosso oferece, como fonte de pesquisa e reflexão sobre o período de sua constituição sociocultural, no período colonial, e o que ainda permanece como patrimônio histórico nesta região. Com o intuito de enriquecer as aulas de campo de professores de História, do ensino médio, o enfoque desta pesquisa se dá a partir da Educação Patrimonial realizada nos lugares de memória nesta região de Mato Grosso.

Para desenvolver esta proposta de produção do conhecimento histórico, o ingresso no Mestrado Profissional em História – PROFHISTÓRIA, no ano de 2018, da Universidade Federal de Mato Grosso, foi fundamental. A partir de leituras, apontamentos e discussões com os docentes do Programa e colegas de turma do Mestrado, as ideias foram se aperfeiçoando e, aos poucos, tomando forma e se concretizando através do trabalho de pensar e repensar o presente objeto de pesquisa. Enfim, a possibilidade de colocar em prática algo que só existia como uma ideia aos poucos foi se constituindo em realidade. Nesse sentido, o Mestrado Profissional ofereceu as ferramentas necessárias e de suma importância para a minha formação, enquanto pesquisador e docente de História do ensino fundamental e médio, principalmente para colocar em prática esta temática ora em estudo.

Para isso, essa análise no âmbito da formação e experiência na área de¹ prática de ensino de história, recorri aos estudos de Mesquita e Fonseca que abre a perspectiva do papel do professor como sujeito transformador desse processo, conforme análise as autoras citadas:

Pensar a formação de professores é, para nós, debater alternativas que possibilitem uma formação pedagógica comprometida com o rompimento e a desconstrução de verdades absolutas, de práticas tradicionais, como a que reforça os papéis de professor-transmissor e aluno-receptor. Esperamos contribuir para a reflexão sobre a formação acadêmica do professor de História e o papel do professor como sujeito transformador e construtor de saberes e práticas de ensino. Desejamos, ainda, contribuir para a reorganização das relações entre as universidades e escolas de ensino

¹ MESQUITA, I. M. de; FONSECA, Selva G. Formação de professores de História: experiências, olhares e possibilidades. Revista História, UNISINOS, Vol. 10 Nº 3 - setembro/dezembro de 2006, p. 334.

fundamental e médio, na perspectiva de estabelecer o diálogo e (re)construir um trabalho de cooperação mútua.

A partir da minha experiência docente na prática do ensino de História, especificamente para o nível médio, em escolas públicas da cidade de Cuiabá, tenho como proposta um estudo que venha contribuir para as aulas de campo, iniciando este trabalho com discussões teóricas acerca da prática de ensino voltada para a educação patrimonial, como método de enriquecimento das aulas de História Regional e do Brasil. Nessa perspectiva, evidenciar o patrimônio histórico-cultural do estado de Mato Grosso, como lugares de memória e reminiscências do século XVIII, seguindo o roteiro de viagem de Cuiabá a Vila Bela da Santíssima Trindade, na atualidade.

Para realizar esse projeto de estudo de campo na fronteira oeste de Mato Grosso, foi eleita a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, a fim de conhecer a primeira capital mato-grossense, fundada em 1752, e a sua tradicional festa realizada pela comunidade negra desta cidade setecentista no mês de julho de cada ano. O percurso histórico-cultural entre Cuiabá e Vila Bela, iniciou na Fazenda Jacobina, fundada no ano de 1769, importante latifúndio escravocrata do período colonial brasileiro em terras mato-grossenses, localizada a 20 quilômetros de Cáceres, em direção a Cuiabá. Dando continuidade a esse itinerário de aula de campo, a visitação ao Marco do Jaurú, na cidade de Cáceres, foi fundamental para compreender a disputa de territórios entre portugueses e espanhóis no século XVIII, em terras mato-grossenses. Esse monumento está localizado na Praça Barão do Rio Branco de Cáceres, antiga Vila Maria de Albuquerque, fundada em 1778. Por fim, o ápice dessa viagem de estudo aconteceu com a nossa chegada em Vila Bela da Santíssima Trindade e o contato dos alunos com as ruínas da Igreja Matriz e com a comunidade desta cidade, observando a sua cultura e seus modos de vida, crenças e tradições.

Para Raquel Rolnik, os espaços ou os lugares de memória historicamente guardam um vínculo intrínseco com uma subjetividade coletiva e específica, com significados e percepções deixadas durante processo de construção desta territorialidade, vivida e experienciada por diferentes sujeitos sociais, configurando-se espacialmente. Assim os espaços ou os lugares de memória estão carregados de história, memória e experiências.

Defendo o papel específico e catalizador para o espaço. Quando a variável espaço entra na história, coloca-se uma questão teórica e metodológica. Porque o espaço, a configuração física, esta materialidade é uma variável histórica e uma variável teórica. Porque o espaço pode ser uma fonte, da

mesma forma que um arquivo, um papel no arquivo, um registro. Ele funciona como uma fonte na medida em que se lê, na história da organização do espaço da cidade, as formas da organização do trabalho, as formas de relação social, etc.²

A fronteira oeste de Mato Grosso é formada por cidades históricas do século XVIII, importantes espaços de memória, tombados pelo Patrimônio Histórico cultural do estado de Mato Grosso e governo federal, que ainda conservam traços do período colonial brasileiro. Essas antigas realidades socioculturais proporcionam um ambiente educacional específico aos estudantes de todos os níveis, numa perspectiva de reflexão histórica acerca de sua participação como agentes ativos da história, promovendo a conscientização dos mesmos sobre a preservação desses espaços de memória nesta antiga região de fronteira mato-grossense.

Enfim, com o objetivo de favorecer a compreensão do tema que norteia este trabalho de pesquisa, na forma de como se apresentam os contornos da experiência docente, na prática de ensino de História no ensino médio, dentro do contexto das aulas de campo e viagens de estudo no estado do Mato Grosso, este trabalho foi dividido em cinco capítulos, que servirão de roteiros históricos para futuras aulas de campo nesta região, abrindo perspectivas para elaboração e ampliação dessa proposta.

No Capítulo I desenvolvo um estudo sobre a aula de campo e a Educação Patrimonial como metodologia de ensino e investigação histórica nos lugares de memória, bem como os desafios da aplicabilidade da experiência e conhecimentos adquiridos como atividade final de ensino aprendizagem pós-campo, apresentada à comunidade estudantil da escola, onde se desenvolveu tal projeto.

No Capítulo II, a partir de discussão historiográfica busco reconstruir historicamente a fundação da Fazenda Jacobina e a importância de inclusão desta na aula de campo realizada com os alunos de ensino médio, destacando pontos importantes para serem discutidos e visitados com os mesmos na aula de campo nesta unidade produtiva escravocrata de outrora.

No Capítulo III, destaca-se o estudo sobre das disputas entre espanhóis e portugueses na fronteira oeste de Mato Grosso, realizando um estudo sobre Marco do Jaurú, localizado na praça da cidade de Cáceres, antiga Vila Maria do Paraguai.

No Capítulo VI, desenvolve-se um estudo histórico e historiográfico sobre a instalação

² ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? Salvador, UFBA/Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992, p. 28.

da primeira capital de Mato Grosso, a sua relação com a metrópole portuguesa, bem como a sua localização estratégica e importância na disputa dos domínios portugueses e espanhóis nesta região.

No Capítulo V, apresento a Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade, sua importância para o patrimônio material e imaterial de Mato Grosso e um roteiro de visitação e informações detalhadas sobre festa tradicional vivenciada e experienciada pela comunidade negra desta antiga capital de Mato Grosso.

Enfim, como produto final deste trabalho apresento a proposta de produção e publicação de um E-book, diagramado para leitura e aprovação da banca de defesa, anexo a esta dissertação de Mestrado.

CAPITULO I

O DESAFIO DA AULA DE CAMPO E A APLICABILIDADE DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

A aula de campo como metodologia de ensino e investigação histórica

Em se tratando de metodologia, primeiramente é necessário levar em consideração que este estudo tem como base a questão do patrimônio histórico e cultural o que pede pela observação presencial dos fenômenos estudados por parte dos pesquisadores e interessados, no caso o professor e seus alunos e sua presença nestes locais no caminho entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. Portanto este estudo será formado por um misto de revisão de literatura e experiência de campo.

Conforme Pontuschka (1994)³ a *aula de campo* é uma proposta pedagógica que surgiu a partir da corrente anarquista de pensamento por meio das chamadas escolas livres, proposta esta que encontrou larga aceitação em todas as escolas, independente de serem públicas ou privadas embora tenha sido alterada e adequada aos objetivos educacionais de cada época, principalmente a partir do movimento da Escola Nova e Escola Tecnicista.

Defende-se que por meio dessa abordagem pedagógica seja possível criar um ambiente educacional que favoreça o engajamento dos alunos, reduzindo desta forma os níveis de absenteísmo e aumentando o desempenho dos alunos no tocante as notas. Em outras palavras, a aula de campo, enquanto complemento da aula teórica pode fazer com que os estudantes se vejam como agentes ativos da História e não apenas como meros coadjuvantes.

Sendo assim, o roteiro eleito para a presente proposta de aula de campo foi pensado e repensado, dentro das possibilidades de tempo e espaço para a realização dos trabalhos de visitação e estudos dos patrimônios/monumentos. Assim, o projeto foi construído com a programação específica para as atividades de aula de campo ser realizada a bom termo, com duração da viagem de estudo de quatro dias, no percurso de Cuiabá a Vila Bela da Santíssima Trindade, com aproximadamente hum mil quilômetros, entre ida e volta. Participaram desse

³ PONTUSCHKA, NibiaNacib. **A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares**. São Paulo, 1994. p280. Tese (Doutorado em Educação), USP.

projeto quatro professores e quarenta alunos do ensino médio, onde a viagem foi realizada por um ônibus de quarenta e seis lugares.

No processo de construção desse projeto foi delimitado, *a priori*, juntamente com alunos e professores, estudos e discussões, realizados em sala de aula, sobre o patrimônio histórico-cultural e os seus desdobramentos, na forma do viés material e imaterial. O estudo sobre a história de Mato Grosso, no período colonial, a partir de pesquisa bibliográfica com base na historiografia regional. No segundo momento, identificar e refletir, por meio de visitas presenciais, aos principais monumentos históricos situados ao longo do trajeto entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. No terceiro momento, a exposição da viagem de estudos na Feira do Conhecimento da escola, com a exposição de maquetes dos principais monumentos históricos visitados e estudados.

A aula de campo foi iniciada na Fazenda Jacobina e cidade de Cáceres, encerrando em Vila Bela da Santíssima Trindade, como ápice dessa viagem de estudo, cidade onde ocorre a chamada “Festança”, na qual é possível observar apresentações de Dança do Congo e do Chorado. E por fim, estabelecer uma ponte entre escola e população local, a fim de criar neles uma consciência acerca da importância da preservação dos monumentos históricos.

Muitos educadores evitam usar as aulas de campo como uma estratégia para a construção do conhecimento histórico, alegando ser trabalhosa e que seria muita responsabilidade sair do ambiente escolar com estudantes adolescentes. De fato, não é uma tarefa simples, e também é verdade que, ao extrapolar os muros da escola com os estudantes, a responsabilidade dos mesmos passa a ser do professor. Além disso, a organização de uma aula de campo nos obriga a sair da zona de conforto, e se aventurar por lugares ao qual nem sempre é possível prever exatamente o que irá acontecer. Assim, é preciso que o professor, ao se propor a esse tipo de atividade, fique atento a algumas regras, para que seu trabalho não se transforme em algo desagradável.

Assim como qualquer atividade pedagógica, é no planejamento que se encontra a fórmula para o sucesso para a aula de campo. Para que possam ser alcançados os objetivos esperados, em termos de aprendizagem necessita ser bem planejada. Definir metas, objetivos, estratégias, entre outros passa a ser uma necessidade nesse tipo de atividade.

Antes de tudo, é preciso preparar os alunos, a escola e os responsáveis para a atividade de aula de campo. Isso é necessário porque, pois se trata na maioria das vezes de adolescentes. Sendo assim, os pais e/ou responsáveis precisam autorizar a participação dos mesmos. São necessárias realizações de reuniões para informá-los sobre o local, a distância e o tempo que o trabalho de campo levará. No caso da aula de campo proposto nesse trabalho, trata-se de uma

distancia considerável entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. Normalmente são quatro dias que os estudantes passam longe de casa, na companhia de professores. Para eles, muitas vezes é um momento único, tendo em vista que não raro é a primeira vez que passarão esse tempo longe dos pais. Mas para os pais, pode ser um momento de preocupação, exatamente pelo mesmo motivo. É preciso que se crie entre pais, alunos e professores um laço de confiança, o que requer muita responsabilidade por parte dos professores responsáveis pela viagem de estudo.

Outro empecilho a ser superado, quando se trata de escola pública e de periferia é a questão financeira. Isso porque quase nunca a mantenedora dessas unidades escolares disponibilizam recursos necessários para o custeio do transporte, da alimentação e da hospedagem dos alunos fora da escola. Além disso, nem sempre os pais dos alunos dispõem de recursos necessários para bancar a participação dos filhos em atividades dessa espécie. Assim, algumas estratégias podem ser elaboradas no sentido de sanar tal dificuldade. Festival de pizzas, rifas e almoços tem sido algumas das estratégias usadas para arrecadar o valor necessário para a realização desse trabalho.

Vencidas as etapas burocráticas, é preciso que o professor trabalhe com os alunos no sentido de deixar claro os objetivos a serem alcançados na aula de campo. Isso é necessário para que não se passe a ideia de que se trata apenas de um "passeio". É muito comum que eles pensem isso. Cabe ao professor estabelecer regras a serem cumpridas e objetivas. Assim, trabalhar os conteúdos em sala de aula passa a ser de enorme importância.

Conforme Callai et al,

Vale lembrar aqui que durante o tempo em que se desenvolve todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o "fazer pelo fazer" apenas⁴.

Segundo Zoratto e Hornes, "essas possibilidades permitem ao discente experimentar e desenvolver outras inteligências que nem sempre são contempladas e incentivadas na sala

⁴ CALLAI, Helena C. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda a escola? Terra Livre - Paradigmas da geografia Parte I. São Paulo: AGB, n. 16, 1º sem./2001, p. 133-152.

de aula”⁵.

A Aula de Campo é uma ferramenta didática que contribui na superação desse desafio, pois além de aproximar a teoria da realidade, vincula a leitura e a observação, situações e ações que, associadas à problematização e à contextualização encaminhadas pelo docente, ampliam a construção do conhecimento pelo aluno.⁶

Sendo assim, não se deve desprezar essa etapa do trabalho de campo, pois, trata-se talvez da mais importante delas. Ao tomar ciência e ter a clareza de o que irá fazer, os estudantes entenderão que não se trata de um momento de descontração, e sim de uma oportunidade para a construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, pode-se afirmar, a maneira como o professor irá trabalhar com os alunos, no período que antecede a ida aos lugares de memórias, fará a diferença para garantir o sucesso do trabalho de campo, fase importante nesse processo.

Por uma Educação Patrimonial

O que envolve a delimitação de metas e objetivos específicos junto a professores e estudantes, tendo em mente o contexto de uma aula de campo, com o propósito de despertar o interesse dos mesmos para a História Local e Regional do estado de Mato Grosso, o que sem dúvida pode ser adaptado para outros contextos e realidades socioculturais da Educação Patrimonial. Visto que questões como a conscientização acerca da conservação e valorização do patrimônio histórico e cultural, seja ele material ou imaterial pode ser visto como um papel que compete a todos os cidadãos.

Sobre a importância do ensino da História Local e Regional, Selva Guimarães Fonseca diz que “o local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens”⁷. Nessa perspectiva de discussão, Fonseca complementa ainda com o seguinte comentário:

⁵ZORATTO, Fabiana Martins Martin; HORNES, Karin Linete. Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia. In: Desafios das escolas públicas do Paraná na perspectivas do professor PDE, Cadernos PDE, Versão Online, 2014.

⁶ Idem.

⁷FONSECA, Selva Guimarães. **Estudo da história local e fontes orais**. Revista História Oral, v. 9, n. 1, p. 125 141, jan.-jun. 2006, p. 127.

Assim, o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante⁸.

A título de exemplo, não existiria uma preocupação em relação a preservação da Fazenda Jacobina e das ruínas da Igreja de Vila Bela da Santíssima Trindade, sem uma cultura de preservação do patrimônio histórico e cultural. É preciso despertar essa consciência.

Conforme Funari e Pelegrini⁹, a palavra *Patrimônio* possui origem latina, derivada do termo *patrimonium*, significando tudo o que pertence ao “*pater*”, pai (de família). No entanto, deve ser levado em consideração que a sociedade romana possuía características e particularidades que a distinguem de forma significativa das sociedades contemporâneas, como é o caso dos escravos, mulheres e filhos, que eram vistos como um bem e, assim sendo, parte do patrimônio¹⁰.

Portanto, atualmente o patrimônio pode ser visto de duas formas distintas, na forma do legado que é deixado para herdeiros enquanto bens de valor material determinado pelo mercado, e bens de um cariz mais emocional, como fotografias, livros e ícones religiosos, e que podem ser elencados em testamento como patrimônio de certo indivíduo.¹¹

No entanto, de acordo com Funari e Pelegrini¹² o conceito de patrimônio também possui sentidos mais profundos, como é o caso do patrimônio espiritual ou não-material. Remontando ao exemplo anterior, todos os ensinamentos transmitidos de geração em geração podem ser considerados como uma forma de patrimônio, o que pode envolver receitas culinárias e outras tradições culturais, como festas e danças típicas, ou seja, o patrimônio imaterial.

⁸ Idem.

⁹ FUNARI, P.P.A., PELEGRINI, S.C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.11.

¹⁰ FUNARI, P.P.A., PELEGRINI, S.C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.11.

¹¹ idem.

¹² Ibidem.

Atualmente se considera patrimônio histórico tudo aquilo que é produzido pelo homem ao longo de sua trajetória em um determinado espaço e lugar, deixando de lado a ideia de que somente os feitos de grandes personalidades precisam ser eternizados. Essa produção torna-se, ao longo do tempo um instrumento indispensável para o estudo do passado desse lugar e dessa sociedade. Assim, os patrimônios são considerados indispensáveis para manter viva a memória de um passado, seja ele qual for. Nesse sentido,

Patrimônio histórico designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de objetos que congregam pertences comuns ao passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos¹³.

Assim entende-se como patrimônio histórico um vasto conjunto de coisas, podendo ser desde simples manifestações culturais e artísticas, de uma determinada sociedade até edificações, objetos e obras de arte – sendo importantes peças a serem conservadas, por representarem parte de uma cultura e modo de vida de uma época. Não se pode negar que os patrimônios constituem verdadeiros testemunhos de uma sociedade.

Toda essa produção humana, porém, deixa de cumprir seu papel na sociedade quando essa sociedade desconhece o simbolismo contido nela. De nada adianta a preservação de uma construção milenar, por exemplo, se as pessoas que convivem ao redor dela não se importar ou não tiver noção do valor histórico da mesma. Dessa maneira, uma manifestação cultural por mais bela que seja, corre o risco de desaparecer se as gerações futuras não se interessarem em dar continuidades, após os praticantes atuais não serem mais capazes de expressar.

A educação patrimonial se faz necessária, pois a partir do conhecimento de uma determinada sociedade sobre seu patrimônio, é possível se construir uma relação de identidade ou de alteridade com o local. Esse conhecimento se torna então um dos vários caminhos que poderá dar a essa sociedade alternativas de continuidade ou mudanças na que diz respeito a preservação ou mudanças de sua condição política e social. Entendemos assim, que a educação patrimonial deve servir ao estudante e ao cidadão como forma de criar significado ao que, até então, não passa de “construções antigas” e sem significado. Com relação ao princípio da educação patrimonial,

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento

¹³CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2003.

individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de educação patrimonial busca despertar jovens, crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural¹⁴.

Acredita-se que, a partir da educação patrimonial, as camadas da população até então descartadas do processo de formação da memória nacional, poderão tomar para si o que de fato lhes pertence. Pois muito do desinteresse pelo assunto é oriundo da falta de conhecimento acerca dos patrimônios que os cercam, pois “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”¹⁵.

Voltando a questão que norteia esta pesquisa, é possível afirmar que o conhecimento acerca da importância do patrimônio cultural do estado do Mato Grosso, seja ele material ou imaterial é de extrema importância para que uma dinâmica de aula de campo direcionada para alunos do ensino médio no tocante à disciplina de História se desenvolva a contento.

O que envolve a realização de pesquisas bibliográficas e visitas presenciais aos principais monumentos históricos que podem ser abordados e apresentados a terceiros, como a Fazenda Jacobina, e a Vila Bela da Santíssima Trindade, possibilitando desta forma construir uma simbólica ponte entre a escola e a população local, a fim de criar nos alunos uma consciência quanto à importância da preservação dos monumentos históricos.

Conforme Horta, Grunberg e Monteiro¹⁶ a importância da educação patrimonial reside no fato de que a partir do conhecimento de uma sociedade em matéria de seu patrimônio, seja ele material ou imaterial, torna-se possível estabelecer uma relação de identidade ou alteridade com o local. É o caso de Vila Bela da Santíssima Trindade, uma cidade que foi fundada no século XVIII, quase que exclusivamente por afro-descendentes, portanto, a cidade possui uma série de particularidades culturais, históricas e religiosas que resultam em uma relação quase mística entre a população negra, a cidade, a Igreja e suas festividades que ainda permanecem neste antigo espaço urbano.

¹⁴ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia de educação patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999, p. 6.

¹⁵ FREIRE, 1987, p.30

¹⁶ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia de educação patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999, p. 6.

E segundo Horta, Grunberg e Monteiro¹⁷ tais conhecimentos podem ser considerados como caminhos que fornecem à coletividade, alternativas de continuidade ou mudança à preservação ou quebras de paradigma no tocante a sua condição política e social. Portanto, compreende-se que a educação patrimonial tem o papel de servir ao estudante e ao cidadão como forma de criar significado ao que até então, não passava de antigas construções sem significado.

Portanto, o que deve ficar claro é que uma proposta de estudo de campo, com o intuito de enriquecer aulas de História, tendo como metodologia a Educação Patrimonial, não precisa ficar restrita apenas ao campo do lazer e do passeio meramente cultural. Tal proposta, se for bem estruturada, será capaz de fazer com que diferentes camadas da população, que se encontram descartadas do processo de formação da memória nacional, tomem para si o que de fato lhes pertence, pois “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”¹⁸

Uma das conclusões extraídas dessa realidade é que a presente pesquisa nasceu de uma angústia pessoal que me acompanha desde o momento em que terminei a minha graduação em história. Digo isso, pois acreditava que ao término do curso de formação para professor de história, por mais que se tratava de um curso de licenciatura plena e bacharelado, já sabíamos que a sala de aula seria nosso local de atuação. Nesse caso, seria quase um *expert* no que se tratava da História de Mato Grosso, ledô engano. Além disso, lembro-me que durante o curso de ensino médio também não tive a oportunidade de estudar sobre a história local.

Atualmente, na condição de professor de História do ensino fundamental e médio em escolas públicas de Cuiabá, percebi a necessidade de proporcionar aos alunos sob a minha responsabilidade uma educação histórica que não contemplasse somente a história global ou mesmo do Brasil como um todo. Muito pelo contrário, tinha certeza de que o meu dever poderia ir além, pois era preciso que meu trabalho fosse capaz de ressignificar o sentido histórico para os estudantes, e isso seria possível no momento em que eles se sentissem como agentes ativos da história, e não somente como meros expectadores.

A partir dessa visão, compreendo que, por meio da educação patrimonial, o ensino de História na educação básica, teria mais a contribuir com o papel de reconstruir historicamente o patrimônio cultural dos municípios mato-grossenses, por meio dos elementos que formam a particularidade de cada lugar e definem a identidade cultural de seus habitantes. Afinal

¹⁷Idem.

¹⁸ FREIRE, 1987, p.30

podemos estudar o Brasil colonial e imperial em nossa própria região. Diantes disso, essa realidade não pode ser vista apenas como uma responsabilidade perante o passado histórico dessas comunidades, mas perante ao seu próprio futuro.¹⁹

Portanto, em suma é possível dizer que o propósito da pesquisa pretendida surgiu a partir da observação do papel dos patrimônios históricos na memória das pessoas que habitam no trajeto de Cuiabá a Vila Bela da Santíssima Trindade. Por meio das aulas de campo realizadas com os alunos, pude verificar que grande parte dessa população não compreende a importância dos monumentos, com os quais convivem quase que diariamente, por desconhecerem a história desses lugares de memória, daí a importância de criar essa consciência nas novas gerações através do ensino de história.

Nesse sentido, relato o caso de um cidadão que em visita a Fazenda Jacobina, respondeu não entender o motivo desta propriedade estar sendo preservada, quando questionado sobre a importância da preservação, defendendo que “o estado deveria se preocupar com coisas mais importantes, e não com construções antigas, caindo aos pedaços”. O que reforça a importância da criação de uma educação patrimonial, atrelada à disciplina de História, operando como uma porta de entrada para o desenvolvimento da consciência de preservação do bem patrimonial e cultural desses importantes lugares de memória.

A aplicabilidade do conhecimento histórico: um desafio do professor

Por diversas vezes tive a oportunidade de levar os alunos que estavam sobre minha responsabilidade a visitar a Primeira Capital de Mato Grosso. Sempre considerado pela comunidade escolar como um projeto audacioso, o trabalho incluía ainda outros pontos históricos e lugares de memórias que se encontravam no trajeto até a antiga cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, iniciando a visitação na Fazenda Jacobina e cidade de Cáceres.

Não se trata de um trabalho fácil de ser executado. Diversos fatores contribuem para que as dificuldades fossem algo que pudesse desencorajar aqueles que não tivessem muita vontade de ir além da sala de aula. Mas como se diz, “se fosse fácil não teria graça”, sempre superamos todos esses empecilhos e sempre, na medida do possível, conseguimos alcançar nossos objetivos.

A primeira dificuldade encontrada para a execução do trabalho era o fato de os alunos, em sua maioria serem menores de idade. Afinal, não se trata de uma atividade simples. Por se tratar de um projeto maior, como foi mencionado anteriormente, o tempo de duração da

¹⁹ ITAQUI, José. Educação Patrimonial: a experiência da 4ª Colônia. Santa Maria: Palloti, 1998.

viagem foi de quatro dias, saindo de Cuiabá por volta das oito horas da manhã de uma sexta-feira, retornando somente na noite da segunda-feira seguinte. Em nossa última incursão, Partimos de Cuiabá no dia 13 de julho de 2018, e chegamos a Vila Bela por volta de 20:00 horas do mesmo dia. Nesta cidade ficamos hospedados em uma escola estadual, onde professores e alunos ficaram responsáveis pela preparação do alimento que iríamos consumir naquela noite. Após concluídas as atividades planejadas para essa etapa do trabalho, como visitas aos locais de memórias, entrevistas com moradores, além de assistir as apresentações culturais, retornamos no dia 16 de julho para a cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, cumprindo assim os quatro dias de pesquisa, conforme planejamento.

Como dito anteriormente, é um trabalho em que os estudantes passam alguns dias sob a responsabilidade dos professores e longe dos pais. Isso fazia com que a maioria dos pais se sentissem receosos de permitir que seus filhos participassem do trabalho. Para que esse fator fosse minimizado, os professores envolvidos no projeto, juntamente com a coordenação da escola se reuniram com os pais dos alunos, a fim de expor a importância da participação dos mesmos. Na ocasião eram expostos todos os procedimentos adotados, tanto em relação a segurança dos alunos e professores quanto em relação as metodologias a serem usadas para que o trabalho em questão alcançasse os objetivos esperados. Também era solicitado que dois ou mais pais/responsáveis para fazerem parte do grupo. Solicitação essa nem sempre atendida, ficando restrita quase sempre assegurada a participação dos professores, que eram de áreas distintas. Na última realização do trabalho participaram quatro professores das disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Educação Física.

Outra dificuldade encontrada para a execução da aula de campo proposta estava relacionada à questão financeira. Nem sempre as unidades escolares do estado dispõem de recursos para custear os trabalhos que envolvem atividades habituais e regulares. Mesmo que tal atividade seja planejada com bastante antecedência e incluída nas ações pedagógicas a serem executadas durante o ano letivo, esse recurso quase nunca é disponibilizado pela mantenedora dessas unidades escolares.

E, por se tratar de uma escola de periferia, em que a maioria dos alunos não possui condições financeiras de arcar com uma despesa extra dessa natureza, algumas ações foram executadas pelos envolvidos, no sentido de arrecadar os recursos financeiros necessários. Entre essas ações foi organizada a venda de pizzas promocionais, onde alunos e professores que participariam dessa atividade extraescolar tinham uma quantidade estabelecida para vender a fim de arrecadar recursos para a viagem de estudo. Além da realização de rifas e eventos em que a comunidade escolar foi convidada a participar.

Enfim, superadas essas dificuldades, chegou o dia da tão planejada aula de campo. Os alunos sempre se mostravam muito felizes por estar participando de uma atividade diferenciada do ambiente escolar público. Para alguns, era a primeira vez que estariam longe dos pais e da própria cidade de Cuiabá, e isso os deixavam preocupados e cheios de expectativas, mas, ao mesmo tempo, felizes.

Logo que chegamos na Fazenda Jacobina, era perceptível a cara de espanto da maioria dos alunos e até de alguns professores. Estar diante de um monumento histórico como aquele, que só tinham visto em livros e fotos, a eles apresentados em sala de aula, os deixaram maravilhados. Era possível perceber que, para aqueles que estavam ali, e que já tinham visto na teoria a importância daquele lugar de memória, já não se tratava mais de apenas uma construção antiga e sem nenhum significado.

Pelo contrário, a teoria agora aliada a prática os tinham transformados de meros expectadores, a verdadeiros protagonistas da história. Tanto é verdade que certa aluna me chamou e disse: “E pensar que meus antepassados, na condição de escravizados, ajudaram na construção de tudo isso aqui né professor!?”. É nesse sentido que o ensino de história através das aulas de campo ganha importância. Ao fazer com que essa aluna de apenas 14 anos de idade tivesse essa percepção de que a história daquele lugar havia sido construída por gente comum, e não pelos grandes personagens, o objetivo havia sido cumprido. Pois, de acordo com Circe Bittencourt,

Para a maioria das propostas curriculares, o ensino de História visa contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, para que o aluno adquira uma postura crítica em relação a sociedade em que vive. As introduções dos textos oficiais reiteram, com insistência, que o ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática²⁰.

Assim, percebe-se que, a partir da fala da aluna, que, conforme afirmou E. P. Thompson “a história é uma disciplina de diferentes olhares e interpretações de uma determinada realidade sociocultural”²¹, agora, com a aula de campo colocada em prática percebe-se que a estudante realizou a sua própria interpretação histórica e produção intelectual, atingindo o objetivo principal do nosso projeto de estudo de campo.

²⁰ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2º ed. São Paulo Cortez, 2008. p.69

²¹ THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 208.

Como não poderia ser diferente, a chegada em Vila Bela é o momento mais esperado por todos os envolvidos no projeto. E logo que chegamos avistamos as ruínas da igreja matriz, um monumento que remete seus espectadores a momentos distantes e ao mesmo tempo presente aos amantes da História. Também ali, é possível logo na chegada avistar a casa dos capitães gerais, além de outros espaços de memória.

O momento de visitação dos espaços de memória, talvez seja entre todos o mais importante. Sem menosprezar os demais, é nesse momento específico que os estudantes/pesquisadores entram em contato diretos com os monumentos e pessoas que estão em contato permanente com eles. Por esse motivo, essa fase do projeto não pode ser tratada de qualquer maneira, pois corre o risco dos estudantes perderem o foco de seus objetivos. É preciso que o professor deixe claro quais objetivos devem ser alcançados e qual o papel de cada um dos envolvidos. Assim, cabe ao professor a missão de levá-los a pensar, elaborar conceitos e levantar hipóteses a respeito desse espaços de memória. Assim, a ideia de que estão fazendo apenas um passeio turístico é descartado e conseguem perceber que são grandes as possibilidades de aprendizados. Para tanto, o professor como um mediador de conhecimento, dando aos estudantes a possibilidade de autonomia.



Figura 1- Estudante do Ensino Médio fazendo entrevista com uma Moradora de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: acervo do autor



Figura 2- Estudante do ensino médio entrevistando membro da Dança do Congo em 2018.
Fonte: cervo do autor

Após a fase de visitação aos monumentos, é imprescindível que se faça a conclusão do projeto. Isso pode ser feito de varias maneiras, desde que seja feito uma leitura e interpretação crítica dos espaços observados. Pode-se extrair o conhecimento dos alunos por meio de produção de relatórios, feiras culturais, exposições, teatros, construção de maquetes, elaboração de jornais, mesas redondas, divulgação dos conhecimentos adquiridos por meio da rádio escolar, entre outros. Esse é o momento em que a comunidade escolar tem acesso ao conhecimento produzido pelos estudantes durante a execução do projeto. Além de ser o momento ideal para alunos e professores se auto-avaliarem e relembrar cada passo, com seus erros e acertos. Dessa maneira, a realização de feiras de conhecimento pode se tornar os espaços ideais para a divulgação desses resultados.

Planejadas juntamente com a coordenação da Escola, as exposições aconteceram em datas pré-estabelecidas, com os alunos divididos por grupos de acordo com as pesquisas feitas durante as visitas aos espaços de memória. Cada grupo, além de elaborar textos e artigos, ficou responsável pela confecção de maquetes e cartazes que seriam expostos aos visitantes. É preciso lembrar, que esse momento é de acesso livre a toda a comunidade escolar, ou seja, não restrito apenas aos estudantes, mas também aos pais e outros membros da comunidade, e também sendo amplamente divulgado por revista de circulação nacional, como é o caso da Revista Camalote, que na sua edição nº 65 de dezembro de 2013/janeiro de 2014, dedicou 5 páginas para a do trabalho.



Figura 3- Publicação do trabalho de aula campo pela Revista Camalote

Fonte: <http://www.revistacamalote.com.br/edicoes-antiores/edicao-65-dez13jan14-50#jornal/page49>

A seguir, o registro de trabalhos feitos pelos estudantes, na fase de conclusão do projeto de aula de campo, ou seja, o trabalho pós-campo



Figura 4- Réplica do Marco do Jauru feita em papelão para apresentação em Feira do conhecimento, organizado pela Escola
Fonte: Acervo do Autor

A imagem acima representa o Marco do Jaurú. Essa miniatura foi feita por um grupo de alunos do 1º Ano do Ensino Médio que participaram deste projeto de aula de campo na fronteira oeste de Mato Grosso, 2018. Com o intuito de apresentar para a comunidade escolar o resultado dos estudos obtidos com o trabalho, os estudantes usaram papelão, cola e tinta como matéria prima para a construção da maquete. No dia da apresentação, o grupo se revezou para explicar aos visitantes da exposição o significado e a importância desse monumento histórico no processo de delimitação territorial da antiga capitania de Mato Grosso.



Figura 5- Réplica do casarão da Fazenda Jacobina, elaborada em papelão e apresentada por alunos em Feira do Conhecimento em outubro de 2018.
Fonte: acervo do Autor.

Essa foto representa o trabalho elaborado por outro grupo de alunos do 1º Ano do Ensino Médio, participantes deste projeto de aula de campo realizado na Fazenda Jacobina. Usando papelão, cola, tinta e madeira, os estudantes construíram uma maquete do casarão da Fazenda Jacobina para ser usada nas apresentações na Feira do Conhecimento, no ano de 2018. Usando a miniatura acima e os escritos elaborados a partir da visita a esse espaço de memória feita por eles através da aula de campo, os estudantes explicavam aos visitantes da feira sobre a História do local, assim como a importância de manter viva essa memória através da preservação desse monumento e de todo o seu entorno.



Figura 6- Maquete das Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela, a Igreja de São Benedito e a praça no centro de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fonte: Acervo do Autor.



Figura 7- Maquete da ruína da Igreja Matriz de Vila Bela, a Igreja de São Benedito e a praça no Centro de VilaBela da Santíssima Trindade, feita por alunas para apresentação em feira do conhecimento em 2017. Fonte: Acervo do Autor

Usando isopor, palitos de madeira, argila, cola, tintas, plásticos e brinquedos, a foto acima representa o trabalho elaborado por um grupo de alunos do 3º Ano do Ensino Médio, como trabalho pós-campo. Com o objetivo de reproduzir em tamanho reduzido parte do centro histórico de Vila Bela da Santíssima Trindade na feira de ciências, os estudantes usaram a maquete para expor à comunidade escolar parte do aprendizado adquirido com a aula de campo proporcionada pelo projeto aqui apresentado. A oportunidade de obtenção de

conhecimento a que eles tiveram acesso passou a fazer parte da sua vida escolar, além de transformá-los em agentes multiplicadores desse conhecimento. Fato esse evidenciado na dedicação dos mesmos ao elaborar o material que seria usado nas apresentações, assim como observou-se nas falas dos mesmos aos demais alunos e pessoas membros da comunidade escolar, que estavam prestigiando o evento escolar.



Figura 7- Alunos de uma Escola Estadual confeccionando maquetes para apresentação. 2018
Fonte: Acervo do Autor

Na imagem acima, podemos observar um grupo de estudantes do Primeiro ano do Ensino Médio no momento da construção de uma maquete que seria usada por eles durante a apresentação na Feira do Conhecimento, organizada pela instituição escolar. Feita no contraturno escolar, os estudantes estão usando como matéria prima materiais como isopor, tinta e cola, para a construção do que seria a representação das ruínas da igreja Matriz de Vila Bela. Tal feito se tornou possível a partir dos estudos realizados com as visitas a esta cidade histórica do século XVIII, proporcionada pelo projeto de aula de campo.



Figura 8- Maquete em construção da Igreja Matriz de Cáceres. 2018
Fonte: Acervo do Autor



Figura 9- Maquete do Marco do Jauru com a Igreja Matriz de Cáceres ao fundo. Confeccionado por alunos para apresentação em feira do conhecimento em 2018.
Fonte: Acervo do Autor

Essa foto representa o trabalho elaborado por um grupo de alunos do Ensino Médio de uma escola Estadual do Município de Cuiabá. Elaboradas para representar a Igreja Matriz de Cáceres e o Marco do Jaurú, as maquetes acima foram construídas com isopor, cola e tintas e foram usadas pelos estudantes durante a apresentação na Feira do Conhecimento, organizada pela escola, com o intuito de mostrar para a comunidade escolar o resultado dos estudos e das pesquisas feitas pelos estudantes com a orientação dos professores que participaram do

projeto de viagem de estudos na fronteira oeste de Mato Grosso. Com o conhecimento apreendido pelos alunos durante as aulas que antecederam a visita esses espaços de memórias, assim como no momento da visita, os estudantes se instrumentalizaram para serem multiplicadores dessa experiência, sempre explicitando aos visitantes do evento escolar a necessidade de preservação desses espaços, para assim, manter viva a memória de um tempo histórico, onde estão as bases da sociedade mato-grossense.

Diante do que foi apresentado, fica evidente que a relação existente até então entre o que o professor de História ensina e o que a maioria dos alunos entendem, modificou-se. A História, nesse sentido, não é mais uma ciência do passado. Não é simplesmente conhecer o passado por conhecer. Mas antes disso, cria-se no indivíduo em formação uma nova identidade, um sentimento de pertencimento à sua realidade sociocultural.

De fato, ao se pensar sobre a relação entre a expectativa dos alunos e a prática dos professores da educação básica, buscam-se caminhos para que o ensino de história seja capaz de construir um aprendizado significativo e possa representar uma via importante na formação dos alunos, possibilitando-lhes instrumentos para compreenderem o mundo e sua própria inserção nele. Não se trata mais de somente apreender o conteúdo para “se dar bem nas provas”, vai além disso.

O papel do professor de História agora é outro e muito mais abrangente, principalmente enfrentando os desafios das novas tecnologias de informação e comunicação que cercam a sociedade e a realidade dos estudantes. O professor, ao perceber que seu trabalho está sendo o responsável por essa transformação, fica com a sensação de dever cumprido também.

Por isso a importância de favorecer aos estudantes novas experiências de ensino-aprendizagem, e o estudo de campo é uma forma de promover a reflexão histórica individual e coletiva e de conscientização da preservação dos lugares de memória e de preservação do patrimônio histórico-cultural regional e nacional.

CAPÍTULO II

A FAZENDA JACOBINA: o Patrimônio Histórico de Mato Grosso

Professor, já passei várias vezes por essa rodovia, mas nunca tinha prestado atenção nessa construção. Para mim, se tratava apenas de uma fazenda velha e sem muito valor, já que aparentemente ela não produz nada. Mas agora que tive estamos aqui eu percebo que ele tem muito mais valor do que eu imaginava²².

São essas questões que nos levam, enquanto professores, a perceber o quanto as visitas aos locais históricos são importantes para fazer com que os alunos percebam a importância desses espaços de memória e dos significados históricos de seus monumentos. O que antes não passava para eles de “coisas sem valor” se transformam em lugares de memória com valores e significados socioculturais inestimáveis.

Diante dessa realidade, percebe-se que boa parte da falta de interesse da população em geral, não só de estudantes, com relação ao patrimônio histórico, está exatamente na falta de conhecimento, do valor e da representatividade que se esconde por trás desses lugares de memória. Por consequência desse desinteresse, está, também, a falta de consciência em relação a preservação. Pois o que é ignorado, não desperta o interesse pela perpetuação.

Nesse sentido, as aulas de campo podem se tornar uma grande aliada dos educadores, no que diz respeito ao conhecimento da história regional, bem como proporcionar aos alunos o interesse em conhecer a sua própria história, individual e coletiva, despertando um sentimento de pertencimento a terra e de valorização das raízes de sua própria cultura. Isso porque, ao entrar em contato com os espaços de memória, é possível que o educando de fato se aproprie dessa memória e, a partir dela, consiga perceber que a história não foi construída por grandes personagens apenas, mas por homens e mulheres, sujeitos comuns na história, que, de alguma maneira participaram e/ou influenciaram nos rumos da sociedade.

Nesse capítulo, pretendo desenvolver um estudo histórico-cultural sobre a Fazenda Jacobina e a importância da aula de campo no processo de ensino-aprendizagem e educação patrimonial. Diante desta perspectiva, construir um roteiro de estudos para professores de história, a partir da experiência realizada com alunos do ensino médio nesta antiga

²²Fala de um aluno após uma visita programada a Fazenda Jacobina no ano de 2017.

propriedade escravocrata, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do estado de Mato Grosso, bem como a organização e práticas de uma viagem de estudo nesse lugar de memória.

A aula de campo pode se tornar uma ferramenta pedagógica indispensável na superação dos desafios a que o professor possa se deparar, principalmente o desinteresse pela disciplina por parte dos alunos. Os espaços de memórias estão carregados de significados, que passarão a fazer sentido no momento que esta realidade histórica regional seja incluída no rol de conhecimento do estudante.

Por sua essência, a realização de uma aula de campo não é tarefa fácil, ainda mais quando se trata do ensino básico. Isso porque os estudantes dessa faixa educacional são em sua grande maioria menores de idade. Assim, nossa responsabilidade se torna ainda maior. No entanto, a importância desse tipo de ação pedagógica se justifica quando verificamos que ele representa a concretização de uma prática iniciada em sala de aula. Ou seja, a aula de campo nada mais é do que uma culminância de algo largamente estudado e debatido previamente. A partir disso ficam mais claros os desafios e perspectivas de cada um dos alunos. Assim,

A Aula de Campo é uma ferramenta didática que contribui na superação desse desafio, pois além de aproximar a teoria da realidade, vincula a leitura e a observação, situações e ações que, associadas à problematização e à contextualização encaminhadas pelo docente, ampliam a construção do conhecimento pelo aluno. Essas possibilidades permitem ao discente experimentar e desenvolver outras inteligências que nem sempre são contempladas e incentivadas na sala de aula²³.

Ao aproximar a teoria estudada em sala de aula com a prática das aulas de campo, o professor estará, na verdade, proporcionando ao educando, significados que até então não era perceptível, uma vez que os livros didáticos, muitas vezes, deixam na memória de seu leitor, uma impressão de que a história é algo distante de sua realidade. Assim, quando a aula de campo é vista como ferramenta metodológica, importante para o processo de ensino e aprendizagem, o caminho para o desenvolvimento do aluno, não só na escola, como em toda a sociedade, ganha um novo significado.

O simples contato com esses espaços de memória é capaz de fazer uma conexão entre a teoria estudada nos livros e nos espaços escolares, tornando-o um ser crítico acerca dos processos históricos a que ele tem acesso pelos meios tradicionais de ensino. Esse é um dos papéis do ensino de História, formar cidadãos críticos, com capacidade de questionar “certas

²³ZORATTO, Fabiana Martins Martin. Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde artigos. 2014

verdades” já sedimentadas em seu processo de formação. Segundo Fernández, ao tratar sobre aprendizagem, de forma geral argumenta que:

[...] o processo de ensino – aprendizagem é uma integração dialética entre o instrutivo e o educativo que tem como propósito essencial contribuir para a formação integral da personalidade do aluno. O instrutivo é o processo de formar homens capazes e inteligentes. Entendendo por homem inteligente quando, diante de uma situação problema ele seja capaz de enfrentar e resolver os problemas, de buscar soluções para resolver as situações. Ele tem que desenvolver sua inteligência e isso só será possível se ele for formado mediante a utilização de atividades lógicas. O educativo se logra com a formação de valores, sentimentos que identificam o homem como ser social, compreendendo o desenvolvimento de convicções, vontade e outros elementos da esfera volitiva e afetiva que junto com a cognitiva permitem falar de um processo de ensino – aprendizagem que tem por fim a formação multilateral da personalidade humana²⁴.

Quem passa pela BR-364 com destino à cidade de Cáceres, pode nem perceber a imensa propriedade histórica localizada às margens dessa estrada, a *Fazenda Jacobina*, o tesouro que ali se encontra instalado desde o período colonial brasileiro. Trata-se de um local de memória que remete aos tempos de glória da elite colonial de Mato Grosso, ao mesmo tempo em que era carregado de exploração e submissão para aqueles que tinham a missão de trabalhar e carregar os fardos do desenvolvimento de uma região distante dos grandes centros. Isso porque, a exemplo de outras regiões do país, aqui também se utilizou em larga escala a mão de obra escrava. Claro que, é preciso entender as particularidades da então capitania de Mato Grosso quanto ao sistema escravista, pois como afirma Volpato,

O estudo dessas relações tem sido prejudicado pela excessiva facilidade em que se fizeram generalizações, quando conclusões adequadas a um caso específicos são utilizadas para explicar o sistema escravista para todo o Brasil. O estudo de casos específicos, por sua vez, não pode ser feito sem ter as coordenadas mais amplas que, inclusive, explicam a existência do próprio sistema. A facilidade em se fazerem generalizações, bem como o desprezo por discussões mais amplas tem permitido a radicalização de enfoque no estudo da escravidão no Brasil²⁵

Aos olhos do leigo, se trata apenas de uma fazenda antiga, com seu casarão velho que não desperta interesse. Somente após ser levado a viajar no tempo e conhecer a história do

²⁴ FERNÁNDEZ, Fátima Addine. O Processo Ensino-Aprendizagem. Didáctica y Optimización Del Proceso de Enseñanza-Aprendizaje. IN: Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño. La Havana, Cuba, 1998

²⁵ VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Cativos do Sertão: Vida cotidiana e escravidão em Cuiabá: 1850 / 1888. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993, p. 117.

local, o indivíduo perceberá que ali se encontra muito do que diz respeito à formação da sociedade mato-grossense. Acredito que esse deva ser o papel do ensino de História, no que diz respeito à Educação Patrimonial.

Nesse sentido, a partir do momento em que o aluno se apropria do conhecimento em relação a esses lugares, ele é capaz de entender que o que está ali à sua frente tem um valor que pode mudar sua maneira de ver o mundo. Ao fazer isso, o professor não estará fazendo nada de novo, e nada que esteja além de suas obrigações. Ora, tal atividade é prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando o mesmo destaca que:

Uma visita através de aula de campo pode suscitar o debate sobre como acontece a preservação do patrimônio cultural da localidade onde vivem, relacionando-os com as memórias e identidades locais, regionais, nacionais e/ou mundiais. O debate pode girar em torno de como é preservada essa ou aquela memória, como são fortalecidas ou não as identidades locais ou regionais, como as pessoas contribuem em seu cotidiano para a preservação dos patrimônios, como preservar depende da consciência, da cidadania, etc. Pode principalmente propiciar o debate sobre a relação entre o presente e o passado, já que a decisão sobre o que e como preservar pertence a cada geração.²⁶

Uma interpretação básica dos Parâmetros Curriculares já nos faz perceber que o ensino de História tem a possibilidade de abrir estudos e discussões a partir de temas e objetos próximos ao cotidiano do aluno. Isso pode facilitar para que o estudante perceba-se como parte integrante de um contexto histórico muito mais atraente aos seus interesses. Ao proporcionar isso, o professor estará fazendo com que o aluno perceba que os patrimônios históricos têm muito mais a ver com o mundo ao qual ele pertence do que ele imaginava, fortalecendo identidades locais e regionais e, conseqüentemente, sentimento de pertencimento a terra.

A *Fazenda Jacobina*, localizada a cerca de 230 quilômetros da capital, à margem esquerda da rodovia que liga a cidade de Cuiabá a Cáceres, é um desses espaços de memória que pode oferecer aos professores ferramenta para que o processo acima descrito se torne realidade. Isso porque a mencionada propriedade rural que hoje é um patrimônio histórico conserva traços e características do período colonial da História de Mato Grosso e do Brasil.

Nesta fazenda histórica, pode se observar o que de fato sobreviveu, como o casarão, ou a casa grande, e outros vestígios, são obras das mãos de homens e mulheres, que em sua maioria, vivia sob o regime de escravidão que vigorava em toda a colônia portuguesa na

²⁶ BRASIL, 1998, p. 91

América, em que, na maioria das vezes, apenas os grandes personagens são considerados os protagonistas na construção da memória e do “progresso” de maneira geral.

Assim, os alunos terão a oportunidade de ver e tocar nas paredes feitas em adobe, nas telhas feitas nas coxas dos negros escravizados, que, além de reviver um período de glória para os grandes fazendeiros, mas também, de observar o período de escravidão daqueles que de fato faziam com que esse processo de colonização em Mato Grosso pudesse ser vantajoso para a Coroa Portuguesa. Nas Figuras 2 e 3 é possível observar a aparência atual da Fazenda Jacobina, localizada no município de Cáceres, Mato Grosso.



Figura 10 - Foto da antiga Fazenda Jacobina, fundada no século XVIII, no ano de 1769, localizada no município de Cáceres-MT. Propriedade escravocrata estabelecida pelo português Leonardo Soares de Souza. Produtora de charque e açúcar para exportação.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Jacobina



Figura 11- Vista atual da antiga Fazenda Jacobina, fundada no século XVIII, no ano de 1769, localizada no município de Cáceres-MT.

Fonte: <http://www.portaldaeducativa.ms.gov.br/a-memoria-pantaneira>

Por se tratar de um local de memória que hoje faz parte do patrimônio histórico, busca-se manter preservados as principais características originais das construções e outros espaços que podem remeter ao tempo vivido sob outros regimes. Nesse aspecto, faz-se necessário incluir nesta discussão a Portaria N° 010/SEC/2007, que dispõe sobre o tombamento para o Patrimônio Histórico e Artístico Cultural do Estado de Mato Grosso a “FAZENDA JACOBINA” conforme os termos do documento a seguir:

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA DE MATO GROSSO, no uso das atribuições que lhe confere o art.71, II, da Constituição Estadual, combinada com a Lei n. 3.774, de 20 de setembro de 1976, e, Considerando que procedimentos referenciais técnicos constitutivos do Processo de Tombamento n°121/CPHC/07/SEC/MT, e estudos da Coordenadoria de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural concluem pela proteção dos bens, logradouros e paisagens inseridos no perímetro a ser tutelado pelo poder público estadual, conforme especificado no referido processo; Considerando que na forma estabelecida pelo art. 18, da Lei Estadual n° 3.774, de 20 de setembro de 1976, o bem tombado fica igualmente protegido de qualquer ação que lhe impeça ou reduza a visibilidade ou paisagem estética e ambiental, tanto do bem, quanto de sua área de entorno e vizinhança;

RESOLVE:

Art.1º

Tombar para o Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso, a “Fazenda Jacobina” no município de Cáceres, localizada à rodovia BR 070, a 25 km da cidade de Cáceres, com o objetivo de preservar as edificações ali presentes, pela sua significação histórica e artística para a comunidade e à memória mato-grossense, conforme o contido no memorial descritivo e na planta de localização do bem protegido pelo estado.

§ 1º

O perímetro do tombamento tem uma área delimitada de 1.928,50m², e com uma área de entorno e proteção (vizinhança) de 52.518,1566m².

§ 2º

Ficam sujeitos ao prévio exame e aprovação desta Secretaria todos os projetos que visem de qualquer modo, modificar ou alterar o bem tombado a fim de preservar suas características originais. Ficando igualmente sujeitos à prévia análise do órgão estadual os projetos relacionados à vizinhança (entorno) da área tombada, a fim de se proteger a sua visibilidade e ambiência.

Art.2º

Determinar que seja feita a inscrição no Livro do Tombo Histórico nos termos dos artigos 4º e 5º, da Lei Estadual nº3.774, de 20 de setembro de 1976.

Art. 3º

Determinar que sejam ratificadas as devidas notificações ao proprietário do referido bem cultural para os fins previstos na Lei nº 3.774, de 20 de setembro de 1976.



Figura 12- Vista atual da Fazenda Jacobina. Tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Mato Grosso, 2019.
Fonte: acervo dos proprietários.

Assim, destacando a importância da educação patrimonial na formação do estudante, uma aula de campo nesse espaço ganha maior significado para a história local e regional:

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural²⁷

Tendo em vista que a Educação Patrimonial no ensino de História viabiliza a formação

²⁷ Horta, Grunberg e Monteiro, 1999, p. 6.

de indivíduos capazes de conhecer a sua própria história cultural, as visitas a esses monumentos podem ao mesmo tempo subsidiar as ações pedagógicas dos professores e dar ao estudante bases para a formação de uma memória histórica carregada de significados. Isso porque,

Ao incluir nas ações pedagógicas questões referentes ao patrimônio, estaremos oferecendo subsídios para a construção do conhecimento e da valorização e preservação desses bens culturais, sejam eles materiais, imateriais, naturais ou construídos. Essas ações se tornam importantes no sentido em que os indivíduos precisam, para se reconhecerem e se diferenciarem de outros, de um “espelho” onde seja possível ver a própria vida, a própria cultura, a própria história e as próprias práticas e, com isso, construir a sua memória afetiva e sua identidade cultural²⁸.

Enfim, para se realizar a aula de campo é primordial um estudo precedente sobre o lugar a ser visitado, para subsidiar a construção do conhecimento a respeito do bem cultural onde se pretende realizar a viagem de estudo. Nesse caso, o estudo foi realizado em sala de aula, juntamente com os alunos participantes desse projeto, sobre a Fazenda Jacobina, destacando o tema escravidão no Brasil e no Mato Grosso, o primeiro ponto de visitação nesse percurso na fronteira oeste de Mato Grosso.

A Fazenda Jacobina: da Casa-Grande a escravidão em Mato Grosso

Estabelecida em 1769, pelo português Leonardo Soares de Souza, a Fazenda Jacobina foi por algum tempo o maior latifúndio da capitania de Mato Grosso. Grande produtora de açúcar e charque, o empreendimento era responsável não só pelo abastecimento local, mas também fornecia o produto a outras localidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, além de eventualmente exportar parte de sua produção para a Europa. Como afirma Pereira Leite,

A Jacobina era a mais rica fazenda da província, com território de quatro léguas em quadra, das quais dois quartos, quando muito, cultivados: o resto, de florestas virgens, lezírias e pastarias. A parte oriental é montanhosa: um ribeirão piscoso a corta de E. para O. e vai lançar-se no Paraguai, que dista umas quatro léguas. A fazenda é ainda abastecida de águas por diversos córregos que vão ter no ribeirão ou ao Paraguai²⁹

²⁸ GIARETTA, Sandra Marcia. Aplicabilidade da Educação Patrimonial no Ensino de História. Ed. Dialogar. São Paulo, 2017.

²⁹ LEITE, Pereira, 1978, p-39.

Para não fugir à regra de outros empreendimentos rurais no Brasil colonial, também em Mato Grosso, a Fazenda Jacobina, e posteriormente outras propriedades desse modelo foram construídas no modelo arquitetônico da casa-grande descrita por Freire. “A casa-grande de engenho que o colonizador começou, no século XVI, a construir no Brasil, não era nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, que correspondia ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português”³⁰.



Figura 13 - Antiga Fazenda Jacobina, visitada por Hercules Florence no início do século XIX.

Fonte: <http://www.diariodecaceres.com.br/exibir.php?noticia=71>

Sobre essa realidade Silva afirma que,

Na casa-grande era onde vivia o “senhor de engenho”, sua família e alguns agregados. Esses senhores exerciam um grande poder social, político e econômico na região. Além disso, eram proprietários de escravos e também de grandes extensões de terras e, ainda, costumavam a usar os casamentos e batizados para ampliar o patrimônio de suas famílias³¹.

Esse fato pode ser percebido em relação aos herdeiros da então Fazenda Jacobina. Ao receber em casamento a única filha do fundador da fazenda, Leonardo Soares de Souza, o coronel de milícias português, João Pereira Leite, aproveitou o prestígio que conquistou com

³⁰ FREIRE, 2006

³¹ SILVA, L. C.. O processo de nomeação das fazendas-engenhos de Cáceres-MT. Ave Palavra (UNEMAT), v. 11, p. 1-9, 2011

esse casamento junto à coroa portuguesa para aumentar suas posses de terras. Assim, como afirma Philippe Pereira Leite:

Além da Jacobina, possuía João Pereira Leite ainda dezoito sesmarias, das quais a menor de três léguas em quadra, mas incultas e só em seis ou sete delas, chamadas fazendas, havia um rancho miserável, o feitor com sua família, alguns camaradas e gados. A posse de tantas sesmarias fazia com que o tenente-coronel dissesse que tinha tantas terras quantas o rei de Portugal. Vê-se que ele pouco sabia de geografia³².

Também a exemplo do restante da colônia, a principal mão de obra utilizada na fazenda Jacobina era a de escravos de origem africana. Assim, como descreveu novamente Pereira Leite: “Duzentos escravos de trabalho dos dois sexos e sessenta crianças formavam toda a escravatura desse estabelecimento”³³. Também havia quase igual número de gente de fora entre agregados, crioulos, mulatos e índios, que trabalhavam mais ou menos para si, ou pagos pelo proprietário. Em tempos de fartura, a fazenda Jacobina chegou a contar com uma quantidade grande de cativos, se tornando dessa maneira grande dependente desse tipo de trabalhadores. Assim, é possível afirmar que sua decadência se deve, em partes, ao processo de abolição da escravatura no Brasil, e, final do século XIX.

Conforme Silva, o nome Jacobina tem sua origem em uma lenda relativa a um casal de índios chamados Jacob e Bina que moravam na região da fazenda, e é possível afirmar que não há nada de fantasioso nisso, devido a presença de tribos indígenas na região, cujo relato histórico mais importante nesse sentido se encontra na obra “Viagem Fluvial, do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829”, de Hércules Florence.³⁴ No entanto, também aponta para a existência de outras teorias que buscam determinar a origem do nome Jacobina, visto que existem outras localidades homônimas, como é o caso de Jacobina, na Bahia.³⁵

A Fazenda Jacobina, objeto de análise neste estudo, atualmente se encontra situada a aproximadamente 30 Km de Cáceres, em sentido Cuiabá. De acordo com Araujo³⁶, a história da Fazenda Jacobina está intimamente relacionada com as dinâmicas de ocupação da fronteira oeste pela Coroa Portuguesa. Chegando a despontar como a maior fazenda da Capitania de Mato Grosso desde a criação desta, em 1748, ao ser desmembrada da Capitania de São Paulo.

³² LEITE, Pereira, 1978, p-39.

³³ Idem

³⁴ SILVA, L. C. O processo de nomeação das fazendas-engenhos de Cáceres – MT. Mato Grosso: Revista Avepalavra. Ed. 11. p. 9. 2011. p.5.

³⁵ SILVA, L. C. O processo de nomeação das fazendas-engenhos de Cáceres – MT. Mato Grosso: Revista Avepalavra. Ed. 11. p. 9. 2011. p.6.

³⁶ CHAVES, O.R., ARRUDA, E.F. Cáceres: História e Memória. Editora UNEMAT, 2011, p.303.p.296.

A figura de Leonardo Soares de Souza e a localização de sua propriedade foram assim mencionadas na obra “Diário de Reconhecimento do Paraguai”, datada de 1786, e elaborada por Ricardo Franco de Almeida Serra:³⁷

Em 16 de Outubro saímos da Jacobina, roça do dito Leonardo, légua e meia andamos de leste e outra légua e meia quase ao norte, atravessando por formados vales a dita serra até sairmos por uma bocaína no fim dela; tem esta serra seis léguas e é altíssima, é a mesma que acompanhando o Paraguai desde as suas cabeceiras pelo lado do nascente vai terminar no Morro Escalvado com mais de 60 léguas de norte a sul, formando uma formosa cordilheira denominada serras do Paraguai.³⁸

Nesse sentido Souza³⁹ afirma que a localização da Fazenda Jacobina se deu pela influência da presença de um caudaloso rio, transformando-se em ponto de parada para viajantes que transitavam por aquelas paragens e referência em matéria da forma que uma fazenda pantaneira deveria ter, embora boa parte de suas terras ficasse situada na encosta da serra.

Dentro de um contexto de ocupação da fronteira Oeste, conforme Chaves e Arruda⁴⁰ é possível afirmar que estabelecimentos como a Fazenda Jacobina podem ser considerados como embriões do município que viria a se tornar Cáceres, fato que encontra suporte segundo relatos de exploradores como é o caso de Ricardo Franco e Hércules Florence. Sendo que o primeiro, ao fazer a trajetória entre Cuiabá e Vila Bela, aponta que Leonardo Soares de Souza havia estabelecido a sua roça na região, no final do século XIX, e o segundo por sua vez, evidencia a importância da Fazenda Jacobina como local de parada.

Quase meio século depois, o naturalista Hercules Florence relata sobre o desejo do encontro com as “comodidades que se prodigalizavam segundo diziam todas as classes de viajantes, como também pela sua importância, cada vez mais exaltada neste caminho, à medida que as distâncias se iam encurtando”. Embora as notícias não se confirmassem de todo “comparada com estabelecimentos desse gênero em outras províncias do Brasil”, as impressões registradas por Florence ratificam o que foi dito na historiografia sobre a fazenda.⁴¹

³⁷ SOUZA, Lécio Gomes de. Jacobina, A História de uma fazenda de Mato Grosso. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1998, p.6

³⁸ Idem, p. 5.

³⁹ SOUZA, Lécio Gomes de. Jacobina, A História de uma fazenda de Mato Grosso. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1998. p.6

⁴⁰ CHAVES, O.R., ARRUDA, E.F. Cáceres: História e Memória. Editora UNEMAT, 2011, p.303. p.225

⁴¹ CHAVES, O.R., ARRUDA, E.F. Cáceres: História e Memória. Editora UNEMAT, 2011, p. 225.

Segundo Chaves e Arruda⁴², Leonardo Soares de Souza era um cidadão de origem portuguesa, de posses e de boa origem, que antes de abrir a empreitada da Fazenda Jacobina havia fixado residência em Cuiabá até 1769, momento em que optou por se dedicar a outras atividades. Nesse sentido relata que já havia tentado se estabelecer nas Flechas, situada a meia jornada de São Pedro Del Rey e depois Poconé, no entanto, os resultados obtidos por meio da pecuária ficaram aquém do esperado.

Conforme dados levantados pela família Pereira Leite, o sobrado da Fazenda Jacobina foi erigido por indivíduos de origem portuguesa que haviam acabado de retornar das obras da sede administrativa da capitania em Vila Bela da Santíssima Trindade. Sendo que aqui, observa-se que o casarão ou a casa-grande, que é um dos cartões postais da fazenda ainda não havia sido construído, fato que pode ser constatado por meio da obra “Diário da Diligência do Reconhecimento do Rio Paraguai”, de Ricardo Franco de Almeida Serra.⁴³

Além disso, existem diversos registros da passagem de Hercules Florence pela Fazenda Jacobina, enquanto membro da Expedição Langsdorff, na qual cumpria o papel de desenhista. Tarefa que cumpriu com maestria, ao retratar graficamente os índios bororo que marcavam presença na região.⁴⁴

Sobre o velho caminho que desde os meados do Século XVIII ligava Cuiabá à Vila Bela de Mato Grosso – a cidade dos Capitães Generais – ergueu-se, austero e maciço, o sobrado da Jacobina, sede das mais extensas posses de que houve notícia na remota Capitania. Construído no pesado estilo colonial, estava destinado a resistir à deletéria ação do tempo e até hoje, pelas condições especiais de solidez que lhe presidiram a arquitetura, ainda conserva quase intatas as características originais. A sua edificação deve remontar aos primórdios da centúria décima nona, pelo que se pode inferir do seguinte excerto do “Diário de Reconhecimento do Paraguai”, de Ricardo Franco de Almeida Serra, que, em 1786, referindo-se ao sítio, não menciona a Casa Grande, que obviamente ainda não existia.”⁴⁵

Outros autores como Araujo afirmam que a Fazenda Jacobina se estruturou em cima do modelo de sesmaria, e que apresenta fartas evidências da cultura escravocrata em sua propriedade. Ao longo do tempo, o seu papel no povoado foi ganhando contornos que se situam entre o relato factual e a fantasia, no entanto, é impossível negar a sua indelével

⁴² *Idem.*

⁴³ *Ibidem*, p.296.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 297.

⁴⁵ SOUZA, Lécio Gomes de. Jacobina, A História de uma fazenda de Mato Grosso. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1998. p.5.

presença no imaginário coletivo da população de Cáceres.⁴⁶

Uma fazenda escravocrata comandada por uma mulher

Quanto ao protagonismo feminino, em uma época em que as mulheres tinham pouco ou nenhuma participação nos negócios e nas administrações dos empreendimentos, a Fazenda Jacobina, por um período de tempo teve a sua frente uma mulher chamada Ana Maria de Souza, viúva de Leonardo Soares de Souza. Ana Maria se viu responsável pelo bom andamento dos negócios relacionados à Jacobina, após a morte de seu esposo. Essa conclusão se deve principalmente aos relatos do Hercules Florence, que esteve no local por volta de 1825, e deixou registrado em seus diários que,

O vigário apresentou-nos ao chefe dessa grande oficina, que dirigia tudo, tudo vigiava, obras, engenhos, plantações, gado, escravos, agregados, enfim a fazenda inteira, sem esquecer o tenente-coronel e sua família. Esse chefe, atlético no corpo e no espírito, *era a sogra* do tenente-coronel e irmã do nosso vigário, matrona de cinco pés e oito polegadas e de corpo proporcionado à altura. Sua cara de queixo tríplice parecia confundir-se com o largo pescoço, cercado de muitas voltas de colares de contas grossas de ouro. Sua voz de extensor dominava quase incessantemente todos os ruídos, não direi o vozear dos que trabalhavam, pois todos estavam em silêncio ou falavam baixinho, mas o estrondo das máquinas, da água que as movia, das grandes caldeiras onde fervia a garapa, etc. O que havia, porém, de notável era que essa mulher, tão corpulenta e que mostrava ter cinquenta anos, andava e mexia-se com a agilidade de uma garrida mocetona. Sua fisionomia, seu olhar e boca exprimiam simultaneamente a energia, a franqueza e a bondade. Todos os escravos e agregados a estimavam tanto quanto a temiam, se não com efeito a mãe de toda a redondeza, principalmente pelos cuidados com que tratava os enfermos e pelos socorros que com pródiga mão distribuía aos necessitados⁴⁷.

Isso se deve ao fato de que seu genro, casado com sua filha Maria Josefa de Jesus Leite, a quem caberia a administração da propriedade mencionada, nem sempre estava à disposição de tal tarefa, devido as suas obrigações com o serviço militar a que se dedicara como tarefa principal. Assim, nessa localidade se observou o a forte presença feminina, mesmo em um momento em que as atividades dedicadas às mulheres se restringiam aos afazeres domésticos. "Não quero que meu genro se ocupe da lavoura, teria confidenciado a

⁴⁶ ARAUJO, M.S.S. Espaços urbanos e memórias de acontecimentos humanos. Anais... X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2010, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. p.10.

⁴⁷ FLORENCE, Hercules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 A 1829. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1877. p. 164.

Florence, isto é bom para mim, que nasci no meio dos trabalhos do campo”⁴⁸.

Leonardo Soares de Souza foi casado com Dona Ana Maria, filha de outro pioneiro da região de nome José Gomes da Silva, vindo a falecer em 1815, momento a partir do qual Dona Ana passou a tocar adiante as atividades da propriedade com muita competência como relata o próprio Hércules Florence, que se hospedou na Fazenda Jacobina de 2 a 5 de setembro de 1827.

Chaves e Arruda⁴⁹ afirmam que apesar de possuir cerca de cinquenta anos, possuía a agilidade de uma jovem e uma fisionomia que exprimia energia, franqueza e bondade. Adjetivos que se refletiam em seus atos, pois o relato de Florence evidencia que ela tratava pessoalmente os enfermos e fazia doações aos necessitados. O que fazia dela uma pessoa “estimada e temida” em igual medida pelos trabalhadores, escravos ou não.

Em sua obra, Hércules Florence relata o acolhimento dado à sua comitiva na Fazenda Jacobina, como se segue:

O aspecto da fazenda [...] comparada com estabelecimentos desse gênero em outras províncias do Brasil, mas a Jacobina era a mais rica fazenda da província e por conseqüência não tínhamos razão de achar que nada fosse exagerado.

Atravessando um grande pátio, fomos parar diante de uma casa de sobrado, à espera, conforme a regra brasileira, que nos viessem convidar para pormos pé em terra. Apressaram-se em nos dirigir esse convite e nos fazer subir ao alpendre do sobrado, onde o tenente-coronel nos recebeu como hóspedes, título bastante de recomendação. Depois de trocarmos algumas palavras de polidez, tomamos assento entre outros comensais, alguns dos quais eram nossos conhecidos de Cuiabá.⁵⁰

Florence também relata que após se alimentar, foram convidados a entrar no primeiro pavimento do sobrado, cujas portas se abriam para o terreiro e ali alega ter observado mais de cem pessoas “entre escravos e gente forra”, em sua maioria do sexo feminino, cada um realizando as tarefas que lhes foram confiadas. A seguir, o grupo de Florence foi apresentado ao chefe de todos estes trabalhadores que era ninguém menos que a Dona Ana Maria de Souza.

Aqui é necessário abrir parênteses, visto que o ano era 1827, Leonardo Soares de

⁴⁸ FLORENCE, Hercules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 A 1829. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1877. p. 164

⁴⁹ CHAVES, O.R., ARRUDA, E.F. Cáceres: História e Memória. Editora UNEMAT, 2011 p.6.

⁵⁰ FLORENCE, H. Viagem fluvial, do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, vol. 93, 2007. p.208.

Souza já havia falecido doze anos atrás, aqui, surge a figura de João Pereira Leite, que Hércules Florence aponta como sendo genro de Dona Ana Maria, casado com sua filha Josefa. Portanto, é possível afirmar que a dinastia Pereira Leite assumiu o controle da Fazenda Jacobina a partir do falecimento de Dona Ana Maria, quando herdou essa propriedade e demais posses pertencentes ao patriarca Leonardo Soares de Souza.⁵¹

A Fazenda sob o comando de João Pereira Leite

Luís-Phelippe Pereira Leite, em sua obra de 1977, intitulada “Vila Maria dos Meus Maiores”, conta um pouco sobre o período de auge da Fazenda Jacobina, bem como as posses de João Pereira Leite, afirmando que este chegou a ter sob seu controle algo em torno de duzentos escravos que somados aos seus filhos, totalizavam 260 indivíduos. No entanto, cidadãos livres também colaboravam com a lida diária da fazenda, na forma de agregados, crioulos, mulatos e índios.⁵²

Além disso, chama a atenção para o fato de que João Pereira Leite possuía outras dezoito sesmarias além de Fazenda Jacobina, sendo que a menor possuía três léguas em quadra. Por outro lado, afirma que apenas seis ou sete delas poderiam ser chamadas de fazendas por contar com um rancho, algumas cabeças de gado e pessoas responsáveis pela manutenção do local.⁵³

Luís-Phelippe Pereira Leite relata também que João Pereira Leite afirmava possuir 60 mil cabeças de gado ao todo, embora considere que boa parte delas tenha se tornado selvática. “Eram todos da terra, os cavalos e uns duzentos a trezentos mais ou menos. Vi cinco jumentinhos de raça miúda, que as fazendas possuem para a produção das bestas, muitos cabritos, e alguns carneiros.”⁵⁴

Sua produção consistia fundamentalmente de açúcar e aguardente, como é possível observar pelos relatos de Antonio Matias, que trabalhou no local boa parte de sua vida. Em seus relatos, Araujo⁵⁵ afirma que no ano de 1940, a Fazenda Jacobina passou das mãos de João Carlos Pereira Leite para Vitório de Lara, que trouxe consigo uma nova postura perante os trabalhadores do local e buscava reiniciar a produção de açúcar e pinga, que estava paralisada até então.

⁵¹ Idem, p.210.

⁵² LEITE, Luís-Phelippe Pereira. Vila Maria dos Meus Maiores. Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978. p.39.

⁵³ Idem.

⁵⁴ LEITE, Luís-Phelippe Pereira. Vila Maria dos Meus Maiores. Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978. p.39.

⁵⁵ ARAUJO, M.S.S. Espaços urbanos e memórias de acontecimentos humanos. Anais... X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2010, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. p.10

A presença do líder da Sabinada na Fazenda Jacobinada

O período regencial brasileiro (1831-1840) foi marcado por algumas revoltas e guerras, devido principalmente a instabilidade política após o retorno de D. Pedro I para Portugal. Dentre as revoltas ocorridas nesse período, destaca-se nesse trabalho, a Revolta da Sabinada. O desfecho dessa história consubstancia-se com a Fazenda Jacobina, pelo fato de que seu maior líder, o médico Francisco Sabino Vieira ter terminado seus dias nesta propriedade. A Sabinada, como ficou conhecida a revolta, foi um movimento de caráter emancipacionista e republicano que ocorreu em Salvador, entre os anos de 1837 e 1838, sendo então duramente reprimida pelas tropas regenciais, após bloqueios marítimos e terrestres à capital baiana.

Após o julgamento que levou inúmeros revoltosos a pena de morte e prisão perpétua, Francisco Sabino acabou se refugiando na Fazenda Jacobina, onde acabaria seus dias exercendo a profissão de médico. Segundo afirma Leila Borges,

Sabino viveu na fazenda sob a proteção de João Carlos. Condenado a morte, teve sua pena comutada para o degredo, primeiramente em Goiás e posteriormente para o Forte Príncipe da Beira, então província de Mato Grosso, atualmente estado de Rondônia. Sabino Vieira adoeceu na vizinhança da Fazenda Jacobina e para lá foi transportado⁵⁶.

O médico e líder revolucionário teria vivido na Fazenda Jacobina exercendo a medicina até o natal de 1846, quando veio a falecer e teve seu sepultamento na mesma propriedade.

Uma nova experiência de ensino-aprendizagem

Em suma, depois de quase dois séculos e meio de sua fundação, a fazenda Jacobina ainda conserva traços importantes do seu período de glória. Ali é possível perceber os diversos aspectos históricos que o tempo ainda não conseguiu apagar por completo. O casarão construído em estilo colonial e suas largas paredes de adobe e suas telhas de barro feito nas coxas dos escravizados, a bica d'água que antes servia para girar o moinho, e hoje é objeto de decoração, restos de máquinas que fazem menção a Revolução Industrial, evidenciando uma tentativa de modernização pela qual a propriedade passou.

⁵⁶ LACERDA, Leila Borges de. Patrimônio Histórico-cultura de Mato Grosso. Bens edificados tombados pelo estado e união / texto Leila Borges de Lacerda ; colaboração de Claudio Cuos Conte, Maria Tereza Carrion Carracedo. Cuiabá, Mt. Entrelinhas 2008. p. 140

Ao entrar em contato com a história desse local, os alunos percebem o quanto é rica a História do estado de Mato Grosso. Assim, as aulas de campo têm a capacidade de materializar para os estudantes os conteúdos que estudaram em sala de aula, auxiliando o livro didático como parte componente e ilustrativo de uma realidade histórica que ainda se faz presente nessa região.

Diante dessa viagem histórica à Fazenda Jacobina, percebe-se que, essa atividade proporcionou aos alunos uma nova experiência de ensino-aprendizagem, significativa para a sua vida pessoal e para o conhecimento da história regional, desvendando esse universo colonial em Mato Grosso. A viagem de estudo proporcionou aos estudantes vislumbrar uma época importante da história do Brasil, que foi o período da escravidão, da colônia ao Império brasileiro. A Fazenda Jacobina representa a história de um período em que o Brasil tinha os escravos africanos como principal mão-de-obra.

Conhecer o local tornou-se a concretização de algo que os alunos aprenderam em sala de aula. Essa aula de campo nos permitiu ir além das poucas imagens e palavras que eles aprenderam entre quatro paredes. Ir até a fazenda, significa sentir, tocar e ver na prática fatos marcantes que aconteceram em nossa história e que jamais poderiam deixar de ser vivenciadas por nossos alunos.

Sendo a aula de campo um instrumento possível de levar o estudante a ter uma visão diferenciada do passado e dos lugares de memória, pode-se dizer que a Fazenda Jacobina tem um papel fundamental nesse sentido. O local abriga traços de um período da História de Mato Grosso que raramente se encontra nos livros didáticos de distribuição federal. Ou seja, se o professor não se atentar para a importância desse trabalho, os alunos acabam passando pela educação básica sem ao menos ter tido a oportunidade de estudar a história local numa abordagem que visa a formação de conceitos e sentimentos de pertencimento e identidade sociocultural.

Caminhando pela Fazenda Jacobina

Na atualidade, a Fazenda Jacobina pertence a família Lara e a recepção aos visitantes fica a cargo do filho do atual proprietário. De maneira bastante didática, ele conduz a visita aos locais aberto ao público, sempre explicando, em detalhes o valor histórico de cada um dos objetos e locais ainda preservados da propriedade, como é possível observar por meio da Figura 3. Assim, alunos e professores são convidados inicialmente a uma breve palestra organizada e proferida por ele mesmo, uma visita mediada, onde é exposto de uma forma

geral sobre a História da fazenda, desde sua criação no século XVIII, até os dias atuais.

Os presentes recebem informações sobre a maneira como a então mais rica propriedade da capitania de Mato Grosso, sobreviveu às diversas etapas de sua história e ainda hoje causa fascinação naqueles que tem contato com o que ainda existe dela, por representar uma fazenda de produção escravocrata e de conservar a arquitetura colonial.



Figura 14 Aula de campo realizada na Fazenda Jacobina com alunos do ensino médio de uma escola pública de Cuiabá-MT.

Fonte: Acervo do Autor

Logo após essa breve palestra, começa uma caminhada pelos espaços da fazenda. O primeiro ponto de parada é realizado próximo a uma antiga máquina que remete a tentativa de modernização pela qual a fazenda passou. Trata-se das ruínas de uma moenda que teria sido trazida desmontada da Europa especialmente para ser usada na propriedade para o fabrico do açúcar. Assim, não só a História regional, como a global passa a fazer parte do trabalho, uma vez que os alunos têm a percepção do momento conhecido como Revolução Industrial.

Dentre outros pontos visitados, como a Igrejinha e a antiga escola, o ponto alto da visita é o momento em que é feito o convite para que os presentes entrem no casarão. Construído no século XVIII, a casa grande da fazenda ainda conserva muito de sua história original. Suas paredes construídas em adobe, o madeiramento em aroeira que já duram quase 300 anos e suas telhas fabricadas pelos escravos, simplesmente deixam a sensação de que naquele local o tempo não passou. Transplantando o que diz Certeau sobre as cidades, pode se aplicar também a esse local, que por mais que não se trate exatamente de uma cidade, também causa a mesma impressão. Assim, ao dizer que

Essas velharias que parecem dormir, casas desfiguradas, fabricas desativadas, cacos de histórias naufragadas, elas ainda hoje formam as ruínas de uma cidade desconhecida, estranha. Irrompem na cidade modernista, cidade de massa, homogênea, com os lapsos de uma linguagem que ninguém conhece, quem sabe inconsciente. Elas surpreendem⁵⁷.

De fato, ao estar em um local de tamanha importância para a formação de uma sociedade e sua história, é grande a surpresa ao perceber que ali viveram pessoas cujas vidas estão ainda expostas na herança por elas deixadas. Logo após mais ou menos duas horas após a chegada, fomos levados ao restaurante caseiro instalado na propriedade, onde almoçamos e partimos rumo a outro local previamente planejado, o Centro Histórico da cidade de Cáceres, a antiga Vila Maria do Paraguai.

⁵⁷CERTEAU, Michel de. 1996. p. 190

CAPÍTULO III

A CIDADE HISTÓRICA DE CÁCERES: uma visita ao Marco do Jaurú

Ao romper do dia [6 de setembro de 1827] chegávamos a Vila Maria assente á margem esquerda do Paraguai.

Do mesmo modo qua outros povoados de Mato Grosso não merece este a qualificação de Vila. Um renque de casas em mau estado, de cada lado de uma grande praça, uma igrejinha sob a invocação de São Luiz de França, muros deseparação por trás das casas, eis tudo. Mas o grande rio aí está cercando a praça e a povoação, e ao qual se desce por uma barranca em curva reentrante. Do outro lado estende-se uma praia de areia fina orlada de lindo e verdejante matagal, cortado pelo caminho que vai ter a Mato Grosso. (Hercules Florence, 1827)⁵⁸.

Fundada oficialmente em 6 de outubro de 1778, pelo 4º Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, a mando da coroa portuguesa, a Vila Maria do Paraguai, primeiro nome da atual cidade de Cáceres, em homenagem a Rainha de Portugal, Dona Maria I. A fundação da antiga Vila Maria fazia parte de uma série de ações tomadas pelo então Rei de Portugal D, José I (1750-1777), a fim de garantir a posse das terras conquistadas com a assinatura do Tratado de Madri de 1750.

Neste capítulo, destaca-se o estudo sobre o monumento Marco do Jaurú, como símbolo das disputas entre espanhóis e portuguesas na fronteira oeste de Mato Grosso, localizado na praça principal da cidade de Cáceres, como segundo passo de visitação desse projeto de aula de campo, realizada com alunos do ensino médio da disciplina de História. Tem como proposta realizar um breve roteiro de estudo sobre a cidade de Cáceres e o Marco do Jaurú, como patrimônio histórico do estado de Mato Grosso, no percurso de Cuiabá a Vila Bela da Santíssima Trindade.

A cidade de Cáceres está localizada a aproximadamente 214 quilômetros de Cuiabá na região Oeste do Estado de Mato Grosso.

⁵⁸FLORENCE, Hercules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 A 1829. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1877. p. 137.

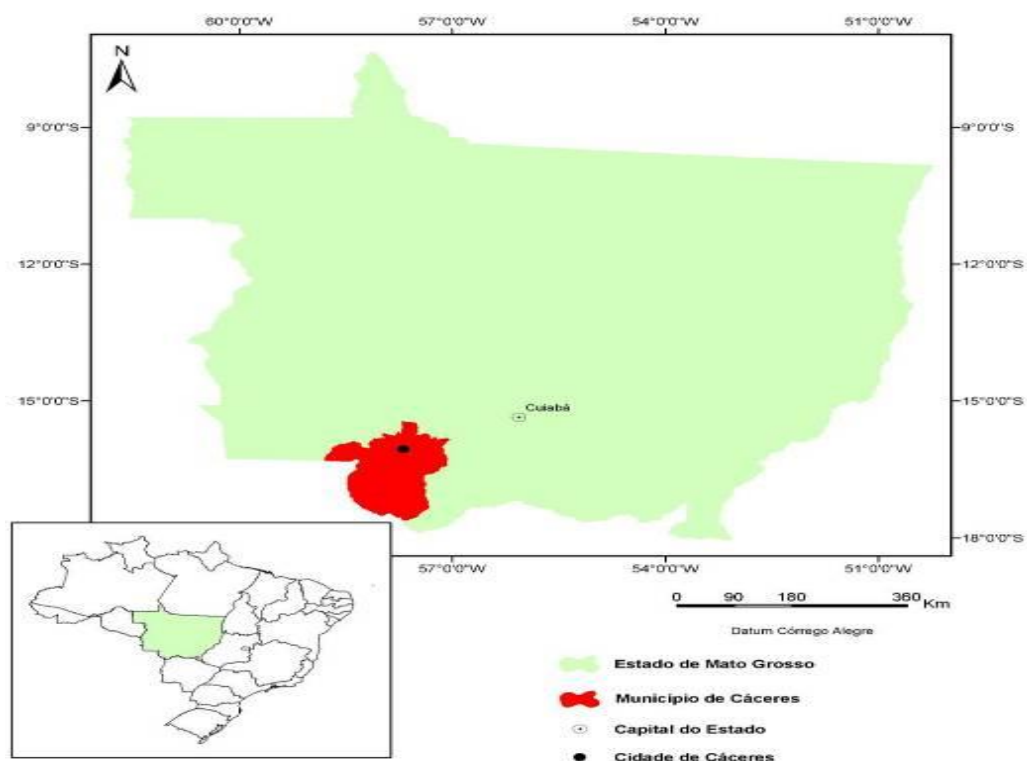


Figura 15- Mapa geográfico mostrando a localização de cáceres, no estado de Mato Grosso
 Fonte: <http://www2.unemat.br/atlasacaceres/index.php?pasta=localizacao> acessado em 19/05/2020

Mesmo que a povoação nunca tenha se constituído como Vila de fato, por faltar nela alguns elementos que a caracterizasse como tal, pois, conforme Florence: “não havia assim, a Câmara Municipal, nem a vereança eleita, nem a presença de oficiais municipais, nem o pelourinho e, nem a cadeia. Havia, porém, a freguesia de São Luiz de Vila Maria do Paraguai, instalada em 1779⁵⁹”.

Vila Maria do Paraguai se tornou uma importante ponte de ligação entre os dois principais centros urbanos coloniais mato-grossenses: Cuiabá, elevada à condição de Vila em 1727; e a então primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade. Essa localização privilegiada de Vila Maria, ganhou destaque do próprio governador Luiz de Albuquerque, em uma correspondência ao secretário de estado Martinho de Melo: “a paragem da referida Nova Povoação é conhecidamente própria e adequada a facilitar a indispensável comunicação e comércio desta com a Vila do Cuiabá, porque fica no meio do caminho”⁶⁰.

Essa localização privilegiada de Vila Maria do Paraguai facilitava a comunicação entre os dois principais núcleos urbanos de Mato Grosso daquela época, além de contribuir

⁵⁹ FLORENCE, Hercules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 A 1829. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1877. p. 168.

⁶⁰ MORAES, Maria de Fátima Lima de. 2003. *Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste: 1778-1801*. Dissertação de Mestrado em História. Cuiabá. UFMT, p. 25

para as relações comerciais entre ambas e servir de entreposto aos transeuntes dos caminhos entre elas. Dessa maneira quase toda a comunicação necessária entre Cuiabá e Vila Bela passava obrigatoriamente pela Vila Maria.

Como parte do Projeto Vila Bela, que tinha como proposta levar os alunos aos locais considerados como espaços de memórias, e que estão localizados no trajeto entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade, a cidade de Cáceres se torna uma parada obrigatória. Isso porque muito da nossa história se encontra ali, a disposição de quem deseja conhecê-la. Se no passado o local era visto como espaço estratégico na consolidação do território colonial português, sua importância se mantém no presente.

Não mais como barreira fronteira, mas como importante centro cultural, econômico e turístico do estado de Mato Grosso. É possível sem muito esforço, reconhecer ainda o quão importante é a localidade em termos históricos. A exemplo de outros espaços de memória, a cidade de Cáceres pode ser considerada um museu a céu aberto. Isso porque seus casarões, a Igreja Matriz e o Marco do Jauru fixado na praça Barão do Rio Branco são verdadeiros monumentos históricos que contam por si só a história da região.

Seguindo o itinerário previsto, dando continuidade à viagem de estudo, após sair da Fazenda Jacobina, onde os alunos tiveram uma experiência incrível naquele lugar, por volta das quatorze horas chegamos na praça Barão do Rio Branco, no centro Histórico de Cáceres. Já de início a imponência da Igreja matriz impressiona por sua beleza e importância histórica.

Diferente de Cuiabá, que surgiu em função de descobertas auríferas e se configurou a partir desta exploração, a cidade de Cáceres foi criada a partir de certo planejamento. Isso pode ser observado nos traços retos das ruas que compõem centro histórico daquela cidade. Seguindo os modelos europeus, sob a ótica do Iluminismo, as cidades ganharam a partir desse momento um novo aspecto, como afirma Maria de Fátima Mendes, ao dizer que

Vila Maria do Paraguai integrava uma rede urbana idealizada pelo governador Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres que fazia reverberar a política posta em prática pela metrópole. Esta rede foi organizada de maneira a pontilhar os espaços conquistados com a fundação de povoações, vilas e fortificações, garantindo assim a consolidação da fronteira territorial entre a Capitania de Mato Grosso e a América castelhana⁶¹

O Marco do Jauru: um monumento histórico transportado para Cáceres

O Marco do Jauru é um monumento histórico permeado pelo Tratado de Madri, o qual

⁶¹MORAES, Maria de Fátima Lima de. 2003. *Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste: 1778-1801*. Dissertação de Mestrado em História. Cuiabá. UFMT, p. 25

substituiria o de Tordesilhas entre Brasil e Espanha. O “Marco do Jauru” tem os seus significados diante de acontecimentos históricos que marcaram um contexto sócio histórico e cultural. Hoje Cáceres é a guardiã deste monumento.



Figura 16- Marco do Jauru, localizado na Praça Barão do Rio Branco, em Cáceres Mt
Fonte: <https://vamosaopantanal.com.br/o-pantanal/>

Para tanto, objetiva-se instigar os fatos históricos que levaram a construção desse marco localizado em frente a Igreja Catedral na cidade conhecida como “Princesinha do Paraguai” por se formar à margem esquerda do rio Paraguai. conhecer o que foi o Tratado de Madri; identificar quais foram os motivos para a implantação da peça arquitetônica, "Marco do Jauru", na foz do rio Jauru e conhecer os motivos que levaram a transferir esse monumento histórico para a praça da catedral.

Segundo Leite ⁶² o *Marco do Jauru* é uma peça arquitetônica que foi implantado próximo a margem do rio Jauru, com intuito de demarcar fronteiras entre os países de Portugal e Espanha, de acordo com as cláusulas estabelecidas no *Tratado de Madri*, firmado no ano de 1750: “[...] lavrada em mármore e selecionada em duas partes, cada uma a cargo das coroas portuguesas e espanhola”⁶³. Conforme Mendes e Castrillon-Mendes,⁶⁴ o Marco do Jauru é reflexo do que foi acordado no Tratado de Madri, sendo o único remanescente conhecido de uma série de outros marcos similares, devido ao fato de que os espanhóis

⁶² LEITE, Luís-Phelippe Pereira. **Vila Maria dos Meus Maiores**.Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978. p.20

⁶³ LEITE, Luís-Phelippe Pereira. **Vila Maria dos Meus Maiores**.Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978. p.20

⁶⁴ MENDES, L.C.C; CASTRILLON-MENDES, O.M. Memórias e representações simbólicas nos discursos de fronteira.**Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres, vol.8, n.1, 2015. p.2

optaram por destruir as evidências deste acordo a partir do *Tratado de El Pardo*, firmado posteriormente no ano de 1761.

Para Cerzosimo-Gomes, este acordo diplomático “visava dirimir indefinições da não demarcação de Tordesilhas e ratificar a soberania das duas monarquias ibéricas sobre os territórios ocupados na América”⁶⁵:

Como o meridiano proposto em 1494 havia sido desrespeitado, principalmente pelos lusos, o princípio que garantia a posse das terras ocupadas pelo Tratado de Madri - o *uti possidetis*, ou seja, só possui quem ocupa - mostrou-se vantajoso para os interesses da Coroa dos Bragança⁶⁶.

Para os portugueses a colonização da fronteira oeste, teve como ponto de partida a expansão do Tratado de Tordesilhas, o que compreendia a região da bacia do Prata até o Amazonas, era de suma importância a fim de marcar presença na “ilha continente” perante os espanhóis, envolvendo questões muito mais urgentes e estratégicas do que meramente a exploração de minérios. Portanto, é compreensível que o que foi firmado por meio de acordos não deveria ficar somente nos mapas, e é aí que entra o papel dos marcos, como o de Jauru.⁶⁷

Dessa forma, fixou-se o conceito de um Brasil, pelos exploradores lusitanos, enquanto uma vasta ilha amazônica-platina, dividida em várias outras ilhas e por outros rios, nascidos a partir de uma imensa lagoa, conhecida até as últimas décadas dos setecentos, por *Laguna del Xarayes*, onde o curso do Amazonas se fundiria com o do Madeira, para ir ao encontro do Paraguai. Estabeleceu-se assim, o território nacional como um todo coerente, estruturado pela própria natureza, ocupado pela marcha da colonização e legitimado pela letra do Tratado entre as coroas portuguesa e espanhola.⁶⁸

Conforme Pestana⁶⁹, o Marco de Jauru foi construído na própria cidade de Madri, aonde foi firmado o Tratado com o nome da cidade, sendo que possuía as primeiras linhas do documento que foi firmado entre o Rei Fernando II e Dom João IV, juntamente com as suas assinaturas. Além disso, afirma que o marco foi trazido da Europa em um escalor com o intuito de ser colocado na desembocadura do rio Jauru, portanto próximo de onde este

⁶⁵ CERZOSIMO-GOMES, Cristiane Thais A. Italianos em Mato Grosso: Fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata (1856-1914), Cuiabá: Entrelinhas/Edufimt, 2011, p. 100.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ MENDES, L.C.C; CASTRILLON-MENDES, O.M. memórias e representações simbólicas nos discursos de fronteira. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres, vol.8, n.1, 2015. p.3

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ PESTANA, M.B. **Materialidade cultural de monumentos históricos versus esculturas memoriais**: os casos de Santos/SP e Cáceres/MT. **Historiæ**, Rio Grande, v. 4, n. 2, 2013. p.7.

deságua no rio Paraguai.

O que evidencia que o Marco do Jauru não se encontra atualmente em seu local de origem. Por volta de 1950, a discussão sobre a retirada do Marco das margens do rio Jaurú foi levada pela comunidade de Cáceres para a Câmara de Vereadores, pelo fato de que o local de sua posição original se encontrava abandonado com o mato crescendo livremente, além de que era um local de difícil acesso. Ficando decidido que o Marco seria transladado para o centro da cidade, a fim de ser instalado em frente à Igreja Matriz. “O traslado do monumento da área pantanosa para o centro da cidade é lembrado até os dias de hoje, na data de aniversário do município”⁷⁰, ou seja, 6 de outubro de cada ano.

Segundo Pestana, aqui se faz uma diferenciação entre esculturas memoriais e monumentos históricos, pois o primeiro se caracteriza como uma recriação ideológica por parte do estado, na forma de uma história oficial que é escrita *a posteriori*. Ao passo que o segundo, se revela na forma de uma iniciativa da comunidade, como consequência de seu esforço no sentido de proteger e preservar bens históricos, que por sua vez possuem o importante papel de contar uma história, da memória e patrimônio histórico-cultural de uma determinada localidade.⁷¹

No entanto, observa-se que não existe um consenso acerca do local de fabricação do Marco do Jauru, pois ao contrário de Mendes, Bindandi e Maluf-Souza afirmam que este monumento foi confeccionado em Lisboa, em pedra de Lioz⁷². Um tipo raro de calcário encontrado com mais facilidade em Portugal, mais precisamente no Conselho de Cintra onde fica localizada a Vila de Pero Pinheiro, sendo que a característica principal que distingue essa modalidade de calcário é a sua tonalidade, que pode ser bege ou rosa claro como é possível observar por meio das Figuras 8 e 9.

⁷⁰ *Idem.*

⁷¹ *Idem.*

⁷² BINDANDI, W., MALUF-SOUZA, O. O Marco do Jauru: A construção de um saber sobre o monumento/a monumentalidade. **Entremeios**, v. 14, p. 37-50, 2017. p.9.



Figura 17 Aparência bege do Marco do Jauru, instalado na Praça Barão do Rio Branco, na cidade Cáceres-MT.
Fonte: PESTANA (2013).



Figura 18- O Marco do Jauru instalado na Praça Barão do Rio Branco, na cidade Cáceres-MT.
Fonte: Bindandi e Maluf-Souza (2017)

De acordo com Bindandi e Maluf-Souza⁷³, o marco foi trazido para o Brasil desmontado, sendo montado somente em seu local de destino, às margens do rio Jauru, na data de 18 de Janeiro de 1754. Sendo inaugurado pelo então Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares.

O Marco se distingue das outras modalidades de monumento pois cumpre o papel de demarcar uma ou mais fronteiras, portanto se presta a dupla função de servir de representação material de um acordo firmado no âmbito geográfico, bem como delimita no espaço e no

⁷³ BINDANDI, W., MALUF-SOUZA, O. O Marco do Jauru: A construção de um saber sobre o monumento/a monumentalidade. *Entremeios*, v. 14, p. 37-50, 2017. p.45

tempo o que foi firmado. Neste aspecto, “funciona como um documento de fundação, de construção e de instalação de algo que se coloca para atestar uma divisão de fronteiras.” ⁷⁴

Além disso, Bindandi e Maluf-Souza⁷⁵ afirmam ainda que o Marco do Jauru foi colocado em definitivo na praça central da cidade de Cáceres defronte a Igreja Matriz, em 2 de fevereiro de 1883, por iniciativa de um Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, portanto, 129 anos após sua inauguração. Sendo que o local se chamava Largo da Matriz de Cáceres, que atualmente possui o nome de Praça Barão do Rio Branco.

O Marco do Jauru arquiva, enquanto monumento, dois símbolos, dois poderes: 1) *Portugal e Espanha* enquanto dois países de igual poder que disputavam terras brasileiras, e, 2) um marco histórico, o *Tratado de Madri*, enquanto o acordo, o consenso a que chegaram os dois países sobre a divisão e a delimitação do território brasileiro, ou seja, o que o Tratado dispunha era sobre as terras que pertenciam a uma e a outra coroa – a portuguesa e a espanhola. Portanto, o monumento significava a disputa de duas importantes coroas sobre os seus territórios, em um momento em que o Brasil estava sob o jugo da coroa portuguesa.⁷⁶

Em sua obra, Leite⁷⁷ afirma que Hercules Florence chegou a travar contato com o Marco do Jauru, em 10 de Setembro de 1827, embora o tenha chamado de Pirâmide do Paraguai. Para este fim fez uso de uma canoa que o levou da barranca do rio até a embocadura do Jauru, uma trajetória que levou sete horas de duração, mais o tempo que levaram para encontrar o marco, que se encontrava escondido de trás de algumas árvores. “Em vão procuramos a princípio enxergar a pirâmide que vínhamos ver: descobrimo-la afinal à direita da embocadura, por trás de árvores que a ocultam das vistas.”

De acordo com o relato de Hercules Florence a Monumento do Jauru possuía 15 pés e meio de altura, contando com o pedestal e a cruz de pedra, o que significa que o pedestal não foi acrescentado posteriormente como resultado de sua transferência para a praça central da cidade de Cáceres. Além disso, Leite⁷⁸ comenta que ao lado Norte à 54° graus Oeste se encontravam gravadas as armas de Espanha, sendo que a coroa estava quebrada, restando apenas os florões. E abaixo das armas se encontravam os dizeres:

⁷⁴BINDANDI, W., MALUF-SOUZA, O. O Marco do Jauru: A construção de um saber sobre o monumento/a monumentalidade. **Entremeios**, v. 14, p. 37-50, 2017. p.45

⁷⁵*Idem.*

⁷⁶*Idem.*

⁷⁷LEITE, Luís-Phelippe Pereira. **Vila Maria dos Meus Maiores**.Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978. p.20.

⁷⁸*Idem.*

**SVB
FERDINANDO VI
HISPANIAE
REGE
CATHOLICO**

O mesmo valendo para o lado português, alinhado a 54° graus Leste, no qual se encontravam as armas de Portugal e a inscrição abaixo, sendo que segundo Florence a coroa portuguesa não se encontrava mais presente no Marco de Jauru:

**SVB
IOANNE V
LVSIT ANORVM
REGE
FIDELÍSSIMO
SVB
IOANNE V
LVSIT ANORVM
REGE
FIDELÍSSIMO**

Por sua vez, nas outras faces do Marco do Jauru se encontravam respectivamente as inscrições:

**EX PACTIS
FINIVM RE
DVNDORVM
CONVENTIS
MADRITI
IDIB IANVAR
M.DCCL
IVSTITIA
ET PAX
OSCVLATAE
SVNT.**

Em sua obra, o autor é levado a crer que é mais possível que as degradações ocorridas tenham ocorrido por meio da ação humana do que pela ação da natureza, como reflexo de um sentimento antimonárquico. Além disso, Leite⁷⁹ aponta que o Marco do Jauru se apresenta dividido em duas metades, sendo que a junção forma duas linhas que servem de indicação geográfica de limites territoriais.

Por sua vez, Garcia e Miceli⁸⁰ também afirmam que o Marco do Jauru permaneceu nessa posição descrita por Hércules Florence por mais de um século, até o momento em que o Tenente Coronel Antônio Maria Coelho, então ex-governador da Província de Mato Grosso e que cumpria a época o papel de comandante do distrito militar de São Luiz de Cáceres no ano de 1883, recebeu autorização da Câmara para realizar o traslado do Marco para o Largo da Matriz, o que vai contra a afirmação de que a idéia surgiu dos próprios vereadores.

No entanto esta obra merece atenção pelo fato de provar que o fato realmente ocorreu nesta data e da forma que ocorreu, pois afirma que o vigário da época, de nome Padre Casimiro Ponce Martins, relatou em livro a data do ocorrido, dia 2 de Fevereiro de 1883.

Verificando o livro, por consentimento do Reverendo Pe. Paulo, constatamos lá o que vínhamos procurando, há tempo, o dia exato em que se assentou em frente à nossa igreja matriz, o Marco trazido do Jauru por iniciativa, como vimos, do Ten.Cel Antônio Maria.⁸¹

Além disso, nota-se que, no entanto, a Igreja Matriz de atualmente inexistia nesse momento do traslado para o Largo da Matriz, que começou a ser construída em 1919 e foi inaugurada em 1965. Portanto, deve ser levado em consideração que o local exato do Marco do Jauru na praça foi alterado algumas vezes, conforme projetos de readequação da praça central foram sendo realizados, o que pode ser atestado por meio das Figuras 20 e 21.

⁷⁹ LEITE, Luís-Phelippe Pereira. **Vila Maria dos Meus Maiores**. Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978. p.90.

⁸⁰ GARCIA, D. S. C.; MICELI, P. C. (Org.). **História e fronteira**. Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2014. 223p. p.102.

⁸¹ *Idem*.



Figura 19- Marco do Jauru transladado para a Praça da Matriz, em 2 de fevereiro de 1883
Fonte: Garcia e Miceli (2014)

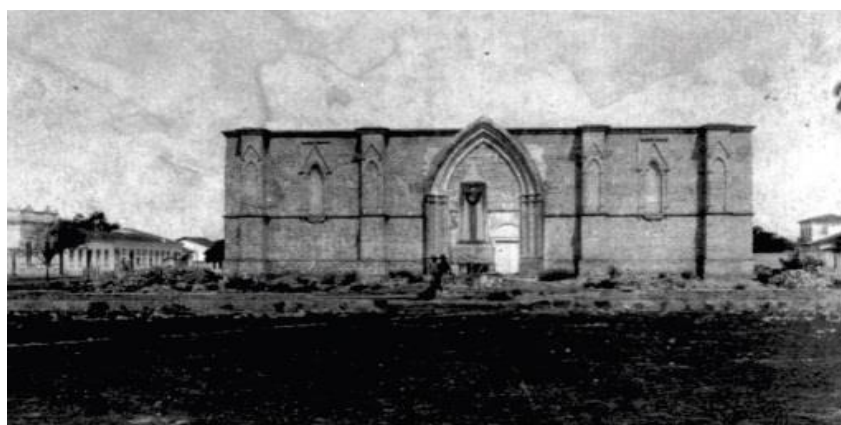


Figura 20— O Marco e a Catedral em construção
Fonte: Garcia e Miceli (2014)

Apesar da riqueza histórica da cidade de Cáceres com diferentes estilos de construção dos séculos XVIII, XIX e XX, devido ao tempo de estudo nessa localidade, como local de passagem no percurso de aula de campo da Fazenda Jacobina a Vila Bela da Santíssima, não foi possível realizar outras abordagens sobre o patrimônio histórico desse lugar. Assim, elegemos, nesse momento, o Monumento Marco do Jaurú como fonte de pesquisa e estudo e seu significado na história de Mato Grosso.

O trabalho de visitação ao Marco do Jaurú

A visita a Cáceres se inicia na Praça Barão de Rio Branco, localizada as margens do rio Paraguai. Ali os estudantes são levados a uma breve palestra em frente ao Marco do

Jauru, onde vivenciam na prática a importância de tal monumento/documento como testemunha de um tempo em que as disputas territoriais entre as potências marítimas europeias eram uma realidade em terras americanas.



Figura 21-: aula de campo com alunos de uma Escola Estadual de Cuiabá em frente ao Marco do Jauru e a Igreja Matriz de Cáceres.

Fonte: Acervo do autor.

Ainda em Cáceres foi possível a visita a outros espaços de memórias, como a Igreja Matriz daquela cidade, que mesmo sendo oriunda de período mais recente, tem muito a oferecer no que diz respeito aos estudos sobre a história local, nos séculos XIX e XX, tombado como patrimônio histórico pelo estado de Mato Grosso e governo federal. O centro histórico de Cáceres foi inicialmente tombado provisoriamente pelo governo do estado de Mato Grosso, em 25 de outubro de 1991, através da portaria nº 76/91, passando a ser definitivo no ano de 2002. Já o tombamento federal foi consolidado pelo IPHAN, no ano de 2010, ampliando as ações e possibilidades de políticas de preservação dos espaços de memórias ali existentes.

Na lista de bens tombados pelo IPHAN encontra-se o Marco do Jauru, como “bem imóvel ou integrado” com a seguinte descrição:

O marco foi erigido em 15 de janeiro de 1754, às margens do Rio Paraguai com a barra do Rio Jauru, para fins de demarcação dos limites da América Meridional entre os domínios português e espanhol, de acordo com o Tratado de Madrid, assinado em 17 de janeiro de 1750. Em 1883, deu-se a sua transferência para a praça Barão do Rio Branco. Esta praça aparece em iconografia do final do século XVIII, quando a cidade ainda se chamava Vila de Santa Maria do Paraguai, hoje São Luiz de Cáceres, em homenagem ao antigo governador da província, Luiz Albuquerque de Melo e Cáceres. O

marco era composto por 8 (oito) peças de pedra de lioz, sendo estas: o soco, a base, o corpo (dividido em duas peças), o vértice pontiagudo, a cruz e duas coroas situadas acima dos braços de armas (estas desaparecidas).⁸²

Aos estudantes, entrar em contato com essa localidade serviu para despertar em si o sentimento de que são protagonistas da História, um trabalho singular de aproximação com a realidade histórica vivida por outros autores do passado e a possibilidade de compreensão e interpretação dos significados dessas experiências no presente. Com a possibilidade de conversar com pessoas que fazem parte dessa localidade, eles têm a oportunidade de entender como isso tudo é visto pelos moradores, e qual a importância desses monumentos para a comunidade. Assim a cidade de Cáceres, com seus monumentos históricos deixa de ser vista apenas como uma localidade comum e passa a ser vista com outros olhos por aqueles que conhecem a sua história.

Nas visitas feitas ao centro histórico de Cáceres com os alunos a caminho de Vila Bela, os mesmos tiveram a oportunidade de conversar com alguns moradores daquela localidade. Mesmo que de maneira informal, é possível perceber a empolgação dos estudantes ao indagar aos moradores qual seria a importância daquele monumento ali existente. Por perceberem que alguns moradores locais não entendiam o valor por trás desse espaço de memória, passaram a valorizar ainda mais o conhecimento histórico, que ora estavam tendo a oportunidade de construir com a aula de campo a eles proporcionada.

⁸² IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nome atribuído: Marco do Jaurú, na Praça Barão do Rio Branco. Localização: Praça Barão do Rio Branco – Cáceres-MT. Número do Processo: 966-T-1977. Livro do Tombo Histórico: Inscr. nº 464, de 04/10/1978. Livro do Tombo Belas Artes: Inscr. nº 530, de 04/10/1978. Acesso em 25 de maio de 2020: < <http://www.ipatrimonio.org/caceres-marco-do-jauru/> >.

CAPITULO IV

VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE: da fundação ao tombamento histórico-cultural da primeira capital de Mato Grosso

A fundação da primeira capital de Mato Grosso

Pensada para ser a primeira capital da então recente criada, capitania de Mato Grosso, pelo primeiro capitão-general D. Antônio Rolim de Moura, Vila Bela da Santíssima Trindade, fundada em 19 de março de 1752, representava mais que uma simples capital local. Isso porque tinha a função de se tornar uma espécie de “muro” que protegeria as terras conquistadas por Portugal, a partir assinatura do Tratado de Madri, em 1750. Pois como afirma Silva “o lugar foi estrategicamente pensado para garantir a posse da vasta região da repartição de Mato Grosso⁸³”.

Rolim de Moura procurou cumprir o mais escrupulosamente que pôdeas determinações da carta régia que determinara a criação da vila. Começou precisamente pela praça, quadrada, orientada segundo os eixos cardeais, e dos seus ângulos fez partirem as ruas. Na praça elegeu um lado para a construção da residência do governador, outro para a igreja, outro para a câmara, e outro ainda para os quartéis. A recomendação seguinte da carta régia, que insistia para que se mantivesse o alinhamento das ruas, foi especialmente considerada. Num primeiro momento, não foi possível impor à pobreza dos moradores a assimetria das fachadas, mas o governador esperava que esses pudessem, no futuro, fazer as suas casas todas iguais por fora, do modo a alcançar o ideal de beleza preconizado no documento⁸⁴.

Assim, a primeira capital de Mato Grosso foi planejada e projetada em lugar estratégico, conforme mapa produzido, de acordo com as determinações das cartas régias, para colocar em prática a construção desta importante Vila na fronteira oeste do Brasil colonial, localizada às margens do rio Guaporé:

⁸³ SILVA, João Bosco da. Vila Bela a época de Luiz de Albuquerque: (1772-1789) Cuiabá: EDUFMT, 2017. P. 22.

⁸⁴ ARAUJO, Renata Malcher de. A Urbanização de Mato Grosso no Século XVIII: Discurso e método. Universidade de Lisboa, 2001. p. 48

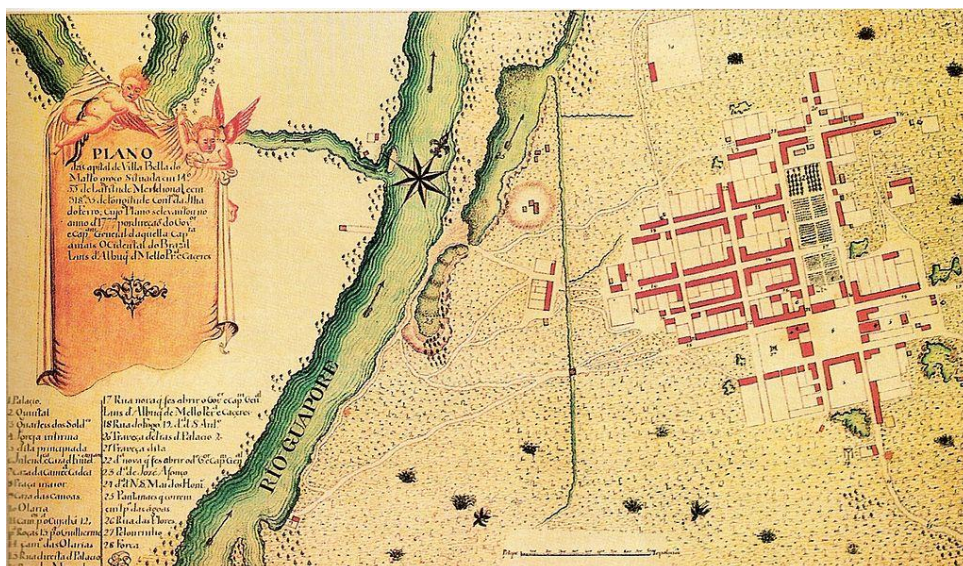


Figura 22- planta de Vila Bela da Santíssima Trindade, 1886.

Fonte: Fonseca 1880 apud SILVA, João Bosco 2017.

Segundo dados levantados por Lima⁸⁵, atualmente a Vila Bela da Santíssima Trindade é uma cidade localizada no Oeste do estado de Mato Grosso, na macrorregião da bacia Amazônica, totalizando uma área de 13.679 km², e estando a 198 metros acima do nível do mar, tendo como municípios limítrofes as localidades de Comodoro, ao Norte, Pontes e Lacerda e Nova Lacerda, ao Leste, e a Bolívia, ao Sul e a Oeste.

O relevo é marcado por uma extensa superfície sedimentar, dando origem a extensos chapadões. Destacam-se, aqui, a Chapada dos Parecis, as serras de Santa Bárbara, de São Vicente e Ricardo Franco. Esta última encontra-se na divisa do município de Vila Bela com a República da Bolívia, estendendo-se no sentido norte/sul. Na serra de Santa Bárbara nascem os principais rios formadores da bacia do Guaporé, como o rio Alegre, o rio Barbado, o rio Sararé, entre outros.⁸⁶

Em matéria de perfil climático, Lima⁸⁷ afirma que Vila Bela da Santíssima Trindade é marcada por um clima quente e semi-úmido, o que significa a presença de temperaturas elevadas e períodos muito chuvosos que se intercalam com secas prolongadas, sendo que o período seco vai de maio a outubro, e o chuvoso, de novembro a abril. Além disso, também

⁸⁵ LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.21.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

considera que a região se comporta como uma zona de transição entre o cerrado e a floresta, no caso, amazônica.

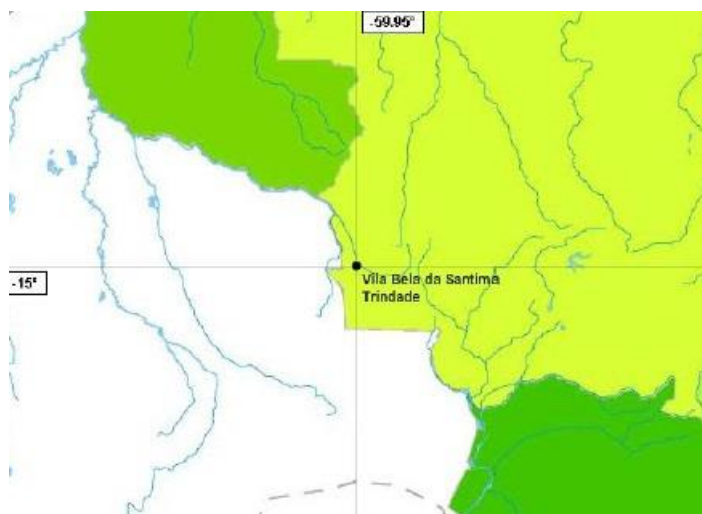


Figura 23- Localização geográfica de Vila Bela da Santíssima Trindade
Fonte: Berlandi, Tardivo e Kabeya (2010)

Segundo dados obtidos por Berlandi, Tardivo e Kabeya⁸⁸ relativos ao ano de 2009, estima-se que a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade possua 14.523 habitantes. Como já mencionado, a cidade possui relevante importância histórica, não apenas para a formação do estado de Mato Grosso, mas do Brasil como um todo.

Nessa perspectiva, esse capítulo tem como proposta desenvolver um estudo sobre a história fundação da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, a partir da compreensão da política expansionista da Coroa Portuguesa, no contexto dos tratados e limites firmados com a Espanha, na segunda metade do século XVIII. Finaliza com a processo de tombamento realizado pelo governo do estado de Mato Grosso e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Apesar de ter sido criada com a proposta de marcar território por parte da Coroa Portuguesa, pretendendo desta forma evitar investidas dos espanhóis, os governadores da capitania se depararam com uma série de obstáculos, sendo o principal deles a falta de salubridade da região, o que fazia com que muitos ficassem doentes, reduzindo significativamente a expectativa de vida, além disso, a distância de Vila Bela da Santíssima

⁸⁸BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. 2010, p.4.

Trindade em relação a Cuiabá e a dinâmica das chuvas fizeram com que a cidade não conseguisse se desenvolver no ritmo esperado.

O fato do arrecadamento sobre as minas de ouro ser instável, o comércio ser incerto pela distância da cidade afetando assim a chegada de mercadorias, a tensão a dominar a população pela resistência do povo indígena sobre o território e a produção agrária condenada devido às expressivas cheias em um período e a seca espaçada em outro, fez com que a transferência da capital do Estado para outro lugar fosse inevitável, posteriormente se fixando na atual cidade de Cuiabá.⁸⁹

Conforme Berlandi, Tardivo e Kabeya⁹⁰ a rudeza da experiência deixou marcas indeléveis na população negra da cidade em decorrência do trabalho intenso nos garimpos e na construção da cidade, o que resultou em uma série de levantes e fugas, o que explica o número de quilombos que foram criados ao redor da cidade, dentre os quais se destacam o *Quaritetê e de Piolho*.

De acordo com Lima⁹¹, o contexto *sui generis* da formação da cidade, juntamente com o seu perfil demográfico que se manteve praticamente inalterado ao longo de 100 anos, fez com que um sentimento muito forte de solidariedade fosse construído entre os cidadãos de Vila Bela, majoritariamente negros e com um passado em comum. “Com a decadência, a população de Vila Bela valeu-se da solidariedade para sobreviver e garantir uma identidade própria.”⁹²

Se no início da colonização portuguesa na América, a preocupação em relação à defesa do território encontrava-se no litoral, agora a ameaça vem de outra direção, do centro do continente. Isso porque, com o Tratado de Madri, poderia os espanhóis tentar reaver o território que haviam perdido para Portugal. Era preciso que toda a riqueza que passara a pertencer a Coroa portuguesa com tal tratado fosse garantida e que não houvesse uma tentativa de invasão do território por parte dos espanhóis.

Para isso, era preciso que a máquina administrativa estivesse em uma localidade próxima a fronteira. As instruções recebidas pelo então Primeiro Governador e capitão General de Mato grosso, era de que o local escolhido para abrigar a administração da Capitania deveria cumprir esse papel de guardião do território recém-conquistado

⁸⁹BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. 2010, p.7.

⁹⁰*Idem*.

⁹¹LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.28.

⁹²*Idem*.

oficialmente:

Atendendo que no Mato Grosso se requer a maior vigilância por causa da vizinhança que se tem, houve por bem determinar que a cabeça do governo se pusesse neste distrito [...] por se ter entendido que Mato Grosso é a chave e o propugnáculo do sertão do Brasil por parte do Peru [...] ⁹³

Assim, pode-se afirmar que a escolha do local em que procurou se edificar a Vila-Capital não levou em consideração a distancia existente com os grandes núcleos populacionais da colônia. Buscou-se apenas obedecer as ordens da Coroa Portuguesa, que deixava claro o papel que tal vila deveria cumprir. Assim, as margens do rio Guaporé, no extremo Oeste de Mato Grosso foi fundada a Vila que seria a primeira capital do estado. Pelo tempo que foi preciso, a vila-capital conseguiu cumprir esse papel, devido a instalação naquele local de toda uma estrutura que garantia a administração desejada, como o palácio do governo e demais órgãos públicos e governamentais.

Por mais que Portugal se caracterizasse como um reino católico, pode-se afirmar que, quanto a forma, Vila Bela foi pensada e construída segundo os padrões da filosofia das luzes. Filosofia essa que valorizava a razão e defendia que a mesma deveria ser desvinculada da fé. Isso porque, “Na perspectiva do iluminismo, planejar ambientes saudáveis passou a fazer parte da arte de edificar. Ruas foram alargadas, jardins foram planejados, e as avenidas de traços alinhados, retilíneos, representavam a sociedade caminhando para a civilidade e o progresso”⁹⁴.

De fato, o visitante ao chegar a Vila Bela consegue perceber que suas ruas tem formatos retilíneos, de modo que em uma extremidade é possível avistar a outra. Além disso, trata-se de ruas largas, até certo ponto agradáveis aos olhos. Isso talvez se deva ao fato de que era preciso que os habitantes da cidade tivessem ampla visão da cidade, visto que se tratava de uma região de eminentes conflitos, seja pela presença indígena na região, seja pela proximidade com as terras espanholas. Esse formato de cidade não se observava, por exemplo, em Cuiabá, que ao contrario de Vila Bela, surgiu a partir de achados auríferos e foi se constituindo em torno dos veios de exploração.

Depois de cumprido o papel de guardião da fronteira, a Vila Bela deixou de ser capital

⁹³ Instruções aos Capitães-Generais. Cuiabá, MT 2001 APUD SILVA, João Bosco da. Vila Bela a época de Luiz de Albuquerque: (1772-1789) Cuiabá: EDUFMT, 2017. P. 22

⁹⁴ SILVA, João Bosco da. Vila Bela a época de Luiz de Albuquerque: (1772-1789) Cuiabá: EDUFMT, 2017. P. 28

passando essa função para a cidade de Cuiabá, em 1835, que já em época da criação de Vila Bela esta contava com melhor estrutura urbana. Isso reforça a ideia do caráter estratégico da fundação de Vila Bela da Santíssima, no extremo oeste da capitania. Cuiabá, por mais que fosse estruturado o suficiente para abrigar a administração da capitania, estava distante demais da fronteira que dividia as terras pertencentes a Portugal e a Espanha. Com a mudança da estrutura administrativa, Vila Bela da Santíssima Trindade, com o abandono da população branca administrativa deste local, ficaria quase que exclusivamente com a presença de escravos afro-descendentes, se tornando, como afirma Delamonica, em uma “Cidade Negra”.

De acordo com Fava⁹⁵ não é possível falar com clareza acerca da origem de Vila Bela da Santíssima Trindade, pois existem discordâncias entre os autores nessa questão, visto que em sua obra Volpato (1987) defende que a crise política e econômica que afetava o reino era uma questão mais imperativa do que a questão territorial, cabendo aos minérios uma forma de contornar esse quadro, portanto, foi diante desse contexto que as fronteiras do Brasil foram sendo empurradas para o Oeste. Por outro lado, Fava⁹⁶ também aponta para a argumentação proposta por Maria de Lourdes Bandeira (1988) na qual defende que a busca por índios também se caracterizava como uma importante preocupação dos bandeirantes, pois os índios poderiam fazer às vezes de lastro financeiro da empreitada em torno da busca por minérios, visto que o comércio de índios poderia reduzir os riscos do investimento caso não fossem encontradas jazidas.

Nesse ínterim, Fava⁹⁷ afirma que o bandeirante Pascoal Moreira Cabral encontrou a região da atual Cuiabá, recebendo o nome de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, sendo que, além disso, uma figura histórica de nome Miguel Sutil encontrou jazidas de ouro às margens do Rio Coxipó no ano de 1719. Evidentemente a notícia da presença de ouro na região levou a exploração das redondezas, e por consequência disso a localidade de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá se tornou como a base de apoio das explorações, o que culminou na descoberta do Vale do Guaporé.

Conforme Facchinetto⁹⁸ estas dinâmicas exploratórias chegaram até a confluência do rio Jauru com o rio Paraguai, um local absolutamente estratégico para a Coroa Portuguesa, devido ao acesso a bacia Amazônica e a presença de uma grande quantidade de jazidas de ouro. No entanto, os espanhóis já possuíam ciência da região, estando igualmente presentes

⁹⁵FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.22.

⁹⁶*Idem.*

⁹⁷*Idem.*

⁹⁸FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.2.

nas margens do rio Guaporé, o que levou Portugal a fundar uma nova capitania na região, na forma da Vila Bela da Santíssima Trindade.

Assim, Facchinetto⁹⁹ relata que para incentivar ainda mais a ocupação, além do que já ocorria em decorrência da presença de jazidas auríferas, o então Governador, Dom Rolim de Moura, ofereceu terras e títulos para os indivíduos que fixassem residência na região, além de serem perdoadas todas as modalidades de crime, desde que o meliante morasse no local pelo período mínimo de três anos, uma estratégia bem sucedida visto que criminosos chegaram à farta nesta localidade. No entanto, de acordo com Facchinetto¹⁰⁰ o local escolhido para a construção da cidade não se revelou o mais apropriado devido a insalubridade da região, o que resultava no desenvolvimento de muitas doenças, somado ao fato de que o trabalho escravo era muito intenso na região, resultando em uma expectativa de vida que não ultrapassava a marca dos 35 anos de idade.

A base da economia vilabelense era o garimpo. O ouro “catado” era o superficial, até onde a vista alcançava, devido à falta de instrumentos adequados para o garimpo. Tão instável quanto a produção do ouro estava o comércio, dependente de produtos vindos de capitanias distantes barrando ainda na dificuldade de acesso à vila. A produção agrária era precária: as constantes cheias do rio arrasavam as plantações, enquanto, por sua vez, os períodos de seca prolongada impediam as boas colheitas. Ainda contavam com a resistência dos povos indígenas locais, que resistiam à invasão, e aos conflitos por estar numa área de divisa, entre terras de Portugal e Espanha, deixando a cidade num clima de constante tensão.¹⁰¹

Conforme Fava¹⁰² a região se apresentava como um ponto nevrálgico da política de fronteiras entre Portugal e Espanha, pois consistia da localidade mais a oeste da Coroa de Portugal, pois dentro do contexto fluvial delimitava o ponto de inflexão das fronteiras segundo o que foi firmado no Acordo de Tordesilhas, apresentando-se como um “*hub*” entre Belém e São Paulo e a partir de Cuiabá dentro do contexto terrestre, ligava-se à Bahia e o Rio de Janeiro. “Internamente, em termos de Brasil, definiu um contraponto de tensão polarizadora da unidade territorial, claramente visualizável no mapa de rotas fluviais e terrestres.”¹⁰³

⁹⁹FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.2

¹⁰⁰*Idem.*

¹⁰¹*Idem.*

¹⁰²BANDEIRA, M.L. Território negro em espaço branco. Editora Brasiliense, São Paulo, 1988. p. 80

¹⁰³*Idem.*

A organização administrativa da Capitania de Mato Grosso

Segundo Fava¹⁰⁴ a Capitania de Mato Grosso foi criada por meio de expedição de Alvará em 9 de maio de 1748, afirmando que neste momento as jazidas de Cuiabá e Mato Grosso já estavam em declínio, levando em consideração que eram as principais jazidas da região. No entanto, a composição efetiva do gabinete governamental só ocorreu três anos depois, momento em que chegou à Capitania a figura de Antônio Rolim de Moura, então Primeiro Capitão-General.

Nesse sentido, Fava¹⁰⁵ aponta que além de se encarregar da organização administrativa, Antônio Rolim de Moura também cumpriria o papel de fazer o comércio ganhar corpo na região, estando de posse da planta da cidade, criada em Portugal e do protótipo arquitetônico das casas, o que foi produzido no Rio de Janeiro. Em suma, teria como objetivos urgentes articular o comércio entre a Metrópole e a produção de minérios, o que passa pelo combate ao contrabando de ouro, além de assegurar a cobrança dos quintos, imposto da época.

Em decorrência da insalubridade do local, Facchinetto¹⁰⁶ afirma que os que tinham descendência européia não compreendiam porque os negros eram mais resistentes às condições do local, embora se julgassem de uma estirpe superior, portanto, decidiram que os negros deveriam permanecer na localidade de Vila Bela da Santíssima Trindade enquanto se mudavam para Cuiabá, o caso é que negros e índios possuíam conhecimentos muito especializados em matéria de flora medicinal e manipulação de insumos naturais para tratamento de enfermidades.

Conforme Facchinetto¹⁰⁷ foram estas circunstâncias que fizeram com que Cuiabá fosse designada a nova capital do Mato Grosso, fazendo com que os brancos deixassem Vila Bela da Santíssima Trindade para assumir seus cargos administrativos em Cuiabá, portanto, a partir desse momento Vila Bela se torna um espaço de liberdade e posse conjunta do território para a sua população negra, que dá continuidade ao processo de construção da cidade.

¹⁰⁴ FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.20

¹⁰⁵ *Idem*

¹⁰⁶ FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.2.

¹⁰⁷ *Idem*.



Figura 24- Vila Bela da Santíssima Trindade
Fonte: Facchinetto (2009)

Conforme Jesus¹⁰⁸, a então Capitania de Mato Grosso estava situada no coração do continente sul-americano, contendo em seu território três ecossistemas distintos, na forma de floresta, cerrado e pantanal, além disso a região era habitada por uma série de tribos indígenas distintas. Possuía como regiões limítrofes a Capitania do Grão-Pará, de São Paulo e de Goiás, e em matéria de domínio espanhol, os governos de Chiquitos e Moxos, somando ao todo 48 mil léguas quadradas de extensão, sendo que no momento de sua fundação possuía apenas dois distritos, Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Levando isso em consideração, Jesus¹⁰⁹ defende que apesar de a Capitania de Mato Grosso ser mineira como as Gerais e ter um papel geopolítico como a Capitania do Rio Grande se distinguia destas duas Capitanias justamente por possuir estas duas características conjuntamente, na forma de uma capitania-fronteira-mineira, o que reforça a sua importância.

A construção de Vila Bela da Santíssima Trindade

Segundo Facchinetto¹¹⁰ os planos originais definidos conjuntamente por Lisboa e Rio de Janeiro tiveram que ser adaptados a realidade de Vila Bela principalmente em matéria de temperatura, distância em relação a outras cidades e a dificuldade de acesso a região. Nesse sentido, afirma que os sobrados foram construídos na forma de casas térreas ganhando em largura, o solo inapropriado fez com que as estruturas das casas ganhassem um reforço extra e a escassez de materiais nobres fez com que os construtores empregassem materiais da própria região, como pedras, pau a pique e cobertura de capim. No entanto outras diretrizes foram seguidas a risca, como o traçado retilíneo das ruas, que possuíam 70 palmos de largura e o fato de que as casas deveriam ser construídas tendo como referência o alinhamento frontal dos

¹⁰⁸JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. p.18

¹⁰⁹JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. p.19.

¹¹⁰FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.3.

terrenos. No mais é possível dizer que as edificações seguiam o padrão colonial do século XVIII.

A construção da cidade não foi fácil. [...] os materiais para construção vinham de outras localidades, o que repercutia em uma logística lenta e nada acessível. [...] baseada nos relatos dissertados pelo próprio Capitão General Rolim de Moura, que, além da questão logística, a localidade apresentou outros percalços nas construções, como dificuldades de pessoal para construir as edificações na cidade, questões econômicas e sanitárias, já que, devido à proximidade do rio, Vila Bela era alvo de inundações e de epidemias. Por essas razões, muitas obras foram descontinuadas na cidade.¹¹¹

O fato é que conforme Fava¹¹² os negros tiveram um papel fundamental na história de Vila Bela da Santíssima Trindade, pois com exceção das atividades administrativas, todas as outras atividades eram lideradas ou contavam com a participação de negros. E a transferência da capital para Cuiabá reforçou uma união que já existia entre os negros libertos e os escravos no âmbito das expressões culturais e valores coletivos. Como disse afirma Bandeira, “Essa identidade estigmatizada, em sua própria força de compressão, estimulou os pretos a definir, para além de suas diferenças, espaços de solidariedade em que foi possível a redefinição de sua identidade étnica.”¹¹³

No entanto, segundo Fava¹¹⁴ nem todos os negros se conformavam ao *status quo* imposto pelos de origem européia, pois muitos fugiam e buscavam estabelecer quilombos nos arredores de Vila Bela, apontando como o mais famoso deles o Quilombo do Piolho, no qual conviviam negros e índios, mas este quilombo foi descoberto e seus residentes aprisionados e levados de volta para Vila Bela, algo em torno de 79 negros de ambos os sexos e 30 índios.

De acordo com Facchinetto¹¹⁵ todas as dificuldades que os negros e índios passaram na mão dos brancos fizeram com que eles tivessem receio de os brancos voltassem para a cidade, mesmo após a capital ter sido transferida para Cuiabá. Portanto, afirma que novos quilombos foram criados após este fato da mudança da capital ter ocorrido, aonde praticavam a agricultura de subsistência e retomaram a prática de sua cultura e religião tradicionais. Além disso, chega a afirmar que foi somente 70 anos depois que esse receio do retorno dos brancos

¹¹¹FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa: comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade.** 2015. p.20.

¹¹²FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa: comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade.** 2015. p.21

¹¹³ BANDEIRA, M.L. **Território negro em espaço branco.** Editora Brasiliense, São Paulo, 1988. p. 113

¹¹⁴FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa: comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade.** 2015. p.22

¹¹⁵FACCHINETTO, Janaína. **Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos.** 2009. p.3.

passou, momento que marca a ocupação definitiva de Vila Bela da Santíssima Trindade pelos negros.

Em suma, ao longo do processo de pesquisa bibliográfica não fica claro a proporção de negros, entre libertos e ex-escravos que se manteve na cidade e a que partiu para o estabelecimento de quilombos nos arredores. Por sua vez, Fava¹¹⁶ afirma que nem todos os brancos se mudaram para Cuiabá, o que resultou em uma mudança radical em matéria da forma que os brancos tratavam os negros, que agora eram minoria em Vila Bela. Portanto, trabalhos que outrora eram realizados em regime de escravidão, agora passam a ser indicativo de independência liberdade e dignidade para o povo negro.

Conforme Jesus¹¹⁷ a rivalidade existente entre a Vila Real do Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade é notória e conhecida pela historiografia do Mato Grosso, cujas origens remontam a 1752, momento da fundação de Vila Bela. E esta rivalidade que revelava principalmente na forma de uma insatisfação por parte dos moradores da Vila Real em decorrência de esta cidade não ter sido a escolhida para ser a capital, apesar de ter uma infraestrutura mais apropriada para este fim.

Em seu estudo, Jesus¹¹⁸ afirma que data de 1802 a primeira proposta de transferência da capital, por iniciativa do Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, seguida pela proposta do governador João Carlos Augusto D'Oeynhausén (1807-1817), que fixou residência em Vila Real, e por fim, em 1820, momento em que ocorreram uma série de embates entre as duas cidades, em decorrência da criação das juntas governativas.

Segundo Jesus¹¹⁹ nesse período a Vila Real do Cuiabá já poderia ser considerada como uma cidade madura e bem consolidada, dividida em duas regiões principais na forma de vila e porto, estando localizada em um pequeno vale ladeado por morros e cortado por córregos, sendo o mais conhecido o da Prainha, que desaguava no rio homônimo ao da cidade. Como não poderia deixar de ser, no centro da Vila se encontrava a Igreja Matriz, e a casa do governador em taipa de pilão, embora coberta com telhas e possuindo aposentos forrados. “Pelo menos cinco fontes públicas de água potável abasteciam a vila, que, juntamente com seu termo, possuía em torno de 7.877 pessoas.”¹²⁰

¹¹⁶FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.26.

¹¹⁷JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. p.129

¹¹⁸*Idem.*

¹¹⁹JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. p.132.

¹²⁰JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. p.133.

O processo de Tombamento de Vila Bela da Santíssima Trindade

Tendo em vista a importância histórica dos espaços de memória existente em Vila Bela da Santíssima Trindade, espaços esses representados pelo centro histórico desta cidade, que teve seu tombamento concretizado pelo governo de Mato Grosso, através da Secretaria de Estado da Cultura/SEC, com a Portaria nº 22/84, de 10/9/1984.

Já as ruínas da Igreja Matriz, que constitui um importante marco na expansão portuguesa no extremo Oeste de Mato Grosso por sua imponência na época, Apesar nunca ter sido concluída, a construção em adobe e pedra canga sobreviveu ao tempo e teve o seu tombamento efetivado pelo IPHAN, através do processo 877-T-1973, inscrito em 06/1988 no livro tomo daquela instituição. Também sob o mesmo registro de tombamento encontra-se a casa dos capitães gerais. Tal construção conserva ainda traços e características de uma época de pujança aurífera no estado:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Nome atribuído: Ruínas da Igreja da Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade, situadas na quadra delimitada pela R. Municipal ou dos Mercadores, pela Travessa do Palácio, pela R. Dr. Mário Correa ou do Fogo e pela Travessa nº 4, ou de Trás do Palácio, e Ruínas do Palácio dos Capitães Gerais

Localização: Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Número do Processo: 877-T-1973. Livro do Tombo Histórico: Inscrição em 06/1988

Descrição: Trata-se das ruínas da antiga capital da província do Mato Grosso, situada no extremo oeste do Estado, às margens do rio Guaporé. Região descoberta em 1730, logo o governo português percebeu a importância de conservar as jazidas de ouro e a possibilidade de introduzir manufaturas anglo-portuguesas no Peru construindo na fronteira, ao longo do rio, uma rede administrativa e militar destinada a rechaçar eventuais ataques dos espanhóis. Esta rede, ao longo do Guaporé, se comunicaria com o Pará através de Guajará-Mirim e o rio Amazonas.¹²¹

Quando ao patrimônio imaterial de Vila Bela, como a Dança do Congo e do Chorado, assim como a culinária regional, apesar de ter sua importância reconhecida, ainda não recebeu o tombamento das instituições responsáveis, seja ela em nível federal ou estadual.

¹²¹ Acesso em 25 de maio de 2020: < <http://www.ipatrimonio.org/vila-bela-da-santissima-trindade-ruinas-da-igreja-da-matriz>>.

CAPITULO V

A “FESTANÇA” DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE:

cultura e patrimônio histórico de Mato Grosso

Ao chegar na cidade setecentista de Vila Bela da Santíssima Trindade, é impossível para os amantes da história não se impressionar, logo que passa pelo centro da cidade. Isso porque a presença opulenta da ruína da igreja matriz faz com que o visitante passe a imaginar e a vislumbrar o passado histórico desse lugar de diferentes culturas, modos de vida e tradições. Para os alunos da educação básica, a visão de tal monumento faz com que eles percebam o quanto são protagonistas dessa história, marcada por lutas e experiências vividas por homens, mulheres e crianças no processo de constituição desse espaço sociocultural de Mato Grosso.



Figura 25- Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade
Fonte: acervo do Autor

Esse capítulo tem como objetivo apresentar a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade na atualidade, como fonte de pesquisa e estudo sobre a história de Mato Grosso, destacando a cultura de sua população formada, em sua maioria por negros afro-descendentes, bem como suas festas e tradições vividas e preservadas ao longo de sua história. Nesse

aspecto, fornecer como produto desta visita e pesquisa sobre Vila Bela da Santíssima Trindade um manual/roteiro das festas e tradições desta cidade, para futuros visitantes desse lugar, como contribuição para o entendimento da importância e riqueza do patrimônio histórico-cultural, material e imaterial, desse lugar.

Segundo Facchinetto¹²² a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade ainda carrega uma série de marcas do seu passado, principalmente na forma da antiga Matriz que atualmente se encontra em ruínas no centro da cidade, embora esforços tenham sido estabelecidos para preservar o que resta. Nesse sentido afirma que em 2 de maio de 2006, foi inaugurada uma cobertura formada por estrutura metálica e policarbonato, com o intuito de proteger as ruínas das intempéries, que segundo estudos poderiam não resistir por mais de 10 anos se fossem deixadas ao léu e sob a ação de vândalos.



Figura 26- Praça de Vila Bela da Santíssima Trindade, com as rúas da antiga catedral.

Fonte: Wikimapia.org (2011).

No mais, Facchinetto¹²³ aponta que a cidade como um todo possui o caráter de uma cidade perdida no tempo, pois a maioria das casas possuem sua estrutura formada de tijolos nus e telha de barro, contando com o apoio de esquadrias simples de madeira. Em se tratando das ruas da cidade, afirma que não existem ruas asfaltadas, pois tirando as ruas que margeiam o centro da cidade, revestidas por paralelepípedo, todas as outras são de terra batida. A Figura 16 ilustra um mapa da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade referente ao ano de 1999.

¹²²FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.4.

¹²³*Idem.*

Em seu estudo, Lima¹²⁴ afirma que a demografia da cidade permaneceu praticamente inalterada ao longo de cem anos, entre 1862 e 1960, a título de comparação na década de 1960 a cidade contava com 2.712 habitantes, apenas 12 mil a menos em comparação com 2009, quando totalizava 14.523 habitantes. Um quadro que só se alterou em decorrência das correntes migratórias a partir do final da década de 1960. No entanto, considera que as pessoas que se mudaram para a região tinham em mente obter terrenos próprios para o plantio, portanto, o aumento populacional ocorreu principalmente na região rural, enquanto o quadro demográfico se revelou inalterado na cidade.

Em seu estudo, Facchinetto¹²⁵ apresenta uma fotografia aérea da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (Figura 17 e 18), por meio dela é possível observar que o traçado inicial definido para a cidade no período de sua fundação se manteve praticamente inalterado, pois a cidade ainda conta com a presença das ruas largas e retilíneas, e um pouco abaixo do centro da foto é possível observar o que parecem ser ruínas, o que é um indício de que a foto foi tirada antes de 2006, momento em que foi inaugurada a estrutura metálica com a função de resguardar

as ruínas da Igreja das intempéries. Além disso, não é possível notar a presença dos paralelepípedos, um indicativo de ser uma intervenção posterior ao momento da foto.



Figura 27 – Mapa atual da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade
Fonte: Lima (2000)

¹²⁴LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.23.

¹²⁵FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.4.



Figura 28- Vista aérea da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade
 Fonte: Facchinetto (2009)

Os negros herdaram uma cidade em ruínas. Eles mesmos se encontraram arruinados e dispersos pelas condições em que foram deixados pelos brancos que se mudaram para Cuiabá. Gradativamente, foram se apropriando da cidade, dos seus espaços, da sua liberdade, da sua vida social e cultural, da sua visão de mundo e reelaborando suas relações com a natureza e entre si. Assim, Vila Bela da Santíssima Trindade se torna uma comunidade essencialmente negra.¹²⁶

Um quadro que segundo Lima¹²⁷, só se alterou em decorrência das iniciativas de ocupação do interior do Brasil promovidas pelo governo federal durante o Governo Militar, momento em que muitos brancos migraram para a região de Vila Bela da Santíssima Trindade, provocando alterações no quadro demográfico da cidade que se permaneciam praticamente inalteradas ao longo de 100 anos. No entanto, afirma que a população da cidade atualmente ainda é 70% negra.

E aqui Lima¹²⁸ chama a atenção para o fato de que em Vila Bela da Santíssima Trindade a terra era verdadeiramente comunitária, o que significa que não existiam donos de terra, pois esta era de quem estivesse trabalhando nela, uma dinâmica que só é possível em uma localidade aonde todos se conhecem e mantém algum grau de parentesco. No entanto, isso mudou com o surgimento dos grileiros de terra, que passaram a tomar posse de terras de forma ilegal, empregando de violência quando necessário. “Assim, grandes áreas tomadas pelos ‘grileiros’ (pessoas que se apossaram de forma ilegal das terras alheias) fizeram com

¹²⁶LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.28.

¹²⁷*Idem.*

¹²⁸LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.32.

que a região se constituísse, hoje, numa grande área de latifúndios.”¹²⁹

Conforme Berlandi, Tardivo e Kabeya¹³⁰ apesar dos recentes percalços na história da cidade, as suas expressões culturais se mantêm extremamente vivas e praticamente inalteradas desde o período em que os negros libertos e ex-escravos tomaram posse da cidade, o que se revela como um grande chamariz de turistas para a cidade, que aproveitam para conhecer as ruínas da antiga Igreja Matriz. Uma prova do desenvolvimento de uma forte comunidade negra na cidade é a criação ao longo do tempo de um extenso vocabulário próprio e muito específico como evidencia o estudo de Lima¹³¹, que conta como uma série de páginas, como é possível observar na amostra a seguir.

Palavra	Significado
A	
Ajuê:	Interjeição que exprime alegria. <i>(banto): auê</i>
Aluá:	Doce de açúcar, de origem árabe. Bebida. <i>(banto): hauçá</i>
Anhá não meá sinhá:	Expressão negativa. <i>Inhá, sinhá.</i>
Aquá:	expressão negativa. <i>(banto): quá.</i>
B	
Bamba:	Forte, valente, destemido, pessoa que é autoridade em determinado assunto; tribo da região noroeste de Angola. Do quicongo <i>quimbundo</i> Mbamba que significa mestre, exímio.
Bezêque:	Lanche de confraternização oferecido após alguma cerimônia
Biboca:	Lugar de buraco e socavões.
Bizaura:	Nome de pessoa. <i>Umbundo.</i>
Breve:	v. <i>zimbrevé.</i>
Buia (bulha)	Ruído, briga, desavença.
Bumba auê:	Bate tambor. <i>Auê</i>
Bumba xerê:	Bate tambor. <i>Olelê.</i>
C	
Calunga:	Ídolo, escultura, fetiche, imagem, morto. De origem <i>panbanto</i>
Kalunga:	Divindade das profundezas do mar. De origem <i>quimbundo</i> ,
Cambito:	Desnutrido. <i>(port) ! "- f</i>
Camindá:	Caminhar. <i>(banto): kuminda.</i>
Canjanha:	Espada.
Cazu:	Nome de pessoa.
Chicha:	Bebida feita de fubá de milho ou de arroz cozido, açúcar e sumo de limão. Em Vila Bela é feita de fubá de milho torrado, água, gengibre e cravo.
Chilena:	De origem <i>espanhola</i> , chileno com o significado de uma raça de gado vacum.
Cojraco:	Agradecimento.
Congiar:	Vigiar. <i>(banto): kudila.</i>
Consoadas:	Festas e refeições depois de jejuns, refeições ligeiras que se tomam à noite, nos dias de jejum. <i>(port)</i>
Cutiá:	comer. <i>(banto): kudila.</i>
M	
Mandegueiro:	Feiticeiro. <i>(banto): mandinga</i>
Marimbondo:	Origem <i>quimbundo</i> : ma + rimbondo =vespa. <i>(banto)</i>
Martelando:	Pensando. <i>(port)</i>
Matingangolê:	Vamos celebrar. <i>(banto)</i>
Matingombê:	Vamos bater tambor. <i>(banto)</i>

¹²⁹LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.33

¹³⁰BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. 2010, p.6.

¹³¹LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.28.

Matula:	Lanche, alimento para viagem. <i>(port)</i>
Miragongo / Mingongo:	Larva de um inseto que ataca o coco babaçu; centopéia.
Mombaça:	Cidade do sul do Quênia, numa pequena ilha, próxima o litoral.
Moti:	No mato.
Mucama:	Escrava favorita nos serviços da patroa. <i>Mukamba</i>
Mumbique:	Escravo mal trajado. <i>Mumbika</i> .
Mumbungues:	Soldados atrevidos.
Muquá / amucua:	Palavra de ordem, conotação de represália. Vamos companheiros. <i>(banto)</i>
Muqueta:	Apelido, zombaria. Treta. <i>(port)</i>
Mutê:	Muntuê.
Mutum:	Ave galinácea silvestre.
Muxirungo / musidungo:	Fuxiqueiro. <i>(banto)</i>

Quadro 1 – Evidências do Vocabulário característico da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade

Fonte: Lima (2000)

Berlandi, Tardivo e Kabeya¹³² chegam a afirmar que a chamada “Festança” promovida na cidade caracterizada pela realização conjunta da Festa do Divino Espírito Santo, Santíssima Trindade e Três Pessoas colocou a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade no circuito turístico internacional, configurando-se como importante incremento a economia da região e conseqüentemente o seu desenvolvimento.

De acordo com Berlandi, Tardivo e Kabeya¹³³ a “Festança” transcorre ao longo de todo o mês de julho na cidade, momento em que as tradições culturais passadas de geração em geração ganham expressão máxima, na forma da *Dança do Chorado e Dança do Congo*, bem como as rezas em devoção ao Glorioso São Benedito, identificado como protetor do Vale do Rio Guaporé. Soma-se a isso a exposição de bebidas afrodisíacas preparadas pelas senhoras mais antigas da região, e a elaboração de comidas típicas, que ao longo do evento são distribuídas de forma gratuita a toda a população.

As Ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela

As ruínas da Igreja Matriz da Santíssima Trindade constituem um marco histórico da expansão colonial portuguesa. Mostram paredes em adobes de extraordinária espessura e alicerces com embasamento de cantaria em pedra canga. A matriz nunca chegou a ser concluída, provavelmente, por ter sua construção iniciada no período da decadência de Vila Bela. O seu fundamento é de pedra canga, o pedestal e parte das paredes na altura deste são de cantaria da mesma pedra. Só a parte superior das paredes é de adobes (tijolos crus) sendo estes da largura de 1,50 m.

¹³²BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. 2010, p.6.

¹³³Idem.



Figura 29- As ruínas da Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Fonte: jornaloeste.com.br (2020).

Em seu estudo, Jesus¹³⁴ afirma que o Governador da cidade de Vila Bela por volta do ano de 1772, realizou um levantamento da malha habitacional da cidade com o intuito de identificar que residências deveriam ser reformadas, a fim de que passassem a acompanhar as diretrizes estabelecidas, e o resultado evidenciou um número de 97 pessoas responsáveis por casas e seus respectivos quintais, quando existiam, sendo que deste número, 32 eram mulheres, sendo significativa a presença delas em certos logradouros como a Rua Santo Antônio e a Rua do Fogo (como ilustrada na Figura 20).

O documento histórico levantado por Jesus¹³⁵ mostra que uma dessas mulheres foi identificada como “preta forra”, ao passo que entre os homens, apenas um indivíduo residente na Rua da Igreja foi identificado como preto. Nele, todas as ruas foram identificadas, e dentre as que ficavam no centro da cidade podem ser apontadas a Rua do Sul, Rua dos Quartéis, a Rua Augusta ou do Palácio, a Rua da Virgem, a Rua da Maria, entre outras.

¹³⁴JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. p.135.

¹³⁵*Idem.*

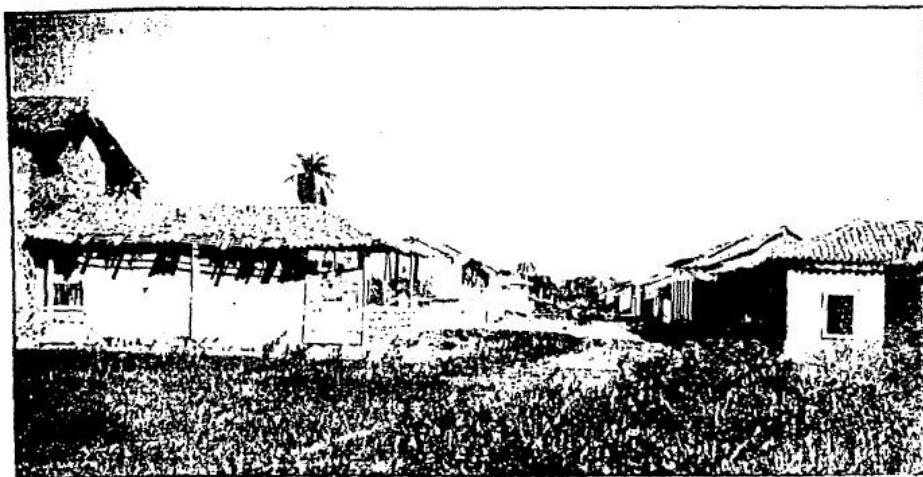


Figura 30- Fotografia da Rua do Fogo (Vila Bela da Santíssima Trindade)
Fonte: Lima (2000)

Conforme Jesus¹³⁶ eram nessas ruas do centro que estava situado o que chama de espaço do poder, pois como o nome Rua do Palácio já indica, era o local aonde figuravam o Palácio dos Governadores, a Casa da Câmara e Cadeia, os quartéis e a Igreja Matriz. O que é no mínimo curioso, pois outros autores apontam que Antonio Rolim de Moura buscou construir uma Igreja Matriz com o intuito de evitar que a capital fosse transferida para Cuiabá.

No entanto o ciclo de extração de minério já estava chegando ao seu ocaso, o que fez com que a obra fosse interrompida, sem contar os problemas logísticos envolvidos com a construção de estruturas na cidade. No entanto, em seu estudo, Jesus¹³⁷ afirma que quem tentou tocar a obra foi um governador de nome Luis Pinto de Souza Coutinho.

A Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade

De acordo com Berlandi, Tardivo e Kabeya¹³⁸, crenças do mundo religioso e do mundo profano são elementos importantes e profundamente enraizados da formação comunitária da população de Vila Bela da Santíssima Trindade, sendo que a própria cidade se torna palco para manifestações culturais da coletividade, tornando difusas as linhas entre o plano real do cotidiano e o plano simbólico das festividades.

¹³⁶JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. p.136

¹³⁷JESUS, Nauk Maria de. O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII. p.137.

¹³⁸BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.7.

Em Vila Bela é possível observar que não existe uma disputa entre os freqüentadores da Igreja Católica e os participantes da Dança do Congo e do Chorado, pois em eventos como a Festança, toda a cidade participa da festa, até mesmo a prefeitura se torna parte do itinerário, e a porta da Igreja se torna um importante ponto de parada, portanto, durante o período das festas, toda a comunidade é ressignificada, e cada participante passa a assumir novos papéis.

Portanto, segundo Berlandi, Tardivo e Kabeya¹³⁹ na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade existe um forte sentimento de pertencimento e defesa das tradições culturais, além disso, apesar de a população ser majoritariamente formada por descendentes de negros e índios, não se pode negar também a força de sua fé.

Além disso, defende que o sincretismo religioso que se formou em Vila Bela não enfraqueceu a força de seus cultos, muito pelo contrário. “A organização das crenças e práticas mágico-religiosas assume a feição do catolicismo rústico (...) como expressão rural do catolicismo brasileiro que centra sua vida religiosa no culto dos santos.”¹⁴⁰ Embora na cidade seja possível observar a influência de diversos “*backgrounds*” étnicos.

Embora uma parte da população negra do assentamento original de Vila Bela fosse de origem diretamente africana, seus descendentes abraçaram de tal modo o catolicismo, que apenas alguns vestígios daquela herança restaram aglutinados no congo, em palavras de origem banto e na lembrança da história das lutas entre reinos africanos, congo e bamba, pela mão da princesa ali chamada pelo nome de Ana Maria de Gouveia, mais conhecida como rainha ginga. Assim permaneceu, quase unicamente vinculada ao catolicismo² até há cerca de 50 anos, quando chegou a primeira filiação evangélica, a Missão Cristã do Brasil, responsável pelo único hospital que a cidade possui. Hoje, são cerca de 12 as denominações evangélicas presentes na vila, as quais são vistas por lideranças festivas como uma das ameaças à continuidade da festança, junto com o turismo.¹⁴¹

Por outro lado, Lima¹⁴² afirma que a Festança de Vila Bela está intimamente relacionada com os ciclos da natureza, pois originalmente era realizada no começo de um novo ciclo agrícola, momento em que a terra é preparada para a sementeira, algo que ocorria

¹³⁹BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.7

¹⁴⁰*Idem*.

¹⁴¹ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.3.

¹⁴²LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.39.

entre a segunda quinzena de Setembro e a primeira de Outubro, período em que a estação seca está encerrando para dar lugar a estação das chuvas.

Tendo isso em mente, Lima¹⁴³ expõe que o objetivo da Festança era agradecer aos santos, principalmente São Benedito pela proteção que foi dada a população ao longo do último ciclo de plantio e é nesse contexto que entram as grandes refeições comunitárias como forma de evidenciar a fartura oriunda do ciclo anterior de plantio. E originalmente, os padres aproveitavam o momento para visitar a cidade e ministrar os sacramentos da Igreja Católica, na forma de batizados, casamentos e confissões. Nesse sentido, a Figura 21 ilustra essa mescla da descendência negra e forte vínculo cultural-religioso de vertente cristã.



Figura 31— Festança de Vila Bela, junção da cultura negra e crença religiosa
Fonte: Berlandi, Tardivo e Kabeya (2010)

Portanto, Lima¹⁴⁴ afirma que ao longo do tempo todas as outras festas de cunho religioso foram sendo integradas à *Festança*, como a *Festa do Divino Espírito Santo*, que possui as suas particularidades em Vila Bela da Santíssima Trindade, a *Festa da Santíssima Trindade*, a de *Nossa Senhora do Rosário*, e por fim, a Festa da Mãe de Deus. Momento em que os responsáveis pela sua organização decidiram alterar a data de realização do evento para a segunda quinzena de julho, retirando-a do contexto dos ciclos da natureza, embora os agradecimentos pela colheita anterior ainda se façam presentes.

Por sua vez, Ariano¹⁴⁵ complementa essa afirmação defendendo que quem manifestou o desejo de alterar a data do evento para julho foi a prefeitura da cidade, o que ocorreu antes

¹⁴³LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.43

¹⁴⁴*Idem*.

¹⁴⁵ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.3.

de 1988, pois encontrou essa informação em uma publicação deste ano. Mais adiante comenta sobre a questão da forte ligação social mantida pela população de Vila Bela da Santíssima Trindade, algo que relaciona com a cultura negra, embora defenda que essa pegada comunitária não tenha contribuído para alterar significativamente o perfil da população em comparação com o perfil das camadas populares de outras localidades.

O caso é que segundo os dados encontrados por Ariano¹⁴⁶ em matéria de pesquisas realizadas na região entre 1982 e 1986, os entrevistados alegaram que já não fazia mais sentido buscar emular integralmente os traços africanos originais, pois a busca por soluções para os problemas cotidianos era uma questão mais urgente. “Assim, os vilabelenses optaram, segundo a autora, por marcar sua especificidade étnica no modo de produzir e de distribuir bens baseado no igualitarismo.”¹⁴⁷

Em se tratando especificamente da forte presença e prática do catolicismo na região, apesar de terem sido agregados alguns símbolos decididamente étnicos ao culto, Ariano¹⁴⁸ defende que o período em que Vila Bela da Santíssima Trindade foi capital do Mato Grosso, então capitania, trouxe uma influência indelével para a questão. Nesse sentido, chama a atenção para o mesmo estudo de 1988 no qual se observou que a população da cidade acredita em feitiçaria de base africana ao mesmo tempo em que mantém uma respeitável distância do candomblé e da umbanda, não praticada na cidade.

Em meu trabalho de campo encontrei os mesmos traços registrados pela autora. Os interlocutores classificam a feitiçaria em duas categorias: forte e fraca. O primeiro tipo enquadra pessoas que dominam a capacidade de lançar feitiços e o conhecimento de desfazê-los. O segundo tipo abarca feiteiros capazes apenas de lançar o feitiço. Afirmam, contudo, que na cidade existe apenas a feitiçaria fraca, por isso, buscam nas igrejas evangélicas os instrumentos para livrarem-se dos feitiços. Dado a delicadeza do assunto, não foi possível saber a extensão dessas crenças. Bandeira (1988) registrou um medo associado às religiões afro-brasileira como o candomblé e a umbanda. Não há filiações desse tipo na cidade.¹⁴⁹

Em seu estudo, Berlandi, Tardivo e Kabeya¹⁵⁰ apontam que a alteração da realização da Festa para a segunda quinzena de julho tinha o objetivo de incrementar o fluxo de

¹⁴⁶ARIANO, Heloisa Alfonso. Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.3

¹⁴⁷*Idem.*

¹⁴⁸*Idem.*

¹⁴⁹*Idem.*

¹⁵⁰BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.8.

turistas para a cidade visto que é o momento do ano em que grande parcela da população está de férias, portanto, é possível dizer que os gestores da cidade acreditavam que a cidade tinha uma vocação cultural inexplorada até então.

Conforme Lima¹⁵¹ a Festança transcorre ao longo de uma semana, sendo que é natural observar que na cidade o prefeito decreta uma semana de feriado e as repartições públicas municipais fecham no período. Além disso, afirma que apesar de a Festança ter sido adaptada para um contexto mercadológico, a proposta inicial de agradecimento aos resultados do ciclo de colheita anterior permanecem como uma forma de manter vivas as tradições e manifestações culturais e religiosas da cidade.

Hoje, o pertencimento étnico dessa “comunidade” já não se expressa por meio de uma ocupação comum da terra, um tanto abalada pelas expropriações sofridas desde a década de 60, quando suas terras foram leiloadas na bolsa de valores de São Paulo [...]. A Festança se tornou o principal marcador de pertencimento étnico, em especial, a celebração oferecida a São Benedito, que além de ser uma expressão de religiosidade popular, guarda bastante independência em relação aos controles doutrinários da igreja.¹⁵²

Ao longo do processo de pesquisa bibliográfica, foi possível notar certa confusão em relação a terminologias para alguns eventos da Festança, principalmente em relação a Dança do Congo, pois alguns autores defendem que se trata de uma representação teatral que usa como pano de fundo a própria cidade, enquanto outros afirmam que se trata de um jogo que transcorre em certos espaços de Vila Bela, e por fim, outros autores entendem que o Congo é um ritual, confusão que também ocorre no campo conceitual pois os autores interpretam o pano de fundo da Dança do Congo cada um ao seu modo.

Nesse sentido, Ariano¹⁵³ expõe que a Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade pode ser caracterizada como uma série de festas que vistas como um todo acionam uma rede de dádivas. E como diversas localidades da cidade bem como suas ruas também têm um importante papel a cumprir nas festividades, fica difícil afirmar se a Festança promove um distanciamento do cotidiano, ou se é o cotidiano que é ressignificado como um todo por meio da criação de um momento fora do tempo, no qual o próprio cotidiano da cidade se insere.

¹⁵¹LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.40.

¹⁵²ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santissima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.4.

¹⁵³*Idem*.

Ao analisar os resultados de outros estudos sobre a cidade, Ariano¹⁵⁴ observa uma dificuldade no sentido de identificar a festa como um ritual, pois isso criaria um descompasso em relação a outras atividades que ocorrem nos bastidores do evento sem contar que a Igreja cumpre um papel importante na Festança, visto que ao longo do processo de pesquisa bibliográfica é possível observar que o culto a São Benedito ocorre antes da Dança do Chorado e após a Dança do Congo, o que coloca em xeque a argumentação de que a Festança é um ritual, pois implicaria em categorizar o culto de matriz católica a São Benedito como parte desse ritual.

Os responsáveis pela realização da **Festança** são os festeiros. Para cada festa, do conjunto denominado **Festança**, há os festeiros com as atribuições que lhes são pertinentes. Quanto à escolha dos festeiros e o que lhes compete, descreveremos adiante. A preparação do ciclo da **Festança** tem início com o levantamento dos mastros de São Benedito e do Divino Espírito Santo, três dias antes do início da festa do Divino Espírito Santo. Consta também do ritual da preparação as rezas cantadas nas casas dos festeiros e a coleta de alimentos e/ou dinheiro para o custeio da alimentação, durante uma semana, servida a toda a comunidade.¹⁵⁵

Observando atentamente esse trecho é possível observar que Lima utiliza o termo ritual para descrever a preparação que é feita antes da Festança começar, o que evidencia o quanto são difusas as fronteiras entre o mundo divino e o mundo profano na cidade, principalmente durante o período de festas.

Em suma, Ariano¹⁵⁶ afirma que a Festança também cumpre a função de testar a resiliência do tecido social e a estabilidade familiar, sendo que em seu entendimento alguns cantos utilizam a palavra experimentar nesse sentido, um verbo que considera como parte inerente de uma espécie de cosmologia da Festança, e sendo de altíssima importância como é possível observar no primeiro verso do canto de solicitação das esmolas ou prendas “O Divino pede esmola, não pede por carecer, pede por experimentar, a quem seus devotos quiser”.¹⁵⁷

¹⁵⁴ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.4

¹⁵⁵LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / c Jose Leonildo Lima. 2000. p.40.

¹⁵⁶ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.18.

¹⁵⁷*Idem*.

Além disso, Ariano¹⁵⁸ também considera que a Festança produz uma espécie de imersão em uma realidade paralela, visto que o propósito não é contar uma história, mas viver a festa, como comenta um participante assíduo do festejo. O que significa que o indivíduo que quiser realmente participar da Festança deve se deixar levar, se submeter aos efeitos dela, o que significa que o objetivo da Festança não é fazer representações históricas, mas fazer algo que se aproxima do teatral e do esotérico, do ritualístico.

Para explicar a questão, Ariano¹⁵⁹ faz um paralelo com uma procissão realizada tradicionalmente na localidade espanhola de Bubiñ em honra a São Sebastião, na qual os seus participantes afirmam que o objetivo desta procissão não é o de fazer “um teatro do passado”, pois elas compreendem que o passado está concluído, e é aí que entra em cena a questão da experiência de imersão, pois se busca com esta procissão experimentar as histórias dos antepassados, o que torna difusas as fronteiras entre representação histórica, teatro e ritual.

A Festa do Divino Espírito Santo

Conforme Berlandi, Tardivo e Kabeya¹⁶⁰ a Festa do Divino Espírito é a primeira festividade da Festança, e por estar relacionada com a festa de Pentecostes seus preparativos se iniciam muito antes sendo que o ponto alto da Festa ocorre durante a Festança. Tendo isso em mente, afirma que após terem sido realizadas rezas e missas no domingo de Pentecostes tem início uma peregrinação pelas ruas da cidade que passa por todas as suas residências, momento que a Figura 22 contribui para ilustrar e que também tem o objetivo de arrecadar fundos em prol da Festança.

Portanto, segundo Berlandi, Tardivo e Kabeya¹⁶¹ é possível observar na Festa do Divino Espírito Santo dois momentos distintos que consideram ritualísticos, sendo o primeiro na forma dos ritos preparatórios anteriores a realização da Festança, etapa que conta com a peregrinação da folia, as rezas, o levantamento do mastro e a alvorada dançante. E em um

¹⁵⁸ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.4

¹⁵⁹*Idem.*

¹⁶⁰BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.8.

¹⁶¹BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.9.

segundo momento, que chama de rituais propiciatórios, é realizada a missa propriamente dita, o sorteio dos novos festeiros e os banquetes.



Figura 32- Peregrinação da Bandeira do Divino Espírito Santo
Fonte: Berlandi, Tardivo e Kabeya (2010)

Acerca dos rituais preparatórios, Berlandi, Tardivo e Kabeya¹⁶² observam que a peregrinação se inicia na zona rural e se encerra na zona urbana, uma etapa que transcorre ao longo de quinze dias anteriores a Festança, sendo que a responsabilidade pela realização da Festa do Divino Espírito Santo está a cargo de dois grupos distintos, festeiros e folia do Divino. No entanto, Ariano¹⁶³ afirma que a peregrinação dura mais do que um mês, lembrando que esta etapa é realizada anteriormente ao início da Festança, que dura em torno de uma semana.

- a) **Festeiros:** Imperador, Imperatriz, Capitão do Mastro, Alferes da Bandeira, Mordomos e Procuradoria da Irmandade;
- b) **Folia do Divino** (composta por seis foliões): Mestre, Sanfoneiro, Fogueteiro e adolescentes entre 13 e 17.

¹⁶² BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.9.

¹⁶³ ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.6

Conforme Berlandi, Tardivo e Kabeya¹⁶⁴, um dos foliões é responsável pela caixa, instrumento musical, um pelo violão e outro pela sanfona, sendo que o grupo também porta duas bandeiras, chamadas respectivamente de “rica” e “pobre”. A diferença entre elas, ao menos em matéria de estética é que na extremidade do suporte da bandeira é possível observar uma pombinha representando o Divino Espírito Santo, sendo que na pobre ela é feita de madeira ou gesso, e na rica ela é confeccionada em prata.

Por sua vez, Facchinetto¹⁶⁵ adiciona que o folião que representa o papel de Alferes da Bandeira se encarrega de portar a bandeira pobre, ao passo que o folião que representa o papel de Capitão do Mastro se encarrega de portar a bandeira rica. No entanto, afirma que só a bandeira pobre pode circular na Zona Rural e Urbana, pois a bandeira rica só circula pela região urbana, podendo entrar nas casas desde que alguma prenda seja oferecida. “Comida, bebida e pouso são oferecidos aos que acompanham a marcha, e ganham oferendas para a festa.”¹⁶⁶

A diferença entre essas paisagens é realçada pelo rito de despedida que os bandeireiros fazem em cima da ponte sobre o rio Guaporé, considerada o ponto limite entre elas: enquanto entoam um verso específico para a ocasião, os bandeireiros sobrepõem o tecido de ambas. Na zona rural, a imensa maioria da população são chiquitanos, povo indígena com o qual os negros vilabelenses convivem desde a fundação da cidade e são parceiros frequentes em matrimônios. Nessa área, a bandeira visita também pequenos proprietários rurais, que se organizam como comunidades quilombolas, e umas duas ou três imensas fazendas de criação de gado, com as quais mantém contato devido à prestação de serviços braçais.¹⁶⁷

Em seu estudo, Lima¹⁶⁸ observa que a partir do momento em que o Alferes da Bandeira adentra a residência de um devoto do Divino Espírito Santo, os foliões que ficam do lado de fora, dentre eles o Capitão do Mastro que porta a bandeira rica, começam a cantar alguns cantos, sendo que um deles serve de incentivo para que o devoto doe uma prenda que será utilizada na realização da Festa do Divino:

¹⁶⁴BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.9.

¹⁶⁵FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.5

¹⁶⁶*Idem*.

¹⁶⁷ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.6.

¹⁶⁸LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.43.

Divino pede a esmola
 Não pede por carecer
 Pede por experimentar
 A quem seus devotos quer ser.¹⁶⁹

Segundo Facchinetto¹⁷⁰ em um determinado local as bandeiras se reencontram, e todos os festeiros se direcionam para a Igreja Matriz, onde são hasteadas ao som de rezas e cânticos, levando em consideração que as bandeiras só são observadas juntas quando as duas estão no perímetro da cidade, pois do contrário implicaria em dizer que uma está na região rural e a outra na urbana. Em suma, afirma que o principal propósito da Festa do Divino é proteger toda a região, com o desejo de que o fluxo da vida siga sob as graças do Espírito Santo.

Por sua vez, Fava¹⁷¹ aponta que os indivíduos que cumprem o papel de recolher as esmolas, e aqui não fica claro se as esmolas cumprem a mesma função das prendas, são o Imperador e a Imperatriz, um título que serve mais para homenagear os festeiros que participaram ativamente da organização da festa do que se caracterizar como uma simbologia mais aprofundada.

Segundo Ariano¹⁷² em alguns contextos a forma de sorteio e os papéis destes personagens adquirem outros contornos e atribuições, pois em alguns casos o cargo de Imperatriz não existe, ou então a pessoa que irá cumprir o papel de Imperatriz não é sorteada, pois será apenas a esposa do Imperador.

Nesse sentido, expõe que atualmente é possível observar uma equivalência na distribuição dos encargos em matéria de custeio, o que implica no processo de peregrinação pela região rural e urbana, pois é nessa etapa que as pessoas oferecem as prendas e as esmolas, recebendo em troca a presença as bandeiras em sua residência.

Em seu estudo, Ariano¹⁷³ tenta encontrar e entender a origem da relação da bandeira rica com a Imperatriz e da bandeira pobre com o Imperador, sendo que a única pista para a compreensão desse mistério é a afirmação de que a bandeira pobre é a expressão da humildade do santo, ao passo que a bandeira rica é a expressão da dádiva do santo, o que pode ser interpretado como a importância do indivíduo não se deixar levar pela cobiça apesar de estar em um cargo de liderança, optando por defender posturas humildes, por outro lado, ao

¹⁶⁹ *Idem.*

¹⁷⁰ FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.5

¹⁷¹ FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.14.

¹⁷² ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.38.

¹⁷³ *Idem*

relacionar a dádiva com a Imperatriz, pode ter sido tecida uma relação com a imaculada conceição ou com a fertilidade.

Por outro lado, Fava¹⁷⁴ afirma que em algumas ocasiões o Imperador e a Imperatriz não são escolhidos por sorteio, mas indicados por uma organização religiosa chamada de Irmandade, exceção que relaciona com situações em que a Irmandade faz alguma promessa ao sagrado. “No ritual de abertura, os festeiros levam a bandeira, o mastro e a pomba na arrecadação de dinheiro e distribuição da graça na casa das pessoas. Esses elementos constituem o universo simbólico da festa do Divino Espírito Santo.”¹⁷⁵

A seguir explora com mais detalhes as atribuições da Imperatriz, ao comentar que fica a cargo dela a organização, a compra de alimentos e o controle das doações para a Festa do Divino, sendo que à título de agradecimento esta personagem é agraciada com uma festa exclusiva, no qual decide o cardápio.

Conforme Ariano¹⁷⁶ após o término da peregrinação, as bandeiras cumprem o importante papel de conduzir os festeiros até o local da Missa do Divino, que se caracteriza como o ponto alto do evento. E com o término desta, é dado início a um banquete gratuito que é realizado no Centro Comunitário da Igreja, evento que é custeado pelos próprios festeiros. “O Imperador é responsável pelo almoço e a Imperatriz, pelo jantar que chega a receber até 5 mil pessoas.”¹⁷⁷

No altar do Divino, predomina o vermelho e branco, às vezes, o dourado, onde a coroa ou o cetro, ambos de prata, dependendo se o morador é imperador ou imperatriz, são depositados. Para São Benedito, as cores azul e branco tingem

as cortinas sobrepostas à parede onde o altar é arranjado, quando a casa é apenas rebocada e sem pintura. Delicadas toalhinhas de croché ou renda são assentadas sobre o móvel, no qual ficará assentada a imagem secular do santo negro, uma das poucas no Brasil em que ele aparece com um buquê de flores azuis e brancas nas mãos, uma alusão ao milagre das flores. Dependendo do morador, o oratório pode conter outras referências religiosas católicas, mas de caráter discreto. O oratório doméstico da festa de Mãe de Deus requer a cor rosa e carrega uma imagem de Nossa Senhora Mãe de Deus.¹⁷⁸

¹⁷⁴ FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.11.

¹⁷⁵ *Idem.*

¹⁷⁶ ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.6.

¹⁷⁷ *Idem.*

¹⁷⁸ ARIANO, Heloisa Alfonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. p.14.

A Dança do Congo

Dedicada a São Benedito, a Dança do Congo ou Congada é de origem autenticamente africana. Em Mato Grosso, é uma manifestação que ocorre tradicionalmente em duas cidades: Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento. Em Vila Bela, primeira capital de Mato Grosso, a Dança do Congo representa a resistência dos negros que continuaram na região, após a transferência da capital para Cuiabá, em 1835. Faz parte da festa de São Benedito, que ocorre sempre no mês de julho, em uma segunda-feira, quando comemoram o dia do santo.



Figura 33- Encenação da dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade
FONTE: <http://fuzuedasartes.blogspot.com/2012/01/conheca-danca-do-congo.html>

Conforme Moura e Jarabiza¹⁷⁹, as chamadas festas de santo realizadas pelos escravos devem ser observadas como forma de invocação de poder e pedido de proteção dos santos e dos deuses, além de contribuir para manter vivos seus valores e suas tradições. Portanto, conclui que as festas de santo também serviam como suporte emocional para lidar com a dura realidade escravocrata ao pedirem força aos deuses e ao resgatarem memórias e tradições como uma forma de superar tristezas e medos.

Em outras palavras, Moura e Jarabiza¹⁸⁰ caracterizam as festas de santo como uma espécie de trégua indecisa, na qual todos deixam de lado qualquer tipo de confronto direto, trabalho e suas rotinas para participar da celebração comunal, desta forma as asperezas do dia a dia são esquecidas. “Pode-se fazer uma imagem da festa como um caleidoscópio no qual se refletem vários aspectos da vida social.”¹⁸¹

¹⁷⁹ MOURA, Joangela Oliveira de; JARABIZA, Vander. Identidade Étnica e Cultural: da Festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento - Mato Grosso. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, p.2

¹⁸⁰ *Idem.*

¹⁸¹ *Idem.*

Portanto, é possível afirmar que estas expressões culturais e religiosas devem ser observadas dentro de uma perspectiva mais ampla de manutenção do tecido social, proposta esta que também conta com a realização de casamentos e mutirões de ajuda aos necessitados dessa comunidade, atividades que devem ser observadas como forma de promover um sentimento de pertença.¹⁸²

Por sua vez, Fava¹⁸³ afirma que tanto a Dança do Chorado quanto o Congo, que chama de “Ritual do Congo”, fazem parte da Festa de São Benedito, o que evidencia o sincretismo religioso que se formou como característica das manifestações culturais e religiosas de Vila Bela da Santíssima Trindade. Em suas palavras, os dois rituais possuem um enredo formado por diversos sistemas simbólicos e históricos.

Conforme Fava¹⁸⁴ o Congo se caracteriza como um ritual teatralizado que conta com a participação de diversos personagens e artefatos simbólicos, sendo que o pano de fundo da narrativa teatral é a própria cidade e a história representada se dá na forma de uma guerra entre reis africanos, como ilustra a Figura 22.

Tendo isso em mente, Fava¹⁸⁵ relata com base em depoimento de um morador de Vila Bela da Santíssima Trindade que teve participação ativa nas danças do congo que a origem dessa manifestação cultural e religiosa vem da Guiné, no entanto, ao longo do tempo novas atividades foram acrescentadas, o que tornou a dança do congo algo único. Em seu entendimento, a dança se caracteriza como a representação de uma disputa de poder entre reis e a comunidade negra escrava. “O reinado é representado pelo Rei do Congo, Secretário de Guerra, e o Príncipe. A comunidade representada pelo Embaixador, figura chefe e seus soldados rebeldes.”¹⁸⁶

¹⁸²MOURA, Joangela Oliveira de; JARABIZA, Vander. Identidade Étnica e Cultural: da Festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento - Mato Grosso. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, p.2

¹⁸³FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.14.

¹⁸⁴FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.15.

¹⁸⁵ *Idem.*

¹⁸⁶ *Idem.*



Figura 34— Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT.
Fonte: Moura e Jarabiza (2011)

De acordo com Lima¹⁸⁷ a Festa de São Benedito começa com o que chama de alvorada dançante, evento que apesar do nome começa à meia-noite de sábado no pátio da Igreja Matriz, sendo que a festa se inicia no dia deste santo. Após uma queima de fogos e o alerta sonoro de sinos chamando a atenção de todos, tem início uma procissão pela cidade formada por pessoas cantando e dançando, sendo que estes cantos seguem um repertório definido, o mesmo empregado na festa do Divino Espírito Santo. “É comum também, no fim da alvorada, por volta das 6 h do domingo, os seresteiros se dirigirem à casa de um dos festeiros para saborear uma succulenta sopa.”¹⁸⁸

Conforme Lima¹⁸⁹ os personagens da Dança do Congo entram em cena, na Festa de São Benedito, apenas na madrugada do dia seguinte, um domingo. Sendo que o dia de Sábado é reservado para as rezas cantadas nas residências das pessoas que estão investidas na figura do Rei, Rainha, Juiz e Juíza, o que pode ser considerado uma etapa de cunho ritualístico e preparatório para a grande festa.

Na segunda-feira, às 5 h, um soldado do Congo, tocando um bumbo, começa a percorrer a cidade com a finalidade de chamar todos os dançantes do Congo. Um a um vai se juntando aos demais até que todos sejam convocados. O último a integrar-se ao grupo é o Rei do Congo. Estando o folguedo todo formado - o Rei do Congo, Príncipe, Embaixador, Secretário

¹⁸⁷LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos. 2000. p.58.

¹⁸⁸Idem.

¹⁸⁹*Ibidem.*

do Rei do Congo e os 24 soldados dançantes- tem início o ritual do convite aos festeiros de São Benedito para participarem da missa. Todos os integrantes do Congo saem pelas ruas da cidade convidando os festeiros (a Juíza, o Juiz, a Rainha, o Rei e as Ramalhetes) - sempre nesta ordem-, para se dirigirem até a igreja matriz e participar da celebração da missa.¹⁹⁰

Em seu estudo, Moura e Jarabiza¹⁹¹ apontam que as congadas observadas em outras regiões do Brasil e a Dança do Congo observada em Vila Bela da Santíssima Trindade possuem a mesma raiz histórica, se caracterizando como uma forma de escravos africanos manterem viva a memória das cerimônias de coroação dos monarcas africanos. No entanto, ao longo do tempo manifestações culturais como a Dança do Congo foram absorvendo elementos culturais e religiosos de outras sociedades, como a indígena e a portuguesa.

Portanto, Moura e Jarabiza¹⁹² afirmam que apesar de ser dedicada a São Benedito, a Dança do Congo, também chamada de Congada, possui raízes históricas africanas. Portanto, é possível concluir que apesar de outras festividades em regiões brasileiras serem chamadas de congadas, a Dança do Congo que é objeto de análise neste estudo é realizada em duas cidades distintas do Estado do Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento.

No entanto, é possível perceber algumas diferenças entre a Dança do Congo de uma cidade e da outra, pois segundo relata¹⁹³, na dança de Nossa Senhora do Livramento também são alvos da devoção popular São João e Nossa Senhora da Conceição, sendo que esta última é a santa devota da casa, além de São Benedito, que chama de “santo dos negros”. Nesse sentido, as Figuras 23 e 24 evidenciam possíveis diferenças nas indumentárias dos participantes.

¹⁹⁰LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos. 2000. p.58.

¹⁹¹MOURA, Joangela Oliveira de; JARABIZA, Vander. Identidade Étnica e Cultural: da Festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento - Mato Grosso. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, p.3

¹⁹²*Idem.*

¹⁹³*Ibidem.*



Figura 35- Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade

Fonte: Moura e Jarabiza (2011)

Por sua vez, Berlandi, Tardivo e Kabeya¹⁹⁴ afirmam que a Dança do Congo se caracteriza mais como uma junção de peça teatral realizada em espaço aberto e um jogo do que uma manifestação religiosa, pois os personagens fazem uso de trajes coloridos e portam espadas de brinquedo.

Também afirma que o enredo desse teatro-jogo gira em torno das querelas entre dois reis e seus acompanhantes, na forma do Rei do Congo, seu filho Kanjinjin e seu secretário de guerra de um lado, e o Rei Bamba de outro. Personagem este que, no entanto, é representado pelo seu exército e pelo seu embaixador, totalizando 25 personagens, dentre os quais 24 representam os soldados do Rei Bamba, como é possível observar na Figura 27.



Figura 36— Dançantes do Congo em frente as ruínas da Igreja Matriz

Fonte: Berlandi, Tardivo e Kabeya (2010)

¹⁹⁴BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.12.

Portanto, é possível dizer que o ponto alto da Dança do Congo se revela no momento do embate entre o Rei do Congo, seu filho Kanjinjin e seu secretário de guerra de um lado, e as forças do Rei Bamba de outro e como se fosse a representação de uma mitologia imemorial, quem vence a batalha é o Rei do Congo, ao fazer uso de conhecimentos em magia, expressões e ao proferir determinadas palavras. “Essa dança ajuda a sustentar a vivacidade da cultura de seus antepassados para seus antecessores.”¹⁹⁵

Em seu estudo, Moura e Jarabiza¹⁹⁶ também apontam que a Dança do Congo remonta a antigos costumes conguneses e hábitos dos povos bantos, relacionados ao período da eleição de um novo rei, evento que contava com cânticos e danças guerreiras. Portanto, é possível afirmar que a Dança do Congo é a dramatização de uma luta travada no campo do simbolismo, mais do que a representação de um momento histórico específico.

Sendo que conforme Moura e Jarabiza¹⁹⁷ o pretexto para esta guerra se iniciar é um pedido de casamento feito pelo embaixador do Rei Bamba para a filha do Rei do Congo, que por sua vez nega o pedido, resultando em uma declaração de guerra proferida pelo embaixador. O trecho a seguir faz menção a uma bebida chamada Kanjinjim, mesmo nome do filho do Rei de Congo, nesse sentido a Figura 26 ilustra uma fotografia desta iguaria.

O motivo da rejeição, teria sido que o Rei do Congo desconfiava que o Embaixador quisesse fazer uma traição ao reinado: após o casamento, ele tomaria o poder, possivelmente, matando o Rei, o Secretário e o Príncipe, ficando com a coroa. Em uma outra versão, o Embaixador é o mensageiro do Rei de Bamba, que manda pedir a mão da Princesa em casamento. Os personagens do reinado do Congo são o Rei, o Príncipe e o Secretário de guerra; do reino adversário aparecem o Embaixador e soldados. A nobreza usa mantos, coroas e bastões coloridos e ornamentados com flores, como instrumentos; o Príncipe e o Secretário de Guerra vestem também saiote com armação de arame e peitoral em forma de coração como escudo. “Os soldados usam espadas, capacetes com pena de ema, flores e fitas, e o cantil que contém bebida chamada “Kanjinjim” e “Esquenta Xereca”, feita à base de cachaça, gengibre, canela, cravo e mel que serve para estimular os dançantes.”¹⁹⁸

¹⁹⁵BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.12.

¹⁹⁶MOURA, Joangela Oliveira de; JARABIZA, Vander. Identidade Étnica e Cultural: da Festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento - Mato Grosso. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, p.5.

¹⁹⁷*Idem.*

¹⁹⁸*Ibidem.*

Fava¹⁹⁹, que esteve pessoalmente nas festividades de Vila Bela da Santíssima Trindade, observou como as posições hierárquicas são muito respeitadas na cidade ao longo dos festejos, mesmo que as pessoas que estejam representando algum papel na Dança do Congo não cumpram com certas obrigações que lhe competem relativas a organização do evento, além do lugar de destaque que é dado a figuras políticas da cidade.

Conforme relatado em outra obra do autor, durante a realização de uma reza cantada na casa de um membro comunitário da cidade, algumas figuras políticas chegaram ao local, o que fez com que as pessoas comessem a se apertar para que estes indivíduos pudessem passar e ocupar um local de destaque no recinto, o que demonstra um nível de deferência maior do que o esperado em uma situação dessas.

No entanto, o poder e controle dos governantes de Vila Bela se impõem além de suas atribuições profissionais, pois não existe uma separação entre sua função profissional e sua condição de cidadão comum em um evento comunitário. A comunidade e os políticos, que são os membros envolvidos nas relações de poder, não distinguem a situação da reza, que deveria ser democrática e igualitária, das funções dos governantes como chefes de estado, o fato de terem chegado atrasados e não serem ignorados por serem governantes da cidade. Percebo na situação relatada uma hierarquia de valores sociais ao qual a comunidade é submetida, o poder e posição hierárquica prevalecendo sob os valores da fé e da devoção. O prevalecimento do poder também foi testemunhado durante os rituais do congo e chorado na praça, onde existia um lugar restrito aos convidados e representantes políticos como ocorreu no Almoço da Imperatriz, no centro comunitário (ABONIZIO; FAVA, 2013), evento que tive a oportunidade de participar da preparação da comida nos bastidores e do momento de servir.²⁰⁰

É possível observar na obra de Lima²⁰¹ que o papel de Rei e Rainha não são meramente figurativos, pois são os únicos que não fazem parte do processo de sorteio dos papéis, como é o caso do juiz, da juíza e dos ramalhetes, pois o posto de Rei e Rainha são reservados a pessoas de idade, sendo uma forma de homenagear as gerações mais velhas da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Por sua vez, Lima²⁰² afirma que os papéis de Juiz e Juíza possuem um caráter eminentemente prático, pois ficam responsáveis pela organização e oferecimento das refeições na festa, ao passo que compete aos ramalhetes levar consigo durante os desfiles

¹⁹⁹FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.107.

²⁰⁰FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.108.

²⁰¹LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos. 2000. p. 56.

²⁰²*Idem.*

pelas ruas da cidade uma rosa vermelha e uma branca, simbolizando o cumprimento de promessas feitas pelos seus familiares.



Figura 37- Garrafa de Kanjinjim
Fonte: Moura e Jarabiza (2011)

Encerrada a festa, inicia-se a missa, sendo que o encerramento é marcado pela seguinte cantiga:

Sinhô Rei vamos embora
Sua festa já acabou.
Sinhô Rei vamos embora
Sua festa já acabou.
Senhora Rainha vamos embora
Sua festa já acabou
Senhora Rainha vamos embora
Sua festa já acabou.
Sinhô Juiz vamos embora
Sua festa já acabou.
Sinhô Juiz vamos embora
Sua festa já acabou.
Senhora Juíza vamos embora
Sua festa já acabou
Senhora Juíza vamos embora
Sua festa já acabou.
Ramalhetes vamos embora
Sua festa já acabou
Ramalhetes vamos embora
Sua festa já acabou.
Acabou-se a festa
Com muita alegria
Acabou-se a festa
Com muita alegria
Viva Benedito Santo hoje neste dia
Viva Benedito Santo hoje neste dia.

Segundo Lima²⁰³ na missa são cantados apenas hinos litúrgicos católicos, não havendo espaço para cantos de origem africana, sendo que estes hinos têm como objetivo o louvor a São Benedito e abordar a questão do sofrimento do povo. Por outro lado, afirma que todos os hinos são cantados pelo coral da comunidade intitulado “Coral da Consciência Negra”, sem especificar se a presença deles ali é diária ou apenas ao longo da festança de São Benedito. “O canto ‘Vinde meus irmãos’, cantado sempre no final da missa com o intuito de louvar São Benedito, afeta a alegria coletiva a ponto de muitas pessoas chorarem durante a sua execução.”²⁰⁴

A Dança do Chorado

Também conhecida como “Dança das Cozinheiras”, o Chorado acontecia com frequência em qualquer ocasião festiva em Vila Bela e nas comunidades rurais do entorno. Como atividade oficial da Festança, sua incorporação se deu a partir de 1982, quando foi criado e estruturado o Grupo do Chorado, inclusive com o regate de músicas e coreografias. Pelo menos três visões distintas sobre o Chorado circulam em Vila Bela. A primeira é que a dança era um artifício usado pelas mulheres escravizadas que trabalhavam nas casas dos senhores, para que os mesmos tivessem benevolências com seus maridos e/ou filhos, que estariam sendo castigados.

A segunda visão era de que, as mulheres negras eram responsáveis pelo preparo dos alimentos que eram servidos durante os festejos e, como estavam confinadas à cozinha e não podiam participar diretamente das danças, elas criaram sua própria manifestação. Ao término das festas elas organizavam o “mocaroró”, que era a rapa das panelas, e se divertiam ao som de batuque e dançando o chorado. A terceira visão é a de que o chorado era uma das formas de integração e diversão da comunidade incorporada por todos, homens e mulheres com ritmo mais lento e sensual, que animava todos os tipos de festas e celebração e que agora se transformou em um símbolo de manifestação cultural do gênero feminino vilabelense.

Segundo Facchinetto²⁰⁵, apesar de atualmente a Dança do Chorado ser considerada sensual e exuberante a sua origem está intimamente relacionada a um contexto traumático, o do regime escravocrata. A história conta que as escravas usavam a dança como instrumento para chamar atenção dos seus entes queridos que estivessem sendo castigados pelos feitores,

²⁰³LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos. 2000. p. 56.

²⁰⁴LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos. 2000. p. 57.

²⁰⁵FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.5.

buscando desta forma amenizar suas dores. Portanto, o nome “chorado” está relacionado ao choro dos que apanhavam e das suas companheiras que observavam a tudo com sentimento de impotência.

Desta forma, Facchinetto²⁰⁶ aponta que a sedução é a característica mais marcante da Dança do Chorado, na qual a cor das vestimentas e as expressões faciais cumprem um papel importante, outra característica da Dança é o momento em que as participantes equilibram garrafas de Kanjinjin na cabeça sem prejuízo ao ritmo e ao gingado, como ilustra a Figura 27, o que pode ser visto como um espetáculo à parte.



Figura 38– Dançarinas do Chorado

Fonte: Berlandi, Tardivo e Kabeya (2010)

Segundo Berlandi, Tardivo e Kabeya²⁰⁷ originalmente, no período escravocrata, o que veio a se tornar a Dança do Chorado era destinado mais aos feitores, seus patrões, do que aos entes queridos, ao relatar que as escravas se vestiam da melhor forma que podiam e se dirigiam aos seus patrões, e lá dançavam com um lenço amarrado no pescoço e equilibrando algum objeto na cabeça, o que poderia ser uma pedra, lata d’água ou pedaço de madeira.

O objetivo disso era quebrar a frieza do tratamento promovido pelos seus feitores por meio dos artifícios da sensualidade, conseguindo desta forma obter o que desejavam. Portanto, atualmente apenas o contexto da dança mudou, pois deixou de ser usada como artifício para alcançar benesses de seus patrões para se tornar uma expressão cultural, além de

²⁰⁶FACCHINETTO, Janaína. Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. 2009. p.5.

²⁰⁷BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.13.

que o objeto que passaram a equilibrar na cabeça passou a ser a garrafa de kanjinjin, uma iguaria com propriedades supostamente afrodisíacas pelo que um de seus nomes indica.^{208, 209} Abaixo pode ser observado um dos cantos que podem ser ouvidos na Dança do Chorado.

Morena, quem te contou
Que nesta noite sereno
Eu deitada no seu colo
Serenô, não me molho, morena
Era tudo que eu queria
Eu deitada no seu colo, morena
Tinha toda garantia
Mas que vim, que vim
Que vim, que vão
Mas que vim, que vim,
Que vim, que vão.²¹⁰

Como já mencionado por Fava²¹¹, atualmente tanto a *Dança do Chorado* quanto a *Dança do Congo* são partes integrantes da Festa de São Benedito. Por outro lado, também afirma que quando o regime escravocrata imperava no Brasil, além de as escravas usarem a dança para tentar quebrar a dureza de seus feitores e obter deles alguma clemência em relação aos seus entes queridos que estivessem sendo castigados, os feitores também escolhiam em certas situações as escravas mais bonitas para que dançassem para eles, o que era visto como entretenimento.

A partir de 1751 chegaram os primeiros capitães-generais em Vila Bela. Como uma forma de afugentar um pouco da saudade da pátria de origem, era costume realizarem várias festas durante o ano. Para as suas festas particulares, costumavam convocar as escravas de mais destaque, simpatia e beleza para se apresentarem perante eles com esse tipo de dança e animarem suas festas.²¹²

²⁰⁸BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.14.

²⁰⁹MOURA, Joangela Oliveira de; JARABIZA, Vander. Identidade Étnica e Cultural: da Festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento - Mato Grosso. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, p.5.

²¹⁰BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. p.14.

²¹¹FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa:** comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade. 2015. p.14.

²¹²LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.57

Observa-se que menciona especificamente a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, mas não fica claro se a dança é uma expressão cultural que só existiu nessa localidade. O fato é que conforme Fernandes²¹³, as danças do Chorado e do Congo foram sendo integradas às festividades em honra ao santo negro São Benedito, pois são expressões culturais e religiosas intimamente relacionadas com o passado em comum da maioria absoluta dos moradores de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Portanto as festividades se caracterizam como um espaço de afirmação e comunhão da cultura negra, bem como resultado de um movimento de perpetuação de suas tradições e história, na qual existe espaço para manifestações culturais litúrgicas e profanas, iguarias afrodisíacas e cânticos religiosos, guerra e paz. Além disso, Fernandes²¹⁴ aponta como o apogeu da festa a missa de São Benedito, que é realizada após o jogo lúdico e teatral da Dança do Congo se encerrar, e afirma que atualmente mulheres indígenas de nacionalidade boliviana também participam da Dança do Chorado.

Nesta provinciana cidade, a dança afro-brasileira do Chorado emerge em contradição ao mito universalmente difundido da imagem de país “tupiniquim” conhecido pelas expoentes tradições do carnaval, do samba, das mulheres esculturais, com corpos desnudados e libidinosos. Em Vila Bela esta tradição artística, popular da cultura mato-grossense torna-se antítese ao modelo estigmatizado, caricatural e globalizado de estética corporal refletora da brasilidade, expondo a excepcionalidade dos biótipos corporais das mulheres comuns, anônimas e graciosas de descendência africana e indígena.²¹⁵

Por outro lado, Lima²¹⁶ afirma que a mudança da capital de Vila Bela para Cuiabá trouxe um impacto significativo para a Dança do Chorado, pois é possível afirmar que com a mudança da capital os negros ficaram livres para fazer o que bem entendessem na região de Vila Bela, momento que relaciona com a segunda fase da Dança.

²¹³FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.2.

²¹⁴*Idem.*

²¹⁵FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.3.

²¹⁶LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.57

Argumentação defendida por Lima²¹⁷ pois entende que a Dança do Chorado passou por três momentos históricos distintos que foram moldando suas características. O primeiro deles está relacionado a esse contexto escravocrata, no qual escravas que eram mães ou esposas de outros escravos que estivessem sendo punidos de alguma forma se reuniam para dançar para os seus feitores, buscando dessa forma obter suas graças.

No entanto, com a mudança da capital para Cuiabá e o fim do regime de escravidão no qual viviam os índios e negros de Vila Bela da Santíssima Trindade, a Dança do Chorado perdeu a sua razão de ser enquanto forma de influenciar as posturas e as decisões de seus feitores, que já não se encontravam mais na cidade. Apesar disso, Lima²¹⁸ observa que as mulheres que trabalhavam na organização das festas de base lusitana de seus feitores, principalmente as cozinheiras, buscaram preservar a tradição da Dança do Chorado mesmo fora de seu contexto de entretenimento ou busca por clemência.

E aqui chegamos à terceira fase da Dança, pois Lima²¹⁹ afirma que até 1982 ela transcorria dentro de ambientes fechados no qual as mulheres dançavam, entoavam cantos e alguém ficava encarregado de tocar o tambor, no entanto, a porta principal que dava para esse ambiente ficava semicerrada, permitindo que olhares curiosos pudessem observar o que se passava ali. “No passado, a dança configurava-se como uma manifestação cultural exclusiva das mulheres negras realizada secretamente nas residências durante as festas religiosas. Assim o elo comunal genuíno, informal, lúdico pulverizou-se num enigma contemporâneo”.²²⁰

E aqueles que eram flagrados tinham um lenço amarrado em seu pescoço, sendo convidados a participar da dança, desde que pagassem alguma bebida para as cozinheiras, pois desta forma elas poderiam fazer uma festa de cunho mais particular fora do contexto da Dança do Chorado.

Por sua vez, Fernandes²²¹ defende que a Dança do Chorado passou por apenas duas transformações fundamentais desde a sua criação, sendo a primeira delas a participação masculina na forma de políticos regionais, o que trouxe novos matizes para esta expressão cultural de Vila Bela da Santíssima Trindade, lembrando que anteriormente a 1982 a dança ocorria em locais privados ou semi-privados, nos quais os homens curiosos eram convidados a participar, desde que pagassem uma bebida para as cozinheiras.

²¹⁷LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.58

²¹⁸*Idem.*

²¹⁹*Idem.*

²²⁰FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.4.

²²¹FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.2.

E a outra transformação se refere a introdução da garrafa de Kanjinjin que é equilibrada na cabeça das dançarinas, um elemento que foi introduzido na década 80, cuja motivação se perdeu no tempo, nesse sentido a Figura 28 contribui para ilustrar este fenômeno.

Conforme Fernandes²²² atualmente vinte e uma mulheres de origem negra ou indígena compõem o grupo de Dança do Chorado, além de três homens que cumprem o papel de músicos, cantores do coral afro e colaboradores, sendo que as dançarinas contam com idades entre 40 e 69 anos.

Na dança, a maioria dos corpos das mulheres negras e mestiças indígenas apresentam silhuetas avantajadas, seios fartos, barrigas protuberantes, cinturas assimétricas, quadris largos, braços volumosos, muitas esboçam traços resultantes da maternidade exercida, da idade, das marcas de trajetórias da vida corpórea, estética e profissional de mulheres laboriosas, progenitoras, “multifuncionais” e graciosas da comunidade guaporense, mas também mostram corpos devidamente encobertos pelos longos vestidos estampados, decotes circunspectos e enfeites de acessórios afros, instigando pensamentos, sujeições de segredo, provocação, mistério e respeito.²²³

Portanto, Fernandes²²⁴ afirma que a vestimenta das dançarinas do Chorado se caracteriza como um fenômeno a parte digno de ser estudado enquanto forma de comunicação não-verbal. Além de que estes figurinos são colecionados e transformados em herança de grande valor emocional e simbólico, chegando a se tornar alvo de disputas em matéria de espólios quando a senhora que cumpre o papel de dançarina do chorado vem a falecer.

Segundo Lima²²⁵ a Dança do Chorado é realizada após a celebração da missa em honra de São Benedito, lembrando que a Dança do Congo ocorre antes da mesma, por meio da figura 27 é possível supor que as dançarinas se encontram em frente a uma igreja. Encerrada a missa, as dançarinas se aproximam da Igreja cantando alguns versos ao som de um tambor e de um violão, acompanhamentos que passaram a ser utilizados recentemente, pois originalmente a Dança do Chorado era acompanhada somente pelo bater de mãos em tambores e outros objetos que pudessem emitir sons, como bancos, mesas e cadeiras.

²²²FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.2.

²²³FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.3.

²²⁴FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.2.

²²⁵LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.60.



Figura 39— Dançarina com garrafa de Kanjinjin na cabeça

Fonte: Moura e Jarabiza (2011).

E vem, e vem a barra do dia e vem
 Eu peço aos vila-belenses licença
 queira nos dar, viemos de Vila Bela,
 essa dança apresentar.
 Eu falo aos vila-belenses,
 uma coisa, uma coisa vou dizer
 o carro sem boi não anda, eu não canto sem beber.²²⁶

Encerrada essa etapa, todas se afastam do local que está fazendo às vezes de palco, para então retornar de duas em duas e outra cantoria começar, sendo que os nomes mencionados na canção representam os nomes das dançarinas, e a seguir uma série de outros

²²⁶LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.60

cantos são apresentados.²²⁷



Figura 40- Dançarinas em frente a uma aparente Igreja

Fonte: Friedlander (2001)

Por sua vez, Fernandes²²⁸ as danças do Chorado são circulares, como ilustra a Figura 30, sendo que a rotação do giro vai sendo intercalada de tempos em tempos, o que não se altera quando as dançarinas colocam as garrafas de Kanjinjin na cabeça. Portanto, elas estão o tempo todo requebrando os quadris, de mãos postas na cintura e balançando vigorosamente seus vestidos longos e estampados, somando-se a isso o fato de que elas dançam descalças.



Figura 41– Circularidade da Dança

Fonte: Passini (2020).

²²⁷LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.60

²²⁸FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. p.4.

Encerrada essa etapa, o espetáculo chega ao fim, momento em que os espectadores são saudados com um lenço que se encontrava desde o início em suas cinturas. O que significa que mesmo que a Dança do Chorado não ocorra mais em local fechado com os curiosos sendo “lençados” para dentro do salão, ele ainda está presente e tem um papel a cumprir.²²⁹

²²⁹LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santíssima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. p.60.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A satisfação em ver um trabalho concluído faz valer a pena cada esforço para superar as dificuldades. Esse é o sentimento que acomete o professor, ao perceber que todo esforço empreendido resultou em um melhor entendimento da História por parte de seus educandos. Assim, a cada página desse trabalho busca trazer a tona essa satisfação, ao mesmo tempo em que procura proporcionar a outros professores a mesma satisfação. Dessa maneira, podemos concluir que a presente pesquisa buscou, em toda a sua extensão fazer uma síntese do trabalho pedagógico e as possibilidades da utilização da educação patrimonial, como aliada no processo de ensino e aprendizagem, transformando o trabalho de ensinar e aprender História em algo prazeroso, sem deixar de lado o compromisso com uma educação histórica que fosse capaz de transformar a visão que por ventura os alunos poderiam ter desenvolvido da nossa História.

A realização de uma aula de campo não é tarefa fácil, ainda mais quando um dos agentes é menor de idade. Pensando nisso, o capítulo I desse trabalho buscou, na medida do possível, expor a importância, a metodologia e as possíveis dificuldades que o professor possa encontrar ao se dispor a realizar esse tipo de trabalho metodológico que envolve aulas presenciais em sala de campo, com o desdobramento de aulas de campo e viagens de estudo. Elencando uma série de elementos que podem ser entraves, buscamos analisar de forma didática, as estratégias que usamos para superar questões técnicas e organizacionais para acontecer tal evento: como autorização dos pais para a viagem dos alunos, maneiras de engajar os estudantes no projeto para que eles percebam que não é apenas um passeio, mas sim um trabalho pedagógico que deve trazer resultados para a comunidade escolar, além de maneiras de superar as questões financeiras.

Também no capítulo I, buscamos dialogar com autores que discutem o Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial no ensino básico, trazendo para o debate, nome como o de Selva Guimarães Fonseca, Funari e Pelegrini, , Maria de Lourdes Parreira Horta, dentre outros que contribuíram para o entendimento para o campo de estudo aqui mencionado. A aplicabilidade desse tipo de trabalho é discutido no texto de maneira quase prática, ao expor trabalhos escolares desenvolvidos por estudantes, que após participarem do projeto apresentaram para a comunidade escolar os resultados do aprendizado adquirido, com produção de textos e maquetes dos lugares de memórias por eles visitados.

É salutar destacar nesse trabalho, que didaticamente iniciamos esse estudo, respeito o roteiro de visita, tratando especificamente da Fazenda Jacobina. Aqui apresentado em

uma breve história da propriedade, trazendo a tona elementos que possam ser usados pelos professores na elaboração de um trabalho de campo no local. Assim, elementos como a participação das mulheres na administração da fazenda, particularidades quanto ao momento histórico de sua fundação, além de apresentar os agentes responsáveis pelo sucesso do empreendimento rural, são tratados de forma que posso levar os alunos a ter uma noção teórica daquilo que estarão prestes a conhecer. Todo esse material, ganha enorme significado quando visto como um suporte para a prática. Ao chegar nesse espaço de memória e ver que os alunos estão conseguindo fazer essa ligação entre a teoria e a prática, o professor se sente realizado. Mas, para além disso, é gratificante ver o estudante conseguindo se identificar com a História do local e percebendo que ele próprio é agente ativo, e não mero espectador do processo histórico. Nesse sentido, o ensino de História tendo a aula de campo e a educação patrimonial como metodologia cumpre seu papel, ao despertar nos estudantes um sentimento de pertencimento com os locais de memória.

A cidade histórica de Cáceres, objeto de análise no terceiro capítulo desse trabalho. Além das possibilidades de educação patrimonial que o local oferece, nesse capítulo buscamos também fazer uma breve abordagem histórica do local, como material de apoio para professores do ensino básico. Vila Maria do Paraguai, como era chamada inicialmente teve enorme importância para o povoamento e desenvolvimento da região Oeste de Mato Grosso. Percebendo que o local era estratégico, a Coroa portuguesa procurou fazer com que a região de Cáceres, desde o início cumprisse o seu papel de ser uma ponte entre Cuiabá e a Vila Capital. Assim, após sair da Fazenda Jacobina, a próxima parada foi o centro de Cáceres, mais precisamente na praça Barão do Rio Branco, local onde se encontra instalado o Marco do Jauru, monumento Histórico discutido no presente estudo. Nesse sentido, buscamos apresentar também a História de tal monumento e sua importância para a delimitação das fronteiras entre as terras que passariam a pertencer a Portugal e Espanha, no chamado Tratado de Madri, de 1750. Apesar de ser o Marco, o principal elemento histórico estudado nessa localidade, ganhou destaque também o Centro Histórico de Cáceres, assim com a Igreja Matriz, construída defronte a mencionada praça.

Os dois últimos capítulos dessa dissertação são referentes a primeira Capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade. Também conhecida como Vila Capital. Nessa antiga cidade mato-grossense encontra-se inúmeros espaços de memória que possibilitam estudos históricos do Brasil colônia, bem como lugar rico e encantador para realizar atividades de ensino de história, se inserido no contexto da educação patrimonial. Isso porque essa localidade é vista nessa dissertação como o ponto alto do trabalho aqui

proposto. Aqui apresentamos a História da Vila que foi construída com o propósito de servir como uma barreira ao avanço espanhol para as terras que passaram a pertencer de fato a Portugal, com a assinatura do Tratado de Madri, pois tinha a missão de povoar a região do extremo Oeste de Mato Grosso. As Ruínas da Igreja Matriz e outros elementos ainda existentes na cidade, dão conta da importância do local, com vestígios capazes de levar professores e alunos de diversas áreas de conhecimento a se sentirem de fato como parte integrantes de uma História que data de séculos atrás.

Por ultimo, mas não menos importantes, as manifestações culturais de Vila Bela são apresentados no ultimo capítulo desse trabalho. O significado das Danças do Congo e do Chorado, que são fortes indícios de um período em que mão de obra escrava era principal força de trabalho, ainda conserva a essência de uma luta constante pela libertação do cativo. Ao presenciar a essas manifestações culturais, os estudantes têm uma percepção de que, diferentes do que muitos pensam, os escravizados, mesmos em condições desfavoráveis, foram os verdadeiros agentes de suas histórias. Dessa maneira, o ensino de História ganha significado, fazendo com que os estudantes percebam que também são agentes ativos de suas próprias histórias.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, M.S.S. **Espaços urbanos e memórias de acontecimentos humanos. Anais...X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL**, 10., 2010, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. Disponível em: https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269978683_ARQUIVO_TextocompletoABHOREcife.pdf. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

ARIANO, Heloisa Alfonso. **Festaça de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”**. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/13369>. Acesso em: 14 de Fevereiro de 2020.

BANDEIRA, M.L. **Território negro em espaço branco**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1988.

BARRETTO, M. **Turismo e Legado Cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papirus, 2000. – (Coleção Turismo).

BERLANDI, Anne Caroline de Brito; TARDIVO, Veruska Pobikrowska; KABEYA, Renata Barros Abelha. Vila Bela da Santíssima Trindade: manifestação de fé e cultura. Periódico eletrônico: **Fórum Ambiental Da Alta Paulista**, 2010. Disponível em: http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/viewFile/40/43. Acesso em: 6 de Fevereiro de 2020.

BINDANDI, W., MALUF-SOUZA, O. **O Marco do Jauru: A construção de um saber sobre o monumento/a monumentalidade**. *Entremeios*, v. 14, p. 37-50, 2017. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/426.pdf>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2º ed. São Paulo Cortez, 2008. P. 69-90.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília. MEC/SEF, 1998. P.91.

CALLAI, Helena C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí, Unijuí, 1988.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 190.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. PATRIMÔNIO CULTURAL, ESCOLA, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 9, núm. 1, 2005, pp. 91-109. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526860010>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

CERZOSIMO-GOMES. **Italianos em Mato Grosso: Fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata (1856-1914)**. Cuiabá: Entrelinhas/Edufmt, 2011.

CHAVES, Otávio Ribeiro. **Política de povoamento e a constituição da fronteira oeste do império português: a capitania de Mato Grosso na segunda metade do século XVIII**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/34919>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

CHAVES, O.R., ARRUDA, E.F. **Cáceres: História e Memória**. Editora UNEMAT, 2011, p.303. Disponível em: http://www.unemat.br/reitoria/editora/downloads/electronico/historia_memoria_caceres.pdf. Acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2003.

FACCHINETTO, Janaína. **Arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos**. 2009. Disponível em: <www.artecidade.ufba.br/p_JAF.pdf>. 06 de Fevereiro de 2020.

FAVA, Bruna Mendes de. **Valores sociais na mesa: comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade**. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2015. Disponível em <http://ri.ufmt.br/handle/1/98>. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2020.

FERNANDES, B. T. F. Dança do Chorado: facetas do corpo e cultura vilabelense. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, n. 11, nov. 2010. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_17.pdf. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2020.

FERNÁNDEZ, Fátima Addine. **O Processo Ensino-Aprendizagem. Didáctica y Optimización Del Proceso de Enseñanza-Aprendizaje**. IN: Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño. La Havana, Cuba, 1998. Disponível em: <https://www2.unifap.br/midias/files/2012/04/O-Processo-Ensino-Aprendizagem.pdf>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

FLORENCE, H. **Viagem fluvial, do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Brasília: Edições do Senado Federal, vol. 93, 2007.

FLORÊNCIO, S.R. et al. **Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos**. Brasília, DF: IPHAN, 2014.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: UFRJ / Minc - IPHAN, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. **Estudo da história local e fontes orais**. Revista História Oral, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006, p. 127.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRIEDLANDER, M. Dança do Chorado de Vila Bela da Santíssima Trindade. 2001. Disponível em: <http://projetoparaleloquinze.blogspot.com>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2020.

FUNARI, P.P.A., PELEGRINI, S.C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GARCIA, D. S. C.; MICELI, P. C. (Org.). **História e fronteira**. Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2014. 223p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HENNING, PRISCILA. **A preservação do patrimônio entre a teoria e a prática: conflitos contemporâneos na sociedade da imagem**. Florianópolis, SC 2015.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JESUS, Nauk Maria de. **O Governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/2242>>. 06 de Fevereiro de 2020.

LACERDA, Leila Borges de. **Patrimônio Histórico-cultura de Mato Grosso. Bens edificados tombados pelo estado e união** / texto Leila Borges de Lacerda ; colaboração de Claudio Cuos Conte, Maria Tereza Carrion Carracedo. Cuiabá, Mt. Entrelinhas 2008

LEITE, Luís-Phelippe Pereira. **Vila Maria dos Meus Maiores**.Ed. Mato Grosso: IHGMT, 1978.

LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos / \ c Jose Leonildo Lima. 2000. 223f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268957>>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

LIMA, Jose Leonildo. Vila Bela da Santissima Trindade - MT: sua fala, seus cantos. **Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação**. 25 anos de Instituto de Estudos da Linguagem, p.181-190. Campinas, SP. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/download/6220/7004>>. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2020.

MAGALHÃES, Leandro Henrique *et al.* **Educação Patrimonial: da teoria à prática**. Londrina: Ed. da UniFil, 2009.

MENDES, L.C.C; CASTRILLON-MENDES, O.M.memórias e representações simbólicas nos discursos de fronteira.**Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres, vol.8, n.1,2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/618>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

MESQUITA, I. M. de; FONSECA, Selva G. **Formação de professores de História: experiências, olhares e possibilidades**. Revista História, UNISINOS, Vol. 10 Nº 3 - setembro/dezembro de 2006

MOURA, Joangela Oliveira de; JARABIZA, Vander. Identidade Étnica e Cultural: da Festa de Santo em Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento - Mato Grosso. In: X Congresso Nacional de Educação, 2011, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, PR: PUC-PR, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4477_2823.pdf. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2020.

OLIVEIRA, A. F. B. de. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/cultural no Brasil. **Revista Cadernos do Ceom**,21(29): 20-38, 2008. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/326>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

PASSINI, E.C. Dança do Chorado. 2020 Disponível em: <https://www.ferias.tur.br/fotogr/126048/dancadochoradoporelbacpassini/vilabeladasantissimatrindade/>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2020.

PESTANA, M.B. **Materialidade cultural de monumentos históricos versus esculturas memoriais**: os casos de Santos/SP e Cáceres/MT. *Historiæ*, Rio Grande, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3782>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

PONTUSCHKA, NibiaNacib. **A formação pedagógica do professor de Geografia e as práticas interdisciplinares**. São Paulo, 1994. 280 p. Tese (Doutorado em Educação), USP.

PINTO, H. Dar sentido ao passado interpretando um sítio histórico: uma abordagem de educação patrimonial em educação histórica. In: SOLÉ, G. (Org.). **Educação Patrimonial: novos desafios pedagógicos**. Braga: Cied, Universidade do Minho, 2014.

ROLNIK, Raquel. **História urbana: história na cidade?** Salvador, UFBA/Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992

ROBERTO, Leonardo. Vila Bela da Santíssima Trindade: A Festa do Congo. 2017 Disponível em: <https://www.cidadaocultura.com.br/vila-bela-da-santissima-trindade-a-festa-do-congo/>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2020.

SILVA, Gilian Evaristo França. Festejos a Santo Antônio em Vila Bela da Santíssima Trindade (1772-1789). *Fronteiras*, [S.l.], v. 17, n. 29, p. 34-47, jul. 2015. ISSN 2175-0742. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/4607>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

SILVA, L. C. O processo de nomeação das fazendas-engenhos de Cáceres – MT. Mato Grosso: **Revista Avepalavra**. Ed. 11. p. 9. 2011. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/O%20processo%20de%20nomeacao%20das%20fazendas%20engenhos%20de%20Caceres%20%20MT.pdf>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

SOUZA, C. G. G. Patrimônio Cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, n. 7, p. 37-66, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/redunb/article/view/20374/18812>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

SOUZA, Lécio Gomes de. **Jacobina, A História de uma fazenda de Mato Grosso**. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1998.

TOLENTINO, Atila Bezerra. Org. **Educação Patrimonial**. Diálogos entre escola, museu e cidade. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012. 104p.

VOGT, Olgário Paulo. **Patrimônio Cultural um conceito em construção**. In: MÉTIS: história e cultura v.7 n.13 pp 13-31. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/687>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

ZORATTO, Fabiana Martins Martin; HORNES, Karin Linete. **Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia**. In: Desafios das escolas públicas do Paraná na perspectivas do professor PDE, Cadernos PDE, Versão Online, 2014. < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes>>.